

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Fernanda Roque Amendoeira

**TABUS LINGÜÍSTICOS E O SURGIMENTO DE EUFEMISMOS NA FALA-EM-
INTERAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA COMO L1 E L2**

Belo Horizonte

2021

Fernanda Roque Amendoeira

**TABUS LINGUÍSTICOS E O SURGIMENTO DE EUFEMISMOS NA FALA-EM-
INTERAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA COMO L1 E L2**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras

Orientadora: Prof^a Dr^a Ulrike Schröder

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

2021

A511t

Amendoeira, Fernanda Roque.

Tabus linguísticos e o surgimento de eufemismos na fala-em-interação em língua portuguesa como L1 e L2 [manuscrito] / Fernanda Roque Amendoeira. – 2021.

214 f., enc., il., fots., tabs., grafs.

Orientadora: Ulrike Agathe Schröder.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 120-130.

Apêndices: f. 131-212.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua portuguesa – Falantes estrangeiros – Teses. 3. Eufemismo – Teses. 4. Análise da conversação – Teses. 5. Tabu linguístico – Teses. 6. Linguística aplicada – Teses. I. Schröder, Ulrike Agathe. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.07

FOLHA DE APROVAÇÃO

SEI/UFMG - 0603949 - Folha de Aprovação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

TABUS LINGÜÍSTICOS E O SURGIMENTO DE EUFEMISMOS NA FALA-EM-INTERAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA COMO L1 E L2

FERNANDA ROQUE AMENDOEIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras.

Aprovada em 31 de março de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Ulrike Agathe Schröder - Orientadora
UFMG

Prof(a). Alexandre Cadilhe
UFJF

Prof(a). Thiago da Cunha Nascimento
UFMG

Belo Horizonte, 31 de março de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Thiago da Cunha Nascimento, Usuário Externo**, em 31/03/2021, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ulrike Agathe Schroder, Professora do Magistério Superior**, em 02/04/2021, às 10:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome, Usuário Externo**, em 08/04/2021, às 11:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0603949** e o código CRC **CFDDFF88**.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais por sempre incentivarem e priorizarem meus estudos, me concedendo todas as oportunidades que tive até hoje. À Matilda e à Fiona pelo companheirismo e pela paciência. Aos amigos pelos momentos leves em tempos difíceis, obrigada por serem sempre um sopro de ar fresco.

À professora Ulrike pela orientação e por abrir tantas portas ao longo dos últimos quatro anos. Aos membros do ICMI pelo apoio constante, em especial ao Thiago, ajudante de coleta de dados e companheiro de viagens.

Aos funcionários e professores da Faculdade de Letras, por proporcionarem o conhecimento que adquiri nesse percurso acadêmico.

À professora Sandra, aos alunos e voluntários do Projeto Ler, por me acolherem e me ensinarem tanto.

À CAPES e ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos pelo amparo ao longo do mestrado.

Por fim, aos participantes que tornaram possível esta pesquisa, muito obrigada pela disposição.

Resumo

O uso de figuras de linguagem, especificamente eufemismos, revela como os participantes de uma interação constroem suas falas quando lidam com um tópico, expressão ou palavra que consideram necessário de ser atenuada. Nesta pesquisa, procuramos examinar quando esta escolha é feita por falantes de português tanto como língua materna (doravante L1) quanto como língua estrangeira (doravante L2) e como a construção de eufemismos ocorre. Temos como suporte teórico abordagens que partem de uma perspectiva cognitivo-interacional, tratando os eufemismos como traços presentes tanto na comunicação intra como intercultural. Para investigar as conceptualizações culturais que surgem na fala-em-interação, recorremos a trabalhos sobre Linguística Cultural e Linguística Cognitiva e também a algumas abordagens pragmáticas, como Correia (1927), Kröll (1984) e Guérios (1979), que partem do pressuposto de que tabus linguísticos são parte da estrutura cultural de certas comunidades de fala. Quanto à metodologia, duas gravações em vídeo foram feitas: uma com um grupo de brasileiros, cuja L1 é o português, e outra com estrangeiros, que viviam no Brasil na época, falantes nativos de francês ou alemão. Ambos os grupos conversaram em português para fins desta pesquisa. Após a coleta dos dados, utilizamos o software EXMARaLDA (SCHMIDT; WÖRMER, 2009) para transcrever e as convenções GAT 2 (Selting *et al.*, 2016) para facilitar a transcrição dos aspectos visuais-corporais e verbais do que estava em vídeo. Esta pesquisa mostrou que, em ambas gravações, gestos, prosódia e gestos faciais foram encontrados como ocorrências eufemísticas, bem como substituições semânticas; essas últimas, comumente vistas em gramáticas e livros didáticos, foram encontradas exclusivamente na interação entre brasileiros. Identificamos também outros fenômenos que poderiam funcionar como eufemismos dentro das interações, tais como o uso do humor como um *coping mechanism*, bem como as ocorrências de autorreparo em seus discursos.

Palavras-chave: Eufemismos. Tabus. Fala-em-interação.

Abstract

The use of figures of speech, specifically euphemisms, reveals how the participants in an interaction construct their utterances when dealing with a topic, expression or word that they think needs to be eased. In this research, we aim to examine when this choice is made by Portuguese speakers both as a mother tongue (hereinafter L1) and as a foreign language (hereinafter L2) and how the construction of euphemisms occurs. We have as theoretical framework approaches that start from a cognitive-interactional perspective, treating euphemisms as traits present in both intra and intercultural communication. In order to investigate the cultural conceptualizations that emerge in talk-in-interaction, we resort to works about Cultural Linguistics, Cognitive Linguistics and also some pragmatic approaches, such as Correia (1927), Kröll (1984) and Guérios (1979), which start from the assumption that linguistic taboos are part of the cultural framework of certain speech communities. Regarding the methodology, two video recordings were made: one with a group of Brazilians, whose L1 is Portuguese, and another one with foreigners, that were living in Brazil at the time, and whose L1 were French or German. Both groups talked in Portuguese for the purpose of this research. After the data were collected, we used the software EXMARaLDA (SCHMIDT; WÖRMER, 2009) to transcribe and the GAT 2 conventions (Selting *et al.*, 2016) to facilitate the transcription of both visual and verbal aspects of what was on tape. This research showed that, in both recordings, gestures, prosody and facial gestures were found as euphemisms occurrences, as well as semantic substitutions; the latter, commonly seen in grammars and textbooks, was found exclusively in the interaction between Brazilians. We identified also other phenomena that could function as euphemisms within the interactions, such as the use of humor as a coping mechanism, as well as the occurrences of self-repair in their speeches.

Keywords: Euphemisms. Taboos. Talk-in-interaction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O layout da ferramenta Partitur-Editor.....	57
Figura 2: Identificação dos participantes da interação <i>InBH2019</i>	65
Figura 3: Identificação dos participantes da interação <i>BrBH2020</i>	67
Figura 4: Gesto produzido por I1, referente à linha 114.....	71
Figura 5: Gesto referente à linha 1080.....	85
Figura 6: Gesto referente à linha 1084.....	85
Figura 7: Gesto referente à linha 1085.....	86
Figura 8: <i>Prestroke</i> do gesto produzido por I2, referente à linha 1553.....	91
Figura 9: <i>Stroke</i> do gesto produzido por I2, referente à linha 1553.....	92
Figura 10: <i>Stroke</i> do gesto produzido por I1, referente à linha 1329.....	98
Figura 11: Gesto facial de B4, referente à linha 109	101
Figura 12: Gesto facial de B4, referente à linha 109.....	101
Figura 13: Gesto facial de B3, referente à linha 123.....	102
Figura 14: Gesto facial de B3, referente à linha 123.....	102
Figura 15: Gestos faciais de B1, B2 e B4, referentes à linha 125.....	102
Figura 16: Gestos faciais de I1 e I3, referentes às linhas 1309 e 1310.....	105
Figura 17: Gestos faciais de I1 e I3, referentes às linhas 1309 e 1310.....	105
Figura 18: Gestos faciais de I1 e I3, referentes às linhas 1309 e 1310.....	105
Figuras 19: Gesto facial de I4, referente à linha 1311.....	105
Figura 20: Gesto facial de I4, referente à linha 1311.....	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tipologia das figuras de linguagem (BECHARA, 1999; MESQUITA, 2014 [2013]; AZEREDO, 2008; 2010) 37

Tabela 2: Tipologia de eufemismos segundo Kröll (1984) 46

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1: Processos eufemizantes gramaticais, segundo Correia (1927)	39
Esquema 2: Processos eufemizantes lexicais, segundo Correia (1927)	40
Esquema 3: Processos eufemizantes através de deformações, segundo Correia (1927)	41
Esquema 4: Processos eufemizantes através de auxiliares da linguagem, segundo Correia (1927)	41
Esquema 5: Processos eufemizantes semantológicos, segundo Correia (1927)	42
Esquema 6: Processos eufemizantes estilísticos, segundo Correia (1927)	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: A religião dos brasileiros, em %	29
Gráfico 2: Os tópicos conversacionais em relação às unidades entonacionais na interação <i>InBH2019</i>	68
Gráfico 3: Os tópicos conversacionais em relação às unidades entonacionais na interação <i>BrBH2020</i>	69

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1 Análise da Conversa e Linguística Interacional.....	16
2.1.1 Os gestos manuais e faciais.....	22
2.2 Linguística Cultural.....	25
2.3 Os tabus e os tabus linguísticos.....	32
2.4 Os eufemismos.....	35
2.4.1 Processos eufemizantes.....	38
2.4.2 Polidez e eufemismos.....	47
2.4.3 Eufemismos em L2.....	49
3. METODOLOGIA.....	53
3.1 O sistema de transcrição GAT 2.....	53
3.2 O funcionamento do software EXMARaLDA.....	57
3.3 A coleta de dados.....	58
3.4 As filmagens.....	63
3.4.1 A interação <i>InBH2019</i>	64
3.4.2 A interação <i>BrBH2020</i>	65
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	68
4.1 Pontos em comum nas duas interações.....	70
4.1.1 Metáforas.....	70
4.1.2 Alianças vocabulares.....	74
4.1.3 Termos genéricos.....	78
4.1.4 Antífrase.....	79

4.1.5 Mudança de forma proposicional.....	81
4.2 Especificidades da interação <i>InBH2019</i>	83
4.2.1 Hipersemias.....	83
4.2.2 Onomatopeia.....	84
4.2.3 Circunlocução.....	87
4.2.4 Redução.....	87
4.2.5 Linguagem infantil.....	89
4.3 Especificidades da interação <i>BrBH2020</i>	93
4.3.1 Forma derivada.....	93
4.3.2 Tom de voz.....	93
4.4 Para além de Correia: outros processos eufêmicos.....	94
4.4.1 Reparo.....	95
4.4.2 Discurso reportado.....	97
4.4.3 Gestos faciais.....	100
4.5 Os tabus próprios e os impróprios.....	103
4.6 Discussão dos resultados.....	112
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	120
APÊNDICE I.....	131
APÊNDICE II.....	134
APÊNDICE III.....	187
APÊNDICE IV.....	210

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sociedades humanas vivem sob regras de convívio, sejam elas implícitas ou explícitas. As mais distintas culturas têm como base os acordos comportamentais feitos em torno de tais regras, racionais e conscientes ou não; o tabu viria então como a violação de tais normas sociais. Etimologicamente vinda da Polinésia, a palavra “tabu” (do original *tapu*) era inicialmente reservada às proibições de cunho religioso, tendo o significado se expandido para englobar as mais diversas instâncias da vida em sociedade. A palavra foi trazida para o Ocidente através do navegador britânico capitão James Cook, que descreveu a palavra *taboo*:

Quando o jantar chegava à mesa, nenhum deles se sentava ou comia qualquer coisa que fosse servida. Ao expressar minha surpresa, tudo aquilo era tabu, como eles diziam; tal palavra tem um significado muito abrangente; mas, em geral, significa que uma coisa é proibida¹ (COOK, 1768).

Já no século XX, os tabus foram extensivamente tratados por Freud em sua obra *Totem e Tabu* (1913), que consiste em um estudo em torno do núcleo dos totens, ou seja, os símbolos sagrados e respeitados, e dos tabus, aqui, sendo as proibições de origem incerta, que criam limites às liberdades tanto individuais quanto coletivas de uma determinada comunidade. Endo (2006) afirma que, segundo Freud, os tabus são as primeiras formas de regulação que apareceram na vida em comunidade e a partir deles são fundamentadas as leis das diferentes culturas. Entretanto, diferente dos tabus, as leis possuem uma explicação acerca de seu surgimento, por exemplo é possível pontuar quais grupos estavam interessados na formulação de tais regras. Os tabus, por outro lado, não têm necessariamente origem conhecida, tampouco podem ser modificados. A partir desse conceito geral de ‘tabu’ enquanto uma proibição, temos os tabus linguísticos, que consistem na proibição de palavras ou expressão oral ou escrita, sendo seu uso evitado, contornado ou acrescido de diversos recursos linguísticos.

¹ “When dinner came upon table, not one of them would sit down or eat a bit of any thing that was served up. On expressing my surprize at this, they were all taboo, as they said; which word has a very comprehensive meaning; but, in general, signifies that a thing is forbidden”. Presente nos registros de navegação *Log of H.M.S. Endeavour*, 1768-1770 [manuscrito]. Disponível para consulta online na Biblioteca Nacional da Austrália: <<https://nla.gov.au/nla.obj-517532598/view?partId=nla.obj-558508794#page/n123/mode/2up>>. Acesso em 20 de dezembro de 2020.

Muitos são os exemplos de tabus linguísticos encontrados na literatura. Esse tema foi trabalhado profundamente por Orwell, por exemplo, em sua obra *1984*. Na narrativa, um regime totalitário impõe a sua população uma nova forma de linguagem chamada de “novilíngua”. Essa nova convenção linguística é permeada de eufemismos para atormentar a liberdade de pensamento e apresentar o governo autocrático do romance sob uma luz mais positiva. Através do amplo uso de eufemismos, Orwell ilustra o controle linguístico exercido pelo governo:

As pessoas simplesmente desapareciam, sempre durante a noite. Seus nomes eram removidos dos arquivos, todas as menções a qualquer coisa que tivessem feito eram apagadas, suas existências anteriores eram negadas e em seguida esquecidas. Você era cancelado, aniquilado. Vaporizado, esse o termo costumeiro² (ORWELL, 1949, p. 19. Tradução de Wilson Velloso. Grifo nosso).

Através da novilíngua, vemos a proibição das palavras relacionadas ao campo semântico da morte; em seu lugar, temos “vaporizar” como um eufemismo para ‘matar’ e “vaporizado” para aquele que é morto. Eufemismos relacionados à decência, aqueles direcionados ao corpo humano e ao ato sexual, também são costumeiros em diversas obras, como em *Carrie*, de Stephen King:

— Estou vendo seus travesseirinhos, todo mundo vai vê-los também. Vão olhar para o seu corpo. O livro diz... — Isto são meus seios mãe. Toda mulher tem um. — Tire este vestido — disse a mãe. — Não. — Tire Carrie. Vamos lá pra baixo queimá-lo no incinerador juntas, e depois rezar pedindo perdão. Vamos fazer penitência [...] ³ (KING, 1974, p. 67. Tradução de Erika Rizzo. Grifo nosso).

Adicionalmente, os tabus de delicadeza, relacionados à polidez e à manutenção de regras sociais, muitas vezes também são eufemizados. Por exemplo, palavrões foram humoristicamente censurados na série *The good place*, de 2016 – a palavra *fuck*, do inglês, ganhou como substituto *fork*, ou “feder” na dublagem em português: “Alguém realmente fedeu a coisa toda. Alguém fedeu tudo. Por que eu não posso dizer ‘feder’?”⁴

² People simply disappeared, always during the night. Your name was removed from the registers, every record of everything you had ever done was wiped out, your one-time existence was denied and then forgotten. You were abolished, annihilated: vaporized was the usual word.

³ [...] - gasp- I see your dirty pillows! - Those are my breasts, moma. - Come! -shouts- IN the name of GOD! We shall burn the dress and beg for forgiveness [...].

⁴ Somebody royally forked up. Somebody *forked* up. Why can't I say fork?

A vasta maioria das pesquisas relacionadas aos eufemismos se concentra em sua aparição em formatos da língua escrita, seja na literatura, nos textos teatrais ou roteiros (ainda que estes objetivem uma reprodução da vertente oral da língua) ou nos estudos linguísticos formais através de gramáticas normativas, compreendo-o como uma figura de linguagem. Nosso interesse é trazer o olhar acerca desses fenômenos para conversas naturais sobre tópicos tabus, sem preparação prévia dos participantes e sem mediação de pesquisadores (opondo-se, por exemplo, à configuração de uma entrevista). Assim, elimina-se a ‘preparação’ do discurso, seja ele o direcionamento da fala que um entrevistador daria no desenrolar de uma entrevista, ou as revisões e reescritas de um editor no caso de produções escritas. Ademais, importantes trabalhos têm florescido nos últimos anos sobre os tabus e, mais especificamente, sobre as expressões tabus em L2, como por exemplo *The Oxford handbook of taboo words and language* (ALLAN *et al.*, 2018). Assim, acreditamos que o mesmo interesse pode ser dedicado à emergência dos eufemismos, uma possível consequência dos tabus, nas interações face-a-face, tanto em língua materna (L1) quanto em língua estrangeira (L2).

O que se propôs nesse trabalho foi investigar o surgimento de eufemismos em conversas em língua portuguesa entre brasileiros e estrangeiros e de que forma as conceptualizações culturais se manifestam nos momentos de uso das expressões eufêmicas. Objetivamos, através da realização de filmagens e transcrições de conversas em português entre grupos interculturais distintos, nomeadamente brasileiros e estrangeiros cuja língua materna não seja o português, identificar as expressões eufêmicas que surgirem. Posteriormente, descrevemos, especificamos e classificamos as ferramentas verbais, visuais-corporais e prosódicas para a criação dos eufemismos, identificando as discrepâncias e semelhanças nos dois grupos. Partimos da hipótese de que usuários de português brasileiro como L1 e L2 lançariam mão de ferramentas eufemísticas de formas distintas.

A partir dos alicerces formados pelos estudos do campo da Análise da Conversa, da Linguística Interacional, da Pragmática Intercultural e, por fim, da Linguística Cultural, estando intimamente relacionada à Cognitiva, torna-se possível a análise de diferentes tipos de estratégias discursivas indiretas, que estão mais relacionadas ao desejo do falante em manter relações sociais e revelar o pano de fundo cultural dessa prática linguística. Ressaltamos como relevância adicional da presente pesquisa que as filmagens feitas visam também integrar o *corpus* do Centro de Pesquisa ICMI – *Intercultural Communication in Multimodal Interactions*.

O centro já conta atualmente com filmagens de conversas entre indivíduos de diferentes contextos culturais, línguas maternas e línguas adicionais; o corpus ICMI seria então expandido para agregar ainda os dados desta pesquisa. Ademais, seria relevante a microanálise feita nos momentos da interação em que as expressões eufêmicas vêm à tona, contribuindo para os estudos empíricos da fala-em-interação.

Uma vez que buscamos desenvolver um trabalho que situe a linguagem na vida social e nos sistemas culturais de determinadas comunidades de fala, nos pareceu caro levar em conta a diversidade de padrões e práticas de comunidades que poderiam levar ao surgimento de eufemismos nas interações face-a-face. Dessa maneira, um estudo não somente com participantes brasileiros, mas também com estrangeiros, pode ser mais rico e aprofundado ao detalharmos as possíveis razões para os participantes lançarem mão dos eufemismos, além da forma com a qual o fazem e como essas formas revelam possivelmente o grau de proficiência em L2 e estratégias compensatórias. Adicionalmente, um estudo comparativo entre conversas em L1 e L2 viria para complementar experimentos já realizados (AYÇIÇEGI; HARRIS, 2004; DEWAELE, 2004, 2018) a respeito da relação entre o uso da língua e as palavras tabus. Em geral, constata-se que os usuários de língua estrangeira geralmente reconhecem que palavras tabu geram menos ansiedade quando pronunciadas na L2, em oposição à língua materna. Consequentemente, comunicar-se em L2 consiste num ambiente menos propício para o surgimento de eufemismos, uma vez que o tabu é menos “sentido” pelo falante.

O presente trabalho possui a seguinte estrutura de capítulos: no segundo capítulo, buscamos discutir alguns conceitos dos campos de estudo supracitados; posteriormente, no terceiro capítulo, explicitamos a metodologia utilizada para obtenção de dados, discriminando o *corpus*, o software e as convenções utilizadas para a etapa de transcrição. Enfim, no quarto capítulo, traremos os resultados e sua discussão. Ainda, nos apêndices estão localizadas as duas transcrições para essa pesquisa, bem como uma breve descrição das convenções do sistema GAT 2, escolhido como base das transcrições. Tais documentos podem ser acessados sempre que necessário, para uma maior fluidez e compreensão dos dados. Por fim, anexamos também o modelo do Termo de Compromisso entregue aos participantes, conforme especificado pelo Comitê de Ética.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, serão apresentados alguns princípios teóricos referentes à Linguística Interacional, à Linguística Cultural, à Análise da Conversa, bem como a estudos sobre tabus e eufemismos. Inicialmente, apresentaremos estudos que lidam com os mecanismos que permitem o desenrolar de uma interação, nomeadamente os de Marcuschi (2000) e os de Couper-Kuhlen e Selting (2018). Os conceitos-chave desses autores serão marcantes para as considerações metodológicas desta pesquisa. Em seguida, com intuito de investigar as conceptualizações culturais que surgem na fala-em-interação, recorreremos aos trabalhos acerca da Linguística Cultural, nomeadamente aos de Palmer (1996) e de Sharifian (2015; 2011), e da Linguística Cognitiva. Discutiremos também algumas das implicações destes campos de análise em interações interculturais em que os participantes fazem uso de L2. Igualmente relevante são as abordagens pragmáticas voltadas aos estudos dos tabus e dos eufemismos, ou expressões eufêmicas, como os de Correia (1927), Kröll (1984) e Guérios (1979). Tais abordagens partem do pressuposto de que tabus linguísticos fazem parte do arcabouço cultural de determinadas comunidades de fala, sendo traços presentes na comunicação tanto intra como intercultural. Teremos ainda uma discussão sobre a relação entre os eufemismos e a (im)polidez, lançando mão de conceitos desenvolvidos, nomeadamente, por Lakoff (1989), Goffman (1967) e Culpeper (2005, 2011). Por fim, trataremos também dos eufemismos em situação específica de uso de língua estrangeira. O aprendiz de L2, ao se deparar com situações que envolvem tabus linguísticos, deve desenvolver o conhecimento pragmático da língua para utilizar e interpretar esses itens em determinados contextos sociais, revelando sua competência intercultural. Para tanto, utilizaremos algumas noções desenvolvidas nos trabalhos de Correia (2011), de Samoškaitė (2011) e de Pachecho (2006).

2.1 Análise da Conversa e Linguística Interacional

Iniciaremos esta seção com um panorama dos campos da Análise da Conversa e da Linguística Interacional, com o objetivo de apresentar suas características principais e sua aplicabilidade na presente pesquisa. A princípio, já devemos esclarecer que não buscamos esmiuçar afundo o processo de construção da interação face-a-face humana; aqui, a Análise da Conversa e a

Linguística Interacional nos servem como ferramenta metodológica para o aproveitamento máximo dos dados coletados. Em outras palavras, utilizaremos as descobertas e a terminologia destas áreas de estudo para lidar com as filmagens em vídeo de conversas eliciadas, com o intuito de explorar melhor a relação humana com os tabus e os eufemismos, durante momentos de fala-em-interação.

Tendo suas origens nas décadas de 60 e 70, a Análise da Conversa⁵ (AC) se origina a partir de estudos da Etnometodologia e da Antropologia. Harold Garfinkel é o primeiro ao utilizar o termo “Etnometodologia” em 1967, ao tratar da investigação de situações cotidianas com o intuito de melhor compreender a realidade construída por participantes de uma interação. A Análise da Conversa como um dos estudos da comunicação humana parte, portanto, de uma perspectiva transdisciplinar, já que se aproveita da ótica tanto sociológica quanto linguística das interações. Para além das estruturas dos signos linguísticos, destacamos que uma conversa sempre se insere num contexto específico, negociado pelos interlocutores, o que fornece ricas informações sobre a organização das relações sociais.

Para Marcuschi (2000), a conversa não é um fenômeno baseado em aleatoriedade, mas sim repleto de alta organização e merecedor de rigor científico ao ser estudado. A conversa pode ser tida como um reflexo de processos paralelos que foram desenvolvidos pelos participantes, sendo suas decisões linguísticas influenciadas pelo contexto situacional coconstruído junto a seus contextos cognitivos e culturais. Ainda, segundo o autor,

iniciar uma interação significa, num primeiro momento, abrir-se para um evento cujas expectativas mútuas serão montadas. [...] Para produzir e sustentar uma conversação, duas pessoas devem partilhar um mínimo de conhecimentos comuns. Entre eles estão a aptidão linguística, o envolvimento cultural e o domínio de situações sociais. [...] Os esquemas comunicativos e a consecução de objetivos exigem partilhamentos e aptidões cognitivas que superam em muito o simples domínio da língua em si (MARCUSCHI, 2000, p. 15).

Numa conversa, em oposição a um texto escrito, não encontramos a possibilidade de prever ou programar sua realização por completo – seu funcionamento está em constante dependência da

⁵ A partir do termo *conversation analysis*, Marcuschi introduz a *Análise da Conversação* no Brasil. Recentemente, surgiu o termo “Análise da Conversa Etnometodológica” (ACE) ou simplesmente “Análise da Conversa”, vertente associada à tradição sociológica norte-americana. Para propósitos deste trabalho, em concordância com os estudos do centro de pesquisa *Intercultural Communication in Multimodal Interactions* (ICMI), a utilização do termo “conversa”, que transmite uma ideia evidente de qualquer atividade cotidiana de interação entre duas ou mais pessoas, foi escolhida em oposição à “conversação”, por esta portar uma conotação mais formal (SCHRÖDER, 2017, p. 112).

cooperação entre todos os participantes. As análises feitas pelos estudiosos da AC foram extremamente influentes para outras áreas, ressaltando-se a Linguística Interacional (LI), termo proposto por Elizabeth Couper-Kuhlen e Margret Selting (2001). Segundo as autoras, ainda que a LI tenha extensa base teórica e metodológica provinda da AC,

analistas da conversa estão interessados principalmente em entender como a interação funciona, em descobrir os mecanismos de, por exemplo, como turnos de fala são coordenados, como ações são construídas e reconhecidas, e como são feitas de maneira coesa em sequências de interação. Linguistas interacionais, por outro lado, têm um ‘grande interesse’ em linguagem, porque acreditam que turnos, ações e sequências são conquistados e interpretáveis pelo uso sistemático dos recursos linguísticos; consequentemente, eles fazem das formas linguísticas utilizadas por falantes comuns em encontros cotidianos e institucionais o foco de sua atenção⁶ (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018, p. 3).

Ainda que não busquemos neste trabalho minuciar as engrenagens linguísticas que criam uma conversa, consideramos de grande valia os conceitos-chave que afloraram tanto da Análise da Conversa quanto da Linguística Interacional na etapa de análise dos dados, como mencionado previamente, partindo da perspectiva de ambas disciplinas como complementadoras uma da outra. A organização das práticas que geram uma conversa nos dá pistas para a organização social em si, sendo o princípio básico a ‘tomada de turnos’, já que “a distribuição ordenada de oportunidades de participar em interações sociais é uma das pré-condições mais fundamentais para a organização social viável”⁷ (SCHEGLOFF, 2000, p. 1). A regra básica para a organização conversacional é, conforme postulado por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]), “fala um por vez”. Tal instrução, teoricamente, faz a ‘tomada de turno’ ser mais claramente definida (MARCUSCHI, 2000, p. 19), sendo, contudo, descumprida constantemente. Numa interação cotidiana, é possível e extremamente comum a existência de falas simultâneas e sobreposições, além de outros aspectos que podem dificultar a delineação dos turnos, como por exemplo as pausas, hesitações e reparos - todos esses termos serão

⁶ Conversation analysts are primarily interested in understanding how interaction works, in uncovering the mechanisms of, for example, how turns at talk are coordinated, how actions are constructed and recognized, and how they are made to cohere in sequences of interaction. Interactional linguists, by contrast, do have a ‘large interest’ in language, because they believe that turns, actions, and sequences are accomplished and made interpretable by the systematic use of linguistic resources; consequently, they make the linguistic forms deployed by ordinary speakers in everyday and institutional encounters the focus of their attention.

⁷ The orderly distribution of opportunities to participate in social interaction is one of the most fundamental preconditions for viable social organization.

aprofundados mais adiante. Temos ainda as interrupções, que surgem quando o falante não está perto de terminar de dizer algo quando tem seu turno interrompido.

Marcuschi (2000, p. 23-25) define as falas simultâneas como um turno realizado desde o início por mais de uma pessoa e as sobreposições como as falas que ocorrem no turno de outra pessoa. O autor menciona que o turno do interlocutor é tudo que ele faz, incluindo gestos (MARCUSCHI, 2007), mas do ponto de vista verbal, uma definição exata do que constitui determinado turno de fala de uma pessoa é essencialmente impossível de ser alcançada. Contamos, portanto, com algumas pistas linguísticas. Uma delas é a prosódia: a entonação nivelada não cria nenhum tipo de rompimento na fala, já as entonações não-niveladas geram rompimentos e, conseqüentemente, oportunidades de início de novas unidades entonacionais⁸ (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018, p. 48). O contorno entonacional ascendente de uma fala pode indicar, por exemplo, continuidade pelo próprio falante. Pode também indicar a formulação de uma pergunta – ainda que perguntas também apresentem, ocasionalmente, contornos entonacionais descendentes. *Transition relevance places*, ou Lugares Relevantes para Transição⁹, podem ocorrer também num trecho de tempo que permita a inserção de outro participante, como é o caso das pausas e hesitações. Ademais, a colaboração de outro interlocutor pode ser solicitada explicitamente, por meio de determinadas inserções no próprio turno, como por exemplo através da expressão “eu gostaria de passar a palavra” etc. Por outro lado, temos a expansão de turno (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018, p. 94), que se refere ao caso em que o falante dá ao recipiente o lugar de transição relevante e, como o recipiente não o assume, o falante prossegue o turno. Quanto às pausas, temos a distinção entre pausas intra e extra-unitárias, sendo que a primeira ocorre dentro de uma mesma unidade entonacional, enquanto a segunda ocorre entre unidades. Paralelamente, Couper-Kuhlen e Selting nos apresentam a definição de ‘silêncio mantido’ e ‘silêncio de ruptura’ (2018, p. 55), em que o falante ou planeja manter o turno de fala ou dá espaço para uma tomada de turno.

Um outro fenômeno relevante na análise da fala-em-interação é o reparo. Uma fala pode ser reparada tanto por quem a produziu quanto por seu interlocutor. No primeiro caso, também chamado de autorreparo, o falante pode reformular a ideia proferida, fazer câmbios lexicais,

⁸ Uma unidade entonacional é definida como um trecho da fala que ocorre sob um único contorno de entonação, que pode ser percebido a partir da aceleração e desaceleração da velocidade da fala, tom de limite, reajuste do tom, pausa etc (DU BOIS *et al.*, 1993; CHAFE, 1994 *apud* NAKAGAWA *et al.*, 2010).

⁹ Diversos termos traduzidos no presente trabalho estão em concordância com o glossário de traduções feito pelo ICMI, disponível online na página do Centro de Pesquisa: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nucoi/Gloss%C3%A1rio_Terminologia%20site%20nucoi.pdf>

entonacionais, entre outros, havendo uma pausa na progressão de ideias/atividades para remediar o problema. Uma expressão muito comum destes casos é “quero dizer”/“quer dizer”, seguido de uma explicação ou reformulação da fala anterior. Ainda que a execução do reparo seja feita pelo próprio falante, ele pode ser iniciado pelo interlocutor, o que constituiria o autorreparo iniciado por outro. É o caso do interlocutor, após receber determinada informação, indicar que seu autor precisa fazer alguma alteração. Essa indicação pode ser feita por meio de repetição do trecho “problemático”, por acréscimo de uma palavra interrogativa, entre outras maneiras, como foi descrito por Couper-Kuhlen e Selting (2018). Ainda segundo as autoras, o participante-reparador pode escolher categorizar o problema de maneira diferente do iniciador do reparo. Existem algumas considerações que os interlocutores precisam ter em mente, como por exemplo qual a severidade do erro e qual ferramenta linguística é a mais apropriada para resolver o problema. É oportuno mencionar, também, que existe uma determinada “hierarquia” de solução de problemas, já que é preferível iniciar o reparo para problemas menos sérios, do que para problemas mais severos. Para tanto, os participantes podem inicialmente tratar do reparo como necessário por razões de problema de acústica, para depois ser devido a problemas de reconhecimento de referência, de compreensão de itens linguísticos, de expectativa, e, por fim, por desavenças ou discordâncias. Em outras palavras, o interlocutor pode dar a chance para o falante que cometeu o erro remediá-lo através de uma expressão como, por exemplo, “desculpe, o que você disse?”. Assim, o erro pode ser tratado como um simples problema de acústica (o interlocutor não ouviu o que foi dito) indo até o possível início de um conflito, revelando essa gradação da “melhor” resolução possível até a pior.

Trataremos ainda das observações feitas em torno da prosódia, área igualmente relevante nos estudos da fala-em-interação. Em oposição à Análise da Conversa, na Linguística Interacional o interesse pela prosódia cresceu de maneira produtiva, com um catálogo sólido de métodos e princípios de investigação (BARTH-WEINGARTEN; REBER; SELTING, 2010). Para Auer *et al.* (1999), a prosódia abrange não somente os fenômenos relacionados à ênfase e ao sotaque no uso da língua, mas também outras variações melódicas relacionadas tanto ao tom de voz quanto ao volume. Trata-se da atenção à duração de sílabas ou outros segmentos e também do *timing*, do ritmo da fala. Pulos entonacionais, por exemplo, apresentam uma mudança brusca no tom de voz em um trecho da fala, por diversas razões, como por exemplo felicidade, surpresa, agressividade, entre outras. A velocidade da fala igualmente pode trazer uma outra variedade de indícios sobre o contexto da fala, assim como o tom de voz mais alto

ou mais baixo. Não convém fazer generalizações sobre as causas desses fenômenos, já que para cada interação deve-se analisar o contexto *in loco*.

Por fim, reiteramos que, de maneira oposta ao texto escrito, na conversa não é possível a programação de seu seguimento completo – ainda que muitas previsões possam ser feitas –, já que seu funcionamento está em dependência das ações cooperativas de todos os participantes. O fenômeno da conversa não é unilateral e não é construído por simetrias de turnos consecutivos, existindo, por exemplo, mudanças de tópico sem aviso (MARCUSCHI, 2000, p. 81). À vista disso, ainda que os analistas da conversa desenvolvam uma atividade científica fundamentalmente empírica, as postulações sobre as características do que é observado devem servir de guia para interpretação do evento, sem impor ações obrigatórias aos participantes nem ao transcritor.

Neste primeiro tópico, buscamos apresentar alguns dos conceitos postulados por estudiosos dessas áreas, na intenção de explicitar alguns dos fenômenos mais relevantes para esta pesquisa. Essa seleção certamente não equivale à toda riqueza terminológica que os estudos da interação nos proporcionam, mas fizemos esse recorte para adequarmos à investigação específica, isto é, o surgimento de eufemismos ao se falar em tópicos tabus. Tratamos de esclarecer nomeadamente as ocorrências de pausas, pois, conforme será tratado no subtópico 2.4.1, uma das possibilidades de realização de eufemismo é a elipse do termo tabuizado (CORREIA, 1927), isto é, não o mencionar verbalmente. As pausas, ou silêncios, ocorrem por razões diversas numa conversa, é claro, mas dentre as tantas possibilidades, podem também ser um indício de desconforto, de precaução ou ainda de omissão, consciente ou não, de algum termo. Apresentamos ainda a prosódia como elemento importante da análise das interações face-a-face e, também de acordo com Correia (1927), a mudança no tom de voz pode ser indício de um processo eufemizante. Além das pausas e da prosódia, discorreremos também acerca dos reparos, já que repetição, acréscimo de complemento desculpador e expressão negativa são possibilidades para produção de eufemismo (CORREIA, 1927). Tais tipos de eufemismos, que Correia classifica como do tipo “estilístico”, são mecanismos muito parecidos com o fenômeno do reparo em sua forma, ainda que, assim como as pausas, os reparos não estejam restritos unicamente à aparição de tópicos tabus e eufemismos.

Um outro processo eufemizante que Correia aborda em sua obra é a ocorrência dos gestos. Para tratar especificamente deste fenômeno na interação face-a-face, daremos prosseguimento no subtópico abaixo.

2.1.1 Os gestos manuais e faciais

Uma área de grande relevância nos estudos da comunicação humana é a relação entre aspectos verbais e visual-corporais, coocorrentes ou não, numa interação. Segundo McNeill (1992), os gestos e palavras são partes integrantes igualmente importantes da linguagem. Kendon (1972) postula que a gesticulação pode variar numa escala que vai desde os gestos espontâneos e informais que acompanham geralmente uma conversa, até os sinais regularmente padronizados das línguas de sinais. Corroborando com Kendon, McNeill define ‘gesto’ como “uma ação involuntária, não direcionada a um objetivo, orquestrada por significados criados pelos falantes, tendo características de expressividade manifestada”¹⁰ (McNEILL, 2013, p. 29), e também como “uma ação expressiva que encena o imaginário (não necessariamente por ambas mãos ou por uma só mão) que faz parte do processo de fala”¹¹ (McNEILL, 2013, p. 29). Por meio da análise dos gestos, podemos ver uma ação da mente que faz parte da linguagem gerada dinamicamente. Os detalhes temporais do gesto também são relevantes, já que “a imagem gestual e a categorização linguística constituem uma unidade de ideia, e seu tempo é uma parte inerente de como essa unidade de ideia é criada”¹² (McNEILL, 2013, p. 29). Em outras palavras, há sincronia entre a realização do gesto e o desenvolvimento intelectual da ideia que o enunciador pretende comunicar.

Gestos não são uma tradução da modalidade verbal, pois possuem a capacidade de ser, em si, uma expressão de significado independente. Rossano, por exemplo, ao dissertar sobre o assunto, diz que

um participante não fala, gesticula, sorri e mantém uma postura simultaneamente para formar uma única mensagem com partes redundantes. Ao contrário, cada modalidade é empregada por razões específicas, algumas das quais podem ser puramente comunicacionais, outras podem ser regulatórias e outras ainda podem ser usadas para induzir ou sustentar relações específicas entre participantes na interação¹³ (2013, p. 311).

¹⁰ A gesture is an unwitting, non-goal-directed action orchestrated by speaker-created significances, having features of manifest expressiveness.

¹¹ An expressive action that enacts imagery (not necessarily by the hands or hands alone) that is part of the process of speaking.

¹² [...] the gesture image and linguistic categorization constitute one idea unit, and their timing is an inherent part of how this idea unit is created.

¹³ A participant does not speak, gesture, smile and hold a posture simultaneously to form a single message with redundant parts. Rather, each modality is employed for specific purposes, some of which may be purely communicational, others might be regulatory and others again might be used to induce or sustain specific relationships between the participants in the interaction.

Os gestos podem ocorrer em cinco fases: *preparation*, *prestroke hold*, *stroke*, *poststroke hold* e *retraction*, sendo obrigatória só a fase intermediária *stroke* (McNEILL, 1992). Segmentar um gesto nestas fases específicas pode ser uma tarefa complexa, já que alguns elementos da interação devem ser levados em consideração, como pausas feitas pelo próprio participante que gesticula, interrupções de seus interlocutores, ou ainda restrições visuais que o pesquisador pode enfrentar no momento da transcrição, como o enquadramento, em caso de vídeo, ou até mesmo objetos que estejam comprometendo a visualização do participante da conversa.

McNeill (2005 [1992]) propõe uma classificação geral de quatro tipos de gestos das mãos, ainda que um mesmo gesto não precise se encaixar em uma única classificação, sendo eles os dêiticos, batida/compasso, icônicos e metafóricos. Os dêiticos têm como função direcionar a atenção para um objeto ou direção, inclusive o apontamento abstrato, que faz parte da dimensão abstrata na medida que o espaço apontado passa a ter significado não puramente espacial. Os de batida ou compasso correspondem ou enfatizam a prosódia que acompanha a fala. Os icônicos representam imagens concretas de objetos ou ações, a forma do gesto incorpora elementos visuais daquilo que é representado. Posteriormente Arzarello e Edwards (2005) propõem uma expansão da classificação icônica de McNeil que incluiria uma divisão entre os "icônico-físicos", para gestos icônicos que representam fenômenos físicos os quais a fala faz referência, e os "icônico-simbólicos", para gestos icônicos referentes a convenções de escrita ou ainda símbolos matemáticos. Por fim, os gestos metafóricos representam ideias abstratas como se possuíssem formas concretas ou ocupassem espaço – tal representação imagética se realiza através de um objeto ou ação que representa uma ideia.

Segundo McNeill (1985) e McNeill *et al.* (2002), a palavra ‘gesto’ engloba uma vasta gama de movimentos comunicativos, principalmente, mas não exclusivamente, os de mãos e braços, estando, portanto, inclusas as expressões faciais (ou ‘gestos faciais’, em conformidade com os estudos interacionais). No caso dos gestos faciais, Kendon (2009) postula que são intrínsecos à interação humana os fenômenos da movimentação facial e da orientação do olhar, bem como a postura comportamental mediada por um aparelho anatômico dotado de sutileza. Ekman (1997) diferencia as manifestações da face entre os sinais conversacionais e as expressões faciais de emoção. Segundo ele, “[...] os sinais conversacionais são parte da estrutura da conversa, [...] enquanto expressões faciais de emoção frequentemente ocorrem durante a conversa, sua locução no fluxo da fala não está relacionada à estrutura da conversa, mas sim à

semântica”¹⁴ (EKMAN, 1997, p. 340). Tal distinção é desafiada por Goodwin *et al.* (2012), que tecem uma crítica aos apontamentos de Ekman por não ir além da face ao trabalhar com a emoção, além de focar na ação que se passa na face de um único interactante. Para os autores, é inegável que a emoção não está restrita ao agente que a demonstra, mas deve ser percebida através do fluxo de ação que se desdobra na interação.

Com relação às funções que os gestos faciais podem desempenhar, Bavelas *et al.* (2017) e Bavelas e Chovil (2018) discutem algumas das funções pragmáticas dos gestos faciais. Para fins desta pesquisa especificamente, focaremos nas funções do olhar e do riso. No caso do primeiro, muitas funções pragmáticas são atribuídas ao olhar, como por exemplo, na cultura ocidental o olhar recíproco auxilia na coordenação de turnos e no direcionamento de *feedback* (BAVELAS; CHOVIL, 2018, p. 113). Além disso, o direcionamento do olhar é capaz também de mobilizar respostas em momentos como *storytelling* (ROSSANO, 2013, p. 319). O riso e o sorriso também são tratados por Bavelas e Chovil (2018, p.118), que postulam que a descrição dos mesmos é uma tarefa difícil, já que envolvem uma grande gama de posições bucais e outras ações faciais. As autoras determinam ainda, por meio de experimentos empíricos, que os sorrisos e risos de uma conversa não podem ser simplesmente atribuídos à emoção de felicidade, como são comumente concebidos, uma vez que outras emoções também podem desencadear o mesmo fenômeno, como no caso da realização de reparo na fala. Portanto, apesar de tradicionalmente a emoção ser concebida a partir da configuração muscular das expressões faciais do indivíduo, deve-se também levar em consideração as ações e exhibições corporais relevantes das partes com as quais estão interagindo (GOODWIN *et al.*, 2012).

A partir desses enfoques, esperamos dar atenção à apresentação teórica dos conceitos que julgamos mais relevantes para a etapa da análise de dados. Prosseguiremos com o aporte teórico da área da Linguística Cultural e retomaremos, em mais detalhes, os estudos dos tabus e eufemismos a partir do tópico 2.3.

2.2 Linguística Cultural

¹⁴ [...] the conversational signals are part of the structure of the conversation, [...] While facial expressions of emotion often occur during conversation, their location in the speech flow is related not to the structure of talk but to the semantics.

Entender o papel da cultura no sistema de conceptualização humano tornou-se parte essencial dos estudos de muitos linguistas. A Linguística Cultural conta inicialmente com o trabalho *Toward a Theory of Cultural Linguistics*, de Palmer (1996). Tal campo de pesquisa parte de uma imensa base cognitiva, e por essa razão nos pareceu importante apresentar uma síntese de alguns dos preceitos da Linguística Cognitiva, assim como ressaltar alguns apontamentos dessa área de estudo que giram em torno da relação entre língua e cultura, e que foram primordiais para as postulações posteriores de autores como Palmer e Sharifian.

Inicialmente teremos a noção de Linguística Cognitiva como aquela que busca compreender a linguagem como uma manifestação da capacidade humana de organização conceptual – isto é, a interface entre o processamento mental e a experiência enquanto humanos no mundo. Para Evans e Green (2006, p. 5), a língua reflete propriedades fundamentais da mente humana, e essas propriedades estão intrinsecamente ligadas às nossas experiências corporais, sociais e culturais. Por volta de 1990, a Linguística Cognitiva ganha maior notoriedade, com a criação de algumas plataformas como a revista *Cognitive Linguistics*, de Geeraerts. Entretanto, desde o final da década de 1970 e início de 1980, muitos trabalhos já se iniciavam, motivados pelo entendimento da língua como refletor de padrões de conceptualização. Uma das hipóteses levantadas pelos estudos da Linguística Cognitiva é a da característica ‘corporificada’ da mente. A ideia cartesiana de compreensão da mente humana – “penso, logo existo” – cria a ideia da mente como algo acima do corpo, separada e mais poderosa. Essa abordagem não apenas distancia os dois conceitos, como vê o corpo, ou a condição física humana, como um possível limitador dos feitos da mente. Atrevendo-se a contradizer estes postulados, estudiosos, como Merleau-Ponty (1999 [1945]), determinam que o ser humano é, antes de mais nada, um ser corporal. A cognição humana, portanto, só é alcançada através de experiências corporais e o cérebro não possui a capacidade de pensar sozinho, mas é tão somente junto ao corpo inteiro. De grande relevância também nos estudos da corporificação da mente estão os trabalhos de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), que defendem o sistema conceptual humano como fundamentalmente metafórico e em dependência de nossa vivência enquanto seres físicos no mundo. Em outras palavras, conceitos abstratos são compreendidos sistematicamente em termos de domínios conceptuais que emergem a partir da nossa experiência corpórea e de propriedades físicas conhecidas, como movimento e proximidade.

As conceptualizações que fazemos através de metáforas são um ponto-chave na cognição humana, pois transferem a compreensão do domínio de experiência fonte (mais

concreto) para o domínio de experiência alvo (mais abstrato). O mapeamento desse sistema gera metáforas, como por exemplo A VIDA É UM CONTÊNER (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 52), em que se utiliza características do domínio fonte (contêner) para compreender o domínio alvo (vida). Dessa forma, expressões como “a vida é vazia para ele” e “sua vida continha muitas tristezas”¹⁵ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 52) estendem características concretas de ‘contêner’ – algo que serve para guardar coisas – para elaborar o conceito abstrato de ‘vida’.

Finalmente, destacaremos um último pressuposto importante dos estudos da Linguística Cognitiva, que é a da expressividade da língua. A língua é entendida como um elemento carregado de informações emotivas e de opções que nos permitem decidir como transmitir tais emoções ao interlocutor. O papel da emoção é assunto de debates de diversas áreas, como das Ciências Biológicas, da Psicologia, assim como da Linguística. Nos ramos da Linguística Antropológica, temos trabalhos seminais como os de Sapir (1921) e Hymes (1972), sendo este tema mais recentemente também pesquisado nos estudos voltados à comunicação em interação. Para Baider e Cislaru (2014, p. 2), “a questão da emoção não pode mais ser separada da análise linguística; pelo contrário, ela deve ser considerada de forma a destacar a estrutura e o funcionamento de qualquer língua”.¹⁶

Na perspectiva do construtivismo social, como postulado por Averill (1980) e por Harré (1986), a emoção é tratada como um produto social, ou, em outras palavras, “papéis sociais transitórios”¹⁷ (AVERILL, 1980, p. 307). Dessa maneira, os discursos que constroem e transmitem emoções podem ser identificados na fala. A emoção como agente de funções sociais remete a postulados tão antigos como o de Aristóteles, que descreve a manifestação de raiva, por exemplo, como fenômeno que “ênfatiza a relação determinante entre o contexto social, a demonstração de emoção, e a função social performada”¹⁸ (Retórica, 1378 *apud* WALTON *et al.*, 2003, p. 47). A linguagem emotiva tem, portanto, papel central nas comunidades humanas. Nomeadamente referente aos tabus, Robinson e Altarriba mencionam que

a emoção e a memória também desempenham um papel na moderação das formas de comunicação - por exemplo, a utilização de palavras particulares, reflexo de experiências passadas do indivíduo, e consideração da linguagem

¹⁵ “Life is empty for him” e “His life contained a great deal of sorrow”.

¹⁶ The emotion question can no longer be separated from *linguistic* analysis; on the contrary, it must be considered in order to highlight the structure and the functioning of any language.

¹⁷ Transitory social roles.

¹⁸ [...] highlights the determinant relationship between the social context, the emotional display, and the social functions performed.

considerada 'tabu' dentro de um grupo cultural específico¹⁹ (ROBINSON; ALTARRIBA, 2015, p. 257).

Destacamos, contudo, que se a emoção tem função primordial na interação humana, a linguagem também rege influência nas emoções – por exemplo, através das normas éticas impostas na comunicação, sendo elas explícitas ou implícitas. Ela é, portanto, um sistema para expressar significados e carregar funções sociais e interacionais (EVANS; GREEN, 2006, p. 11). Por essa razão, a língua cria *frames*, ou *scripts*, de acordo com Schank e Abelson (1977 *apud* JOHNSON, 1987), isto é, é capaz de conjurar situações específicas que possuem regras pré-determinadas, devendo ser seguidas por seus usuários. Se a língua reflete conceitos formulados através da experiência humana no mundo, esses *frames* devem levar em consideração não só a experiência individual do falante, mas também todo o contexto social no qual ele está inserido. Sabemos, ainda, que grupos humanos se organizam de maneiras distintas em todos os aspectos, o que faz com que os contextos sociais também sejam indeterminadamente distintos uns dos outros, sendo compartilhados por aqueles que fazem parte do mesmo grupo – em outras palavras, da mesma cultura. Finalmente, dentro da própria Linguística Cognitiva já se reconhece a cultura como pilar não apenas do léxico, como também de características centrais da gramática (LANGACKER, 1994). Assim, a cognição cultural é um conceito que se concentra em como indivíduos e grupos interpretam o mundo de diferentes maneiras (LEISEROWITZ, 2006 *apud* BRAY, 2015).

Partindo dos diversos pressupostos da Linguística Cognitiva, que por sua vez carrega tradições da Linguística Antropológica, como a Etnosemântica (SHARIFIAN, 2015, p. 474), Palmer postula que muitas vezes o conhecimento cultural toma a forma de modelos cognitivos (PALMER, 2015 [1996], p. 8). Para interpretação satisfatória de expressões rotineiras, é necessário possuir conhecimento de tais modelos, que são negociados através do tempo e do espaço por falantes de comunidades linguísticas. Palmer afirma que o conhecimento de modelos cognitivos, ou conhecimento cultural, é o que providencia o contexto compartilhado e a referência necessária para criar expectativas sobre pessoas e eventos no mundo. Para Sharifian,

¹⁹ Emotion and memory also play a role in moderating forms of communication – for example, the use of particular words, reflection on one's past experiences, and consideration of language that is considered 'taboo' within a particular cultural group.

os membros de um grupo cultural negociam constantemente ‘modelos’ para seu pensamento e seu comportamento, ao trocarem suas experiências conceituais. Frequentemente, sistemas cognitivos complexos emergem de conceptualizações entre os membros de um grupo cultural ao longo do tempo. Tais conceptualizações dão origem à noção de cognição cultural ²⁰ (SHARIFIAN, 2011, p. 22).

Mais tarde, ao voltar a discutir a cognição cultural, Sharifian a conceitua como a cognição que resulta da interação entre partes de um sistema, sendo a língua o “banco coletivo de memória” de um grupo (THIONG’O, 1986 *apud* SHARIFIAN, 2015, p. 476). Sendo a língua uma ferramenta de armazenamento de conceitos negociados por um grupo de pessoas, podemos inferir diversas práticas culturais, tanto atuais quanto antepassadas de tal grupo. Na sociedade brasileira, por exemplo, é comum ouvirmos a expressão “se Deus quiser” ao expressarmos positividade e otimismo diante de uma situação que ainda não teve um resultado ou um fim. É comum também escutarmos “que Deus lhe pague” como sinônimo de agradecimento ou “graças a Deus” ao expressarmos alívio. Se temos tais expressões no campo semântico mais positivo, temos também aquelas carregadas de negatividade, como “Deus me livre” ao expressarmos medo, nojo ou para simplesmente postular que algo não nos agrada. Por uma questão tanto de hábito adquirido quanto de práticas ainda contemporâneas, as expressões mencionadas estão carregadas de chamativos a Deus pelo histórico do território brasileiro tanto enquanto colônia de Portugal, que recebeu há quase 500 anos atrás os primeiros jesuítas, quanto como república. Com o objetivo de catequização dos índios, a fé cristã foi imposta, espelhando-se no modelo ibérico do século XVI, e perdura até os dias de hoje. Corroborando tal observação, temos abaixo o gráfico de uma pesquisa realizada pelo Datafolha em janeiro de 2020, avaliando como a população brasileira se identifica em termos de religião:

²⁰ Members of a cultural group constantly negotiate ‘templates’ for their thought and behaviour in exchanging their conceptual experiences. Often, complex cognitive systems emerge out of somehow concerted conceptualisations that develop among the members of a cultural group over time. Such conceptualisations give rise to the notion of cultural cognition.

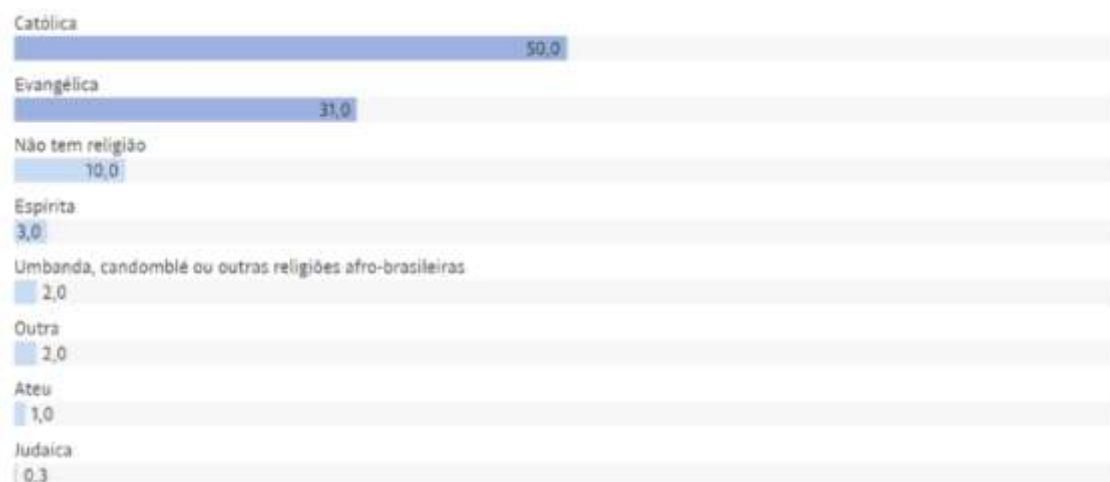


Gráfico 1: A religião dos brasileiros, em %²¹

Comprova-se, portanto, que até os dias atuais a maioria dos cidadãos brasileiros se considera afiliado às religiões cristãs, sendo 50% católicos e 31% evangélicos. É pelo forte contato com a religião cristã que temos uma vasta gama de expressões que fazem referência a Deus, não sendo utilizadas exclusivamente pelos membros religiosos da sociedade.

As experiências compartilhadas, comuns a um grupo cultural, são o que Palmer configura como *cultural schemas*. Para o autor, “uma palavra deve ser definida relativa ao seu esquema (*schema*)”²² (1996, p. 66). Neste ponto, diversas críticas surgiram, devido ao caráter um tanto homogêneo que parece ser dado ao termo “cultural”, já que os conceitos estão sempre sendo negociados entre os membros do grupo e, ainda, a nível micro, os indivíduos de tal grupo internalizam os esquemas de maneira distinta (SHARIFIAN, 2015, p. 478). Além disso, indivíduos que previamente não faziam parte do grupo podem também internalizar determinados conceitos, uma vez em contato com os mesmos. É o caso de imigrantes, por exemplo, que, junto à bagagem cultural prévia de seu local de origem, começam a fazer parte de um novo cenário cultural. Por isso, as conceptualizações culturais podem ser associadas ao ambiente cultural particular, de origem, e também à língua materna do usuário, assim como pela interação com falantes de culturas diferentes com quem ele teve ou tem contato. Ademais, os esquemas culturais dão origem também aos esquemas morais. Os primeiros são capazes de

²¹ Pesquisa Datafolha com 2.948 entrevistas realizadas em 176 municípios de todo o país em 5 e 6 de dezembro; margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%.

²² A word must be defined relative to its schema.

preencher espaços em que há falta de informação, num padrão semelhante aos estereótipos; já os segundos não têm a função de “preencher informações incompletas com suposições padrão”²³ (BOUTYLINE; SOTER, 2020, p. 15). Os esquemas morais funcionam a partir de uma pista interacional, um comentário do falante, por exemplo, que desencadeia um determinado julgamento do interlocutor e por conseguinte uma reação. Esse é um conceito relevante no que se refere à identificação de categorias de pertencimento projetadas pelos participantes de uma interação – isto é, como o pertencimento a determinados grupos sociais (étnicos, sexuais, religiosos) pode contribuir para determinadas interpretações num contexto de fala-em-interação (CAMPANHA; SCHRÖDER, 2016).

Consoante ao conceito de esquema cultural, retomamos aqui os *frames* ou *scripts*, que explicam como nós entendemos muitas situações ao colocá-las em forma de ‘roteiro’. Estes *scripts* incluem as categorias com as quais organizamos nosso conhecimento do mundo, sendo assim uma estrutura que descreve sequências apropriadas de eventos em um contexto particular. *Scripts* são pré-determinados, ou seja, sequências de ações estandardizadas que definem uma situação bem conhecida. Dentro de uma comunidade, algumas normas sociais devem ser respeitadas, e as atitudes surgem como produto tanto do conhecimento que está na mente do usuário de uma língua, quanto aquele que está no mundo exterior. Nossas escolhas lexicais, assim como todas as outras ferramentas linguísticas com as quais se pode lançar mão numa interação, serão escolhidas pelo usuário adequando-se (ou não) a essas normas. Halmari (2011, *apud* DOMÍNGUEZ, 2018, p. 81) comenta também que essas normas podem ser vistas na linguagem ‘politicamente correta’, que é, por sua vez, necessariamente eufêmica e vaga ou ambígua. No caso dos eufemismos, Pinker (2002, p. 213 *apud* BENCZES *et al.*, 2018, p. 103) comenta que as pessoas têm conceitos, e não palavras, em suas mentes e que um conceito, quando tem uma conotação negativa, recebe um novo nome, sendo esses os eufemismos.

Buscamos enfatizar que a adequação linguística a determinadas situações pode ocorrer de maneiras distintas para alguém imerso na própria cultura, comunicando-se em sua língua nativa, e para aquele imerso em outra cultura, fazendo uso de L2 numa interação. Segundo Lado (1957), em seu trabalho intitulado *Linguistics across cultures*, a influência da língua nativa em relação à aprendizagem de L2 é essencial para os estudos interculturais. No caso da sala de aula de língua estrangeira, ou elaboração de materiais didáticos, a comparação dos dois diferentes idiomas conseguiria prever possíveis erros e identificar áreas em que os alunos teriam

²³ [...] filling in incomplete information with default assumptions.

dificuldades e em que não as teriam. Dessa forma, entende-se que “quem aprende uma língua estrangeira tende a transferir hábitos de sua língua materna, o que pode levar a erros” (BARALLO, 1999 *apud* FERNÁNDEZ, 2003, p. 105). Em geral, é feita uma distinção entre transferência positiva (facilitação) e transferência negativa (interferência), ou seja, se uma transferência de estrutura linguística da L1 para L2 foi realizada de forma correta ou incorreta. Nas transferências negativas, os erros podem ser classificados como (1) previsíveis, assumindo que se podem fazer previsões sobre o tipo de aprendizagem, se compararmos os dois idiomas L1 e L2; ou (2) explicáveis, a partir de uma análise de erros recorrentes de alunos, seguindo então uma explicação desses erros com base na comparação entre a L1 e L2. Tendo em vista esse ponto de vista teórico, devemos fazer duas ressalvas: primeiramente destacamos que não é o objetivo deste trabalho compreender a origem dos “erros” de uso do português como língua estrangeira no grupo de intercambistas (em breve contextualizados no capítulo 3). Não temos o propósito de identificar problemas gramaticais na fala dos participantes; nosso intuito é unicamente identificar e descrever as diferentes escolhas linguísticas feitas pelo grupo de estrangeiros e pelo grupo de brasileiros, assim como investigar suas motivações. Ademais, apontamos também que o conceito de ‘transferência’ é algo que vem sendo debatido no campo da Linguística Aplicada e não temos como objetivo naturalizar algo que ainda está em vias de discussão. Ainda assim, recorremos aos estudos de Lado para pontuar algumas relações entre aprendizagem de L2 e cultura:

Indivíduos tendem a transferir as formas e os significados, assim como a distribuição de formas e significados de sua língua e cultura nativas às línguas e culturas estrangeiras, tanto produtivamente, ao tentarem falar a língua, quanto receptivamente, quando tentam compreendê-la²⁴ (LADO, 1957, p. 2).

Por isso, devemos ressaltar a questão das conceptualizações culturais no caso de uso de língua estrangeira, uma vez que a língua carrega esses modelos culturais. Ao nos tornarmos aprendizes de uma L2, esclarecimentos acerca de conceptualizações culturais tradicionalmente associadas a várias características da língua a serem aprendidas se tornam necessários (SHARIFIAN, 2011). Se todo ato de linguagem adquire significado em uma circunstância comunicacional, as escolhas linguísticas do falante são feitas para adequarem-se às suas intenções. Considerando que os membros de uma comunidade possuem um determinado ponto de vista compartilhado

²⁴ Individuals tend to transfer the forms and meanings, and the distribution of forms and meanings of their native language and culture to the foreign language and culture, both productively when attempting to speak the language and receptively when attempting to grasp and understand the language.

sobre diversos conceitos, certas escolhas linguísticas poderão também ser estandardizadas, como por exemplo as ocorrências de figuras de linguagem. Iremos nos aprofundar mais nesta questão no tópico 2.4.3 deste trabalho.

2.3 Os tabus e os tabus linguísticos

O conceito de ‘tabu’ gira em torno da censura ou proibição de algum elemento. Guérios (1979, p. 3) compila algumas das características gerais de um tabu, sendo eles (a) a falta de fundamento lógico; (b) a ambivalência, isto é, a existência tanto de repulsa e medo quanto de prazer em torno do mesmo; (c) sua propagação, que ocorre através de sua violação; e (d) sua anulação, que é possível por meio de cerimônia.²⁵ Ao descrever as características de (a) a (d), o autor define um parâmetro básico para definir todo e qualquer tabu. Entretanto, devemos explicitar que os tabus podem ser de diferentes ordens: tabus de superstição, tabus de delicadeza e tabus de decência (ULLMANN, 1952; 1966).

Os tabus do primeiro tipo se referem ao mundo sobrenatural, sobre tudo aquilo que não pode ser compreendido através de nossas experiências mundanas. Guérios (1979, p. 43) nos apresenta como exemplo os nomes religiosos, como o nome de Deus e suas variações – expressões bíblicas como *Javé* e o hebraico *Yhwh* – essa segunda sendo interditada inclusive aos rabinos. A blasfêmia era lida com o sentido de “pontuar, designar” (p. 44), ou seja, quem dar a conhecer o nome do Senhor receberia punição divina. Também pertencentes ao mundo sobrenatural são os tabus em nomes de mortos que, para muitas comunidades, trazem desgraças

²⁵ Inicialmente, sobre a primeira de tais características, muitos trabalhos relativamente recentes das áreas da psicologia, psiquiatria e antropologia se mostram úteis para explicar a falta de fundamento lógico dos tabus. Não temos a intenção de aprofundar-nos em uma perspectiva psicanalítica no assunto, mas convém mencionar, mesmo que de maneira introdutória, os estudos freudianos acerca das neuroses, que tanto se assemelham ao tema deste tópico. As neuroses são o produto de uma desordem mental, que podem surgir a partir de situações aparte da vida do indivíduo. Temos então a forte subjetividade das neuroses, que muitas vezes são remetidas como similares ou iguais às “loucuras”. As neuroses são divididas essencialmente em três grupos: a obsessão, a histeria e a fobia. Acima de suas particularidades, o que todas têm em comum é a incapacidade do indivíduo de encontrar uma razão e uma solução razoáveis para os conflitos internos, como no caso da característica (a) dos tabus. Se retomarmos ao ponto (d) descrito por Guérios, vemos que as psicoses compartilham outra característica dos tabus – a resolução do conflito mental pode ser feita através de um ato solene, de caráter profano ou religioso sem produto concreto, que tem fim em si mesma (uma cerimônia). Para um grupo específico das neuroses, as chamadas ‘neuroses atuais’ para Freud (1932), o comportamento sexual é a fonte dos distúrbios. Neste caso, temos os “impulsos pulsionais opostos” (1912 *apud* JUNQUEIRA; JUNIOR, 2006) que surgem tanto de situações de fobia, ou seja, de medo de algum perigo inexistente, quanto de desejos libidinosos não satisfeitos. Temos assim mais uma relação direta com a descrição de Guérios, especificamente à característica (b).

caso pronunciados. Dos muitos exemplos trazidos por Guérios (1979, p. 80), podemos citar o caso dos narrinieris, tribo australiana, que “tabuízam o nome do extinto provisoriamente, i. e, até que o cadáver haja apodrecido”. Já no caso de espíritos malignos, Guérios nos apresenta as diversas possibilidades de substituição para as palavras “diabo”, “satanás” ou “demônio” (p. 53). Segundo ele, tais substituições podem ser do campo das deformações fônicas ou morfológicas, como por exemplo “dialho”; do campo dos metalexismos, podendo ser eufemismos ou antifrásticos/irônicos, como por exemplo “diabinho”, um eufemismo, no português, e “boginka”, um antifrástico, do polonês, que significa “deusinha”. Há ainda a opção de substituição por um disfêmico, como por exemplo “cão”, além de contarmos também com a substituição por qualificativos, como “o mau”. Cabe, neste momento, esclarecer o conceito de “disfemismo” que, segundo Oliveira (2015, p. 34), é “o emprego de palavra ou expressão depreciativa, ridícula, sarcástica ou chula, operando como um estimulante, irritando a sensibilidade por meio de evocações triviais ou vis. Reforça algo, a expressão ruim (negativa)”.

No caso dos tabus de delicadeza, temos os tabus referentes à polidez e à manutenção de ordem e normas sociais. No segundo caso, ao tratar dos tabus em nomes de autoridades, Guérios relata que

se os nomes de pessoas vivas, das camadas singelas da sociedade primitiva, e mesmo dos mortos, como veremos adiante, são objeto de tantas apreensões e cuidados, não é para estranhar que maiores precauções se tomem para salvar os nomes de reis, sacerdotes e outras autoridades (FRAZER, 1890 *apud* GUÉRIOS, 1979, p. 39).

Por último, os tabus de decência são os referentes às funções corporais e atos sexuais. Guérios nos fornece como exemplo o caso do sangue, que “sempre representou papel importante – foi considerado a sede da vida, da alma, ou confundido com a própria vida” (1979, p. 124), de forma que certas comunidades, como a de S. Cristóvão, nas ilhas Salomão, não derramam sangue no solo durante um sacrifício animal, mas somente em um recipiente apropriado.

Um subgrupo de grande importância para este estudo é o dos tabus linguísticos, que podem fazer parte de um ou mais subgrupos elaborados por Ullmann. Segundo Guérios, o caso das palavras-tabu segue a mesma lógica dos tabus em geral: caso realizadas, “ficam sujeitos a desgraças a coletividade, a família ou o indivíduo” (GUÉRIOS, 1979, p. 1). O tabu linguístico é, portanto, apenas uma modalidade do tabu que se realiza no ato de proferir tal palavra ou expressão. Segundo Correia (1927, p. 453), o tabu linguístico está presente em qualquer camada

social de comunidades contemporâneas e também das de épocas passadas, indo além das particularidades individuais de seus membros. A sanidade, inclusive, também é irrelevante, já que o tabu linguístico é presente tanto no são quanto no doente (p. 453) – distanciando-se aqui de alguns dos aspectos mais proeminentes dos estudos freudianos. A ideia da palavra como a “substância, a alma da própria coisa” (GUÉRIOS, 1979, p. 6) está presente nos setores mais variados da vida em comunidade, e não apenas na área da linguística. Temos, por exemplo, no livro-guia da comunidade cristã, a Bíblia Sagrada, diversas passagens que relatam o poder da palavra. No evangelho de João, encontramos inicialmente a declaração:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam (João 1:1)²⁶.

O poder ativo de Deus se encontra através de sua palavra. O ‘verbo’ se iguala à ação - o que é proferido se torna realidade, materializando-se inclusive em seres, como vemos na identificação clara de Jesus de Nazaré: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (João 1:14)²⁷.

Guérios (1979, p. 5) concebe uma classificação específica para os tabus linguísticos: os próprios e os impróprios. No primeiro caso, a proibição de proferir o nome ou a palavra é no intuito de evitar consequências sobrenaturais, como a infelicidade e a desgraça, estando intimamente relacionados aos tabus de superstição descritos por Ullmann. Uma vez mais, a Bíblia nos propõe um exemplo claro deste tipo de tabu:

Mas se o SENHOR criar alguma coisa nova, e a terra abrir a sua boca, e os tragar com tudo o que é deles, e vivos descerem ao sepulcro, então sabereis que estes homens desprezaram ao SENHOR. E aconteceu que, acabando ele de falar todas essas palavras, a terra que estava debaixo deles se fendeu (Números 16:30)²⁸.

²⁶ João 1:1. In: *Sagrada Bíblia Católica*: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

²⁷ João 1:14. In: *Sagrada Bíblia Católica*: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

²⁸ Números 16:30. In: *Sagrada Bíblia Católica*: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

Já o segundo tipo visa a proibição de expressões imorais ou grosseiras, estando em acordo com os tabus de delicadeza e de decência, segundo Ullmann. O que todos estes casos têm em comum é a possibilidade de substituição da palavra “proibida” por algo que a neutralize ou a omita – os eufemismos. Mais sobre essas figuras de linguagem será tratado no subtópico 2.4, a seguir.

2.4 Os eufemismos

Inicialmente, traremos a definição de “eufemismo” de acordo com gramáticas da língua portuguesa. Bechara (1999, p. 399), em seu capítulo dedicado às alterações semânticas, define o termo como sendo a “translação de sentido pela suavização da ideia”, acompanhando dois exemplos: para a morte e para a bebida alcoólica. O autor exemplifica o primeiro caso com expressões como “finar-se” e “falecer” em circunstância literária, e “bater as botas”, “desocupar o beco” em circunstâncias populares. Para o segundo caso, temos “abrideira”, “água que passarinho não bebe”. Bechara aponta ainda que “o tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*” (1999, p. 399).

Traremos também a definição do Dicionário de Cambridge (2020) para “eufemismo”, que é a de “uma palavra ou frase usada para evitar dizer uma palavra desagradável ou ofensiva”²⁹. Um exemplo mais é do Dicionário Caldas Aulete (2004, p. 349), em que eufemismo é definido como uma “figura de linguagem baseada na substituição de palavra ou expressão de sentido grosseiro, indecente ou desagradável por outra de sentido mais leve e conveniente”.

No caso de material didático de ensino de português para falantes nativos, temos definições similares às já apresentadas. Por exemplo, em capítulo dedicado às figuras de linguagem do Portal SESI Educação, temos que

o recurso do eufemismo é utilizado quando se deseja dar um tom mais leve para uma expressão — ou seja, é diretamente oposto à hipérbole. O significado permanece, mas a frase se torna menos direta, pesada, negativa ou depreciativa.

²⁹ a word or phrase used to avoid saying an unpleasant or offensive word.

“Fulano descansou em paz” é um ótimo exemplo de eufemismo muito utilizado.³⁰

Julgamos, entretanto, que o eufemismo é um fenômeno que, apesar de certamente abranger as considerações feitas anteriormente, vai muito além. Tratar da função dos eufemismos foi papel, durante muito tempo, dos estudos da Linguística Histórica, em especial da relação entre os tabus e os neologismos. Por exemplo, “foi mostrado que o substantivo ‘urso’ originalmente significava ‘o ser marrom’, [...] porque as pessoas acreditavam que proferir o nome do animal causaria sua aparição”³¹ (JAMET, 2018, p. 4). Atualmente, acreditamos que os estudos dos eufemismos em âmbito interacional são de grande valia para a compreensão do fenômeno, pois se dedicam a compreender seu surgimento na comunicação natural. Este é o foco deste trabalho, mas, antes de trabalharmos com esta perspectiva, nos parece caro retomar as definições provindas de materiais cujo objetivo é a elucidação gramatical do fenômeno. Notamos, através das entradas de dicionários, assim como as gramáticas e os materiais didáticos, que o eufemismo é comumente tratado como figura de linguagem. Segundo Regmi (2015, p. 77), “tradicionalmente estes mecanismos têm sido descritos como ornamentos poéticos numa maneira tradicional de analisar o poema”³², de forma que o autor possa transmitir mensagens indiretas aos leitores. O resultado é, portanto, uma linguagem conotativa ou referencial. Para Gray (2008, *apud* REGMI, 2015, p. 77) “qualquer forma de expressão ou gramática que se desvie da expressão mais clara de significado é designada figura de linguagem”.³³

Numa subdivisão das figuras de linguagem, encontramos tradicionalmente a seguinte classificação:

³⁰ Disponível em: <<https://www.sesieducacao.com.br/downloads/4b1accab8f0371b4dfc1f93089f1bc5d.pdf>>. Acesso em 01 de agosto de 2020.

³¹ it has been shown that the noun *bear* in English originally meant “the brown one”, [...] because people thought that uttering the name of the animal would cause its appearance.

³² in a traditional way, these devices have been described as poetic ornaments in a traditional way of analyzing the poem.

³³ Any form of expression or grammar which deviates from the plainest expression of meaning is designated a figure of speech.

Tipo	Definição	Exemplos
Figuras de sintaxe ou de construção	Interferem na estrutura gramatical do período	Elipse, hipérbato zeugma, polissíndeto, assíndeto, anacoluto, pleonasma, silepse e anáfora
Figuras de palavras ou tropos	Adquirem novo significado num contexto específico	Metáfora, comparação, metonímia, catacrese, sinestesia e perífrase
Figuras de pensamento	Aumentam a expressividade de uma mensagem	Hipérbole, eufemismo, ironia, personificação, antítese, paradoxo, gradação e apóstrofe
Figuras de sonoridade	Enfatizam o aspecto fonológico da linguagem	Aliteração, assonância, onomatopeia, paronomásia

Tabela 1: Tipologia das figuras de linguagem (BECHARA, 1999; MESQUITA, 2014 [2013]; AZEREDO, 2008; 2010)

Ao classificar o eufemismo como uma figura de pensamento, seguimos diretrizes de alguns gramáticos que assim o catalogam. Rocha Lima (2005), por exemplo, define eufemismo como “emprego de palavras ou expressões agradáveis, em substituição às que têm sentido grosseiro e desagradável” (p. 532). Consoante a ele, Azeredo (2008) o estipula como a “atenuação de um fato trágico, grosseiro ou desagradável por meio de expressões consideradas mais amenas” (p. 500). Ao tratar do assunto, Guérios diz que o metalexismo é uma estratégia para privar-se de proferir o tabu (1979, p. 11). Por ‘metalexismo’ entende-se qualquer expressão substituta, podendo ela ser ‘noa’, também entendido como o antônimo direto do tabu, ou ‘eufemismo’, que é qualquer outra expressão. O autor destaca, ainda, que os noas são palavras pertencentes ao domínio sobrenatural, já os eufemismos são do campo da moralidade, sendo possível ainda que um termo possa abranger outro – já que “não há inconveniente em estender a aceção de *eufemismo* a *noa*, uma vez que há casos, e muitos, de substituições a tabus que são verdadeiros eufemismos” (p. 12). Por essa razão, englobaremos no termo “eufemismo” as concepções tanto de noas quanto de eufemismos propriamente ditos, e assim, tanto do domínio sobrenatural quanto do domínio da moralidade.

Ressaltamos, ainda, um outro aspecto das figuras de linguagem em geral que tornam sua identificação e descrição uma tarefa árdua: durante o uso cotidiano da língua, as pessoas tentam produzir discursos que deverão ser compreendidos num determinado contexto e adequados aos objetivos comunicativos dos participantes, estando, assim, raramente

conscientes do tipo de significado produzido – literal ou figurativo (GIBBS, 2012, p. 17). Para Brandão (1989, p. 7), o sentido figurado é e sempre foi fonte de divergências entre os estudiosos da linguagem, já que permite uma amplitude de interpretações, visto que em sua estrutura está prevista a polivalência. Ainda segundo Gibbs (2012), diversos sujeitos dos estudos empíricos encontraram dificuldade em identificar as figuras de linguagem em oposição às expressões idiomáticas, assim como entre o que está propriamente dito e o que está figurativamente implícito (p. 18). Isso porque expressões como “alguns empregos são prisões”³⁴ se valem da metáfora para transmitir significado, mas mesmo quando transformadas em uma versão literal de si mesmas, como “alguns empregos são restritivos/limitantes”,³⁵ podem seguir carregando não só o significado físico (um espaço confinado), mas também psicológico ou emocional (limitantes para a criatividade, liberdade de pensamento etc) (p. 21), sendo ambas metafóricas.

Vemos, portanto, que muitas entradas de dicionários e tópicos em gramáticas, ainda que mais recentes, contemplam apenas o domínio da moral e da decência ao definir “eufemismo”, deixando de lado o campo do sobrenatural e suas consequências. Até mesmo na definição de Guérios, que aparenta ser mais completa, encontramos uma ressalva: os eufemismos são tratados como pertencentes somente ao léxico, ou seja, palavras e expressões. Tais definições, ainda que corretas, estão muito vinculadas ao senso comum e à abordagem prescritiva ao explicar as figuras de linguagem, carecendo, portanto, de expansão. Além disso, compreendendo a problemática do distanciamento do significado literal *versus* figurativo, trataremos o fenômeno dos eufemismos não como uma versão figurativa daquilo que não deve ser dito de forma literal, pois, assim como as definições provindas pelos dicionários, essa é uma visão limitada. Entenderemos os eufemismos como ocorrências que lançam mão de ferramentas linguísticas diversas, não sendo necessariamente não literais. Para melhor explorar esse conceito, abriremos o subtópico a seguir.

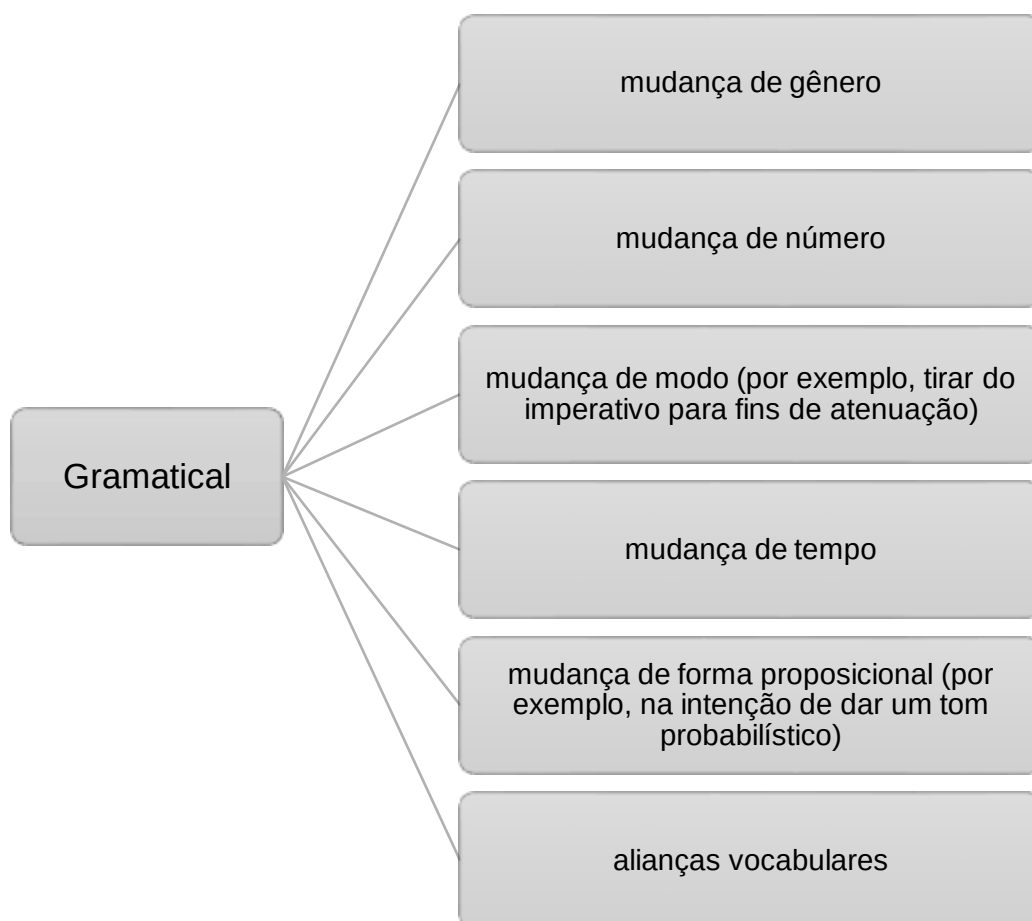
2.4.1 Processos eufemizantes

Neste ponto, iremos nos servir amplamente do trabalho *O Eufemismo e o Disfemismo na Língua e na Literatura Portuguesa*, de João da Silva Correia (1927), que define o eufemismo como “o

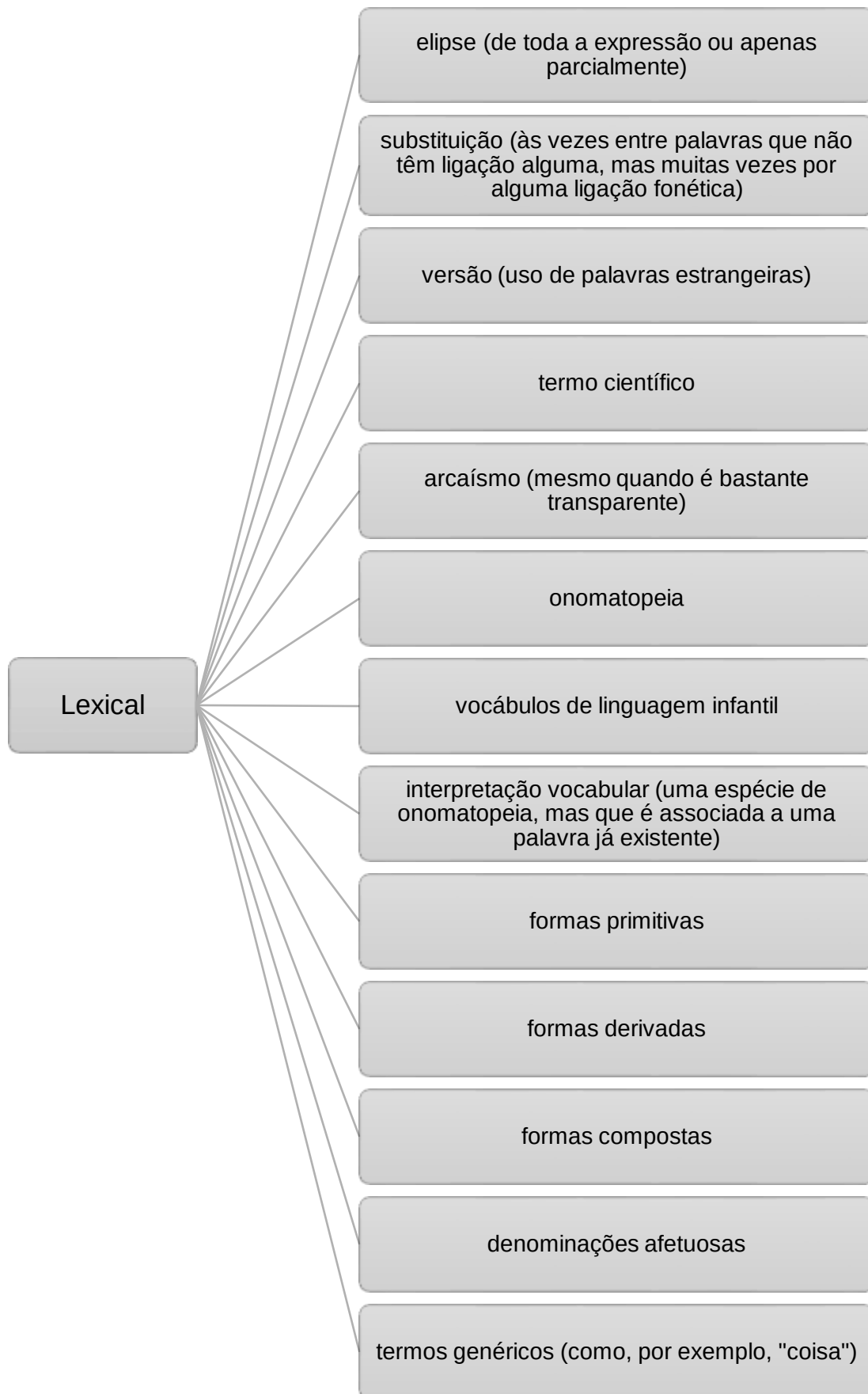
³⁴ Some jobs are jails.

³⁵ Some jobs are confining.

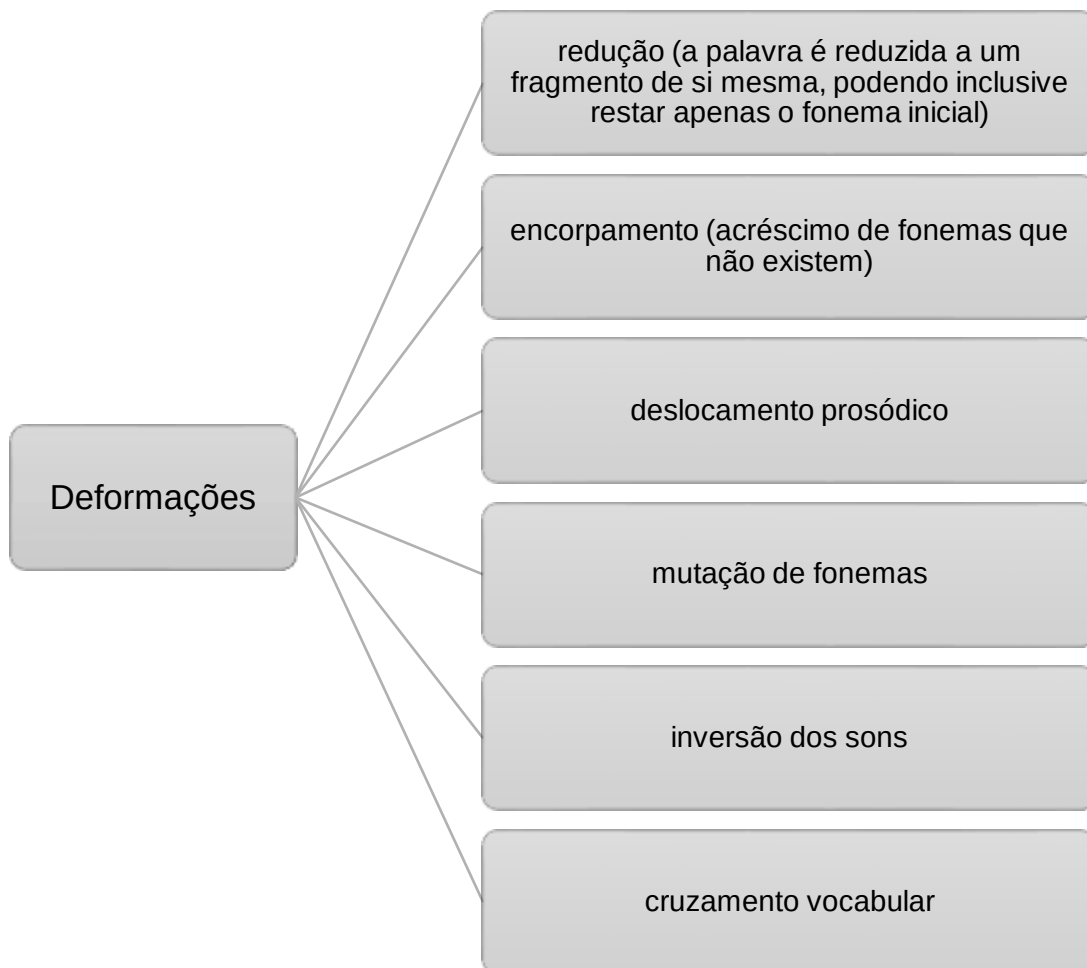
conjunto de meios linguísticos que servem para disfarçar ou atenuar uma ideia desagradável, odiosa, lúgubre, ou imprudente” (p. 447). O autor afirma que os eufemismos podem ser utilizados para mitigar tabus de ordem mística ou de ordem social (p. 460) e que se manifestam nos campos lexical, fonético, gramatical e estilístico. É a partir da definição dada por Correia que enfatizamos a natureza não puramente lexical dos eufemismos, ou seja, um eufemismo vai além da simples substituição de uma palavra ou expressão por outra. Seguem abaixo, de maneira resumida, os campos de atuação dos eufemismos e as diferentes maneiras que podem se manifestar (p. 464). Ressaltamos que, segundo o autor, tal divisão é idealizada, já que se trata de uma manifestação extremamente complexa da comunicação humana:



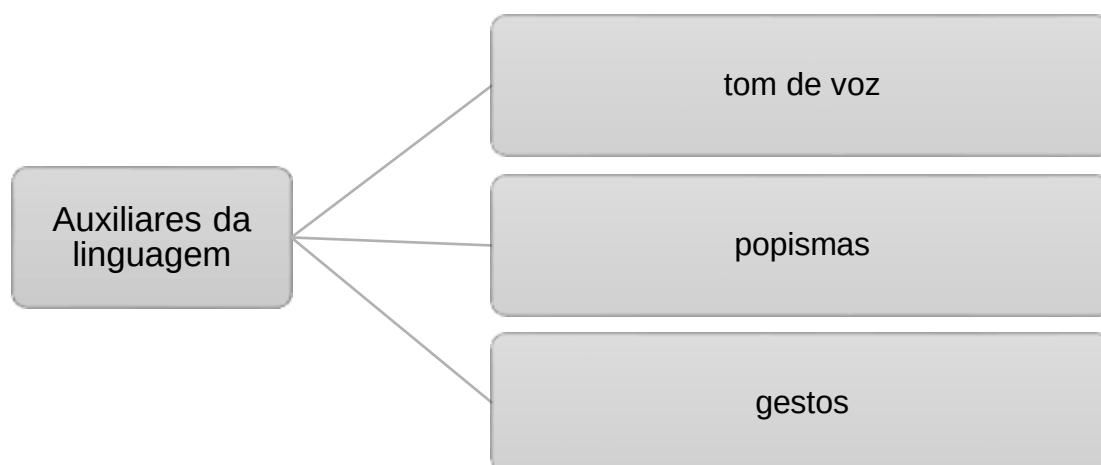
Esquema 1: Processos eufemizantes gramaticais, segundo Correia (1927)



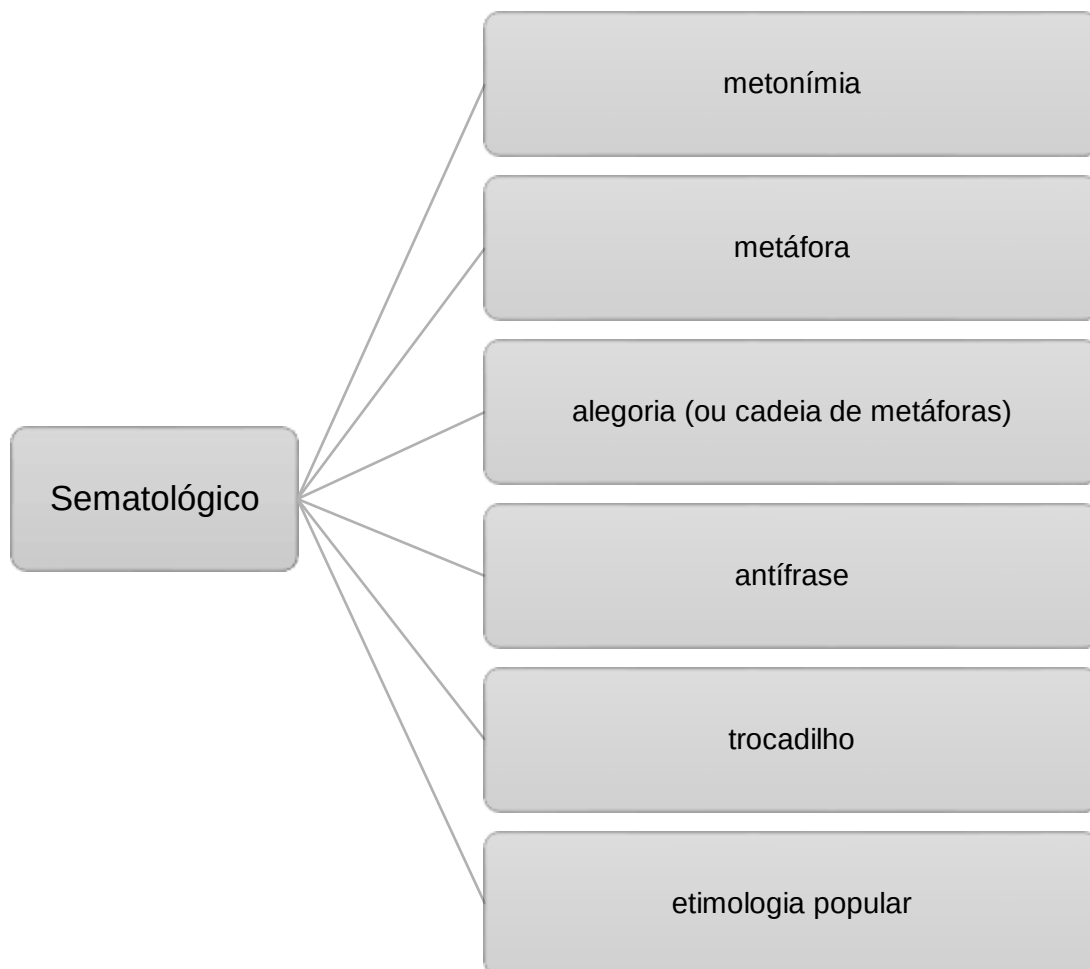
Esquema 2: Processos eufemizantes lexicais, segundo Correia (1927)



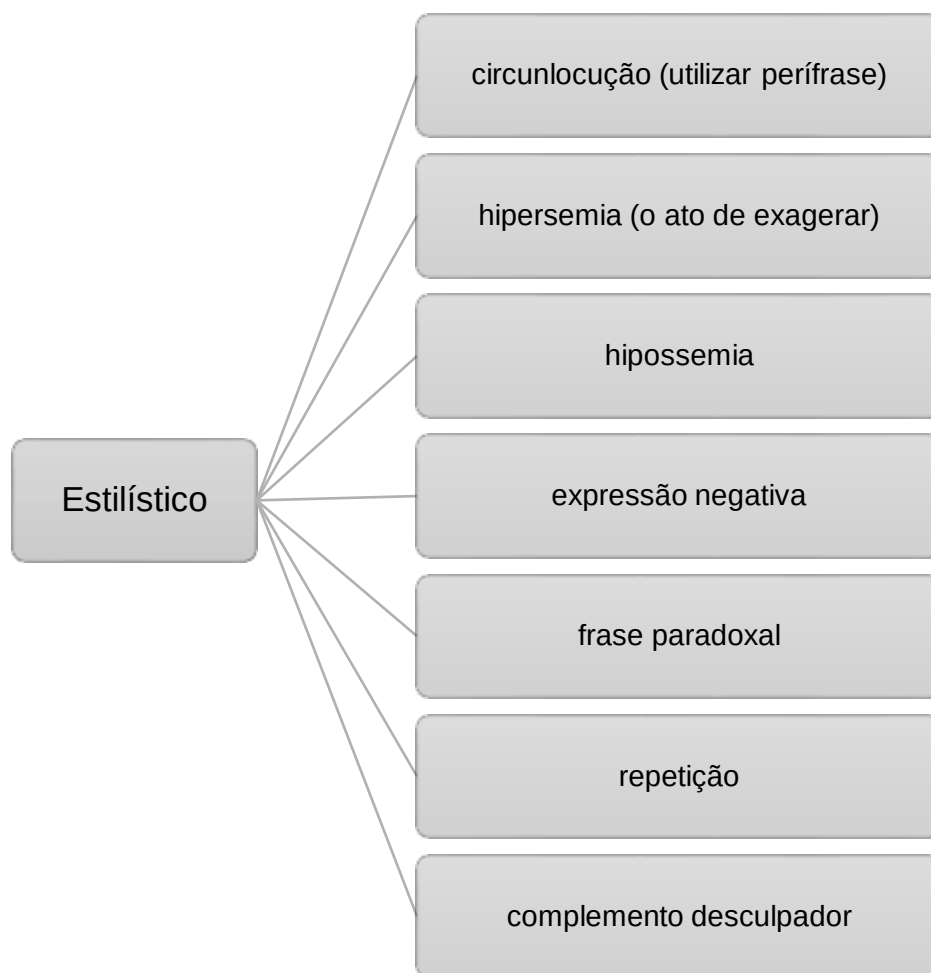
Esquema 3: Processos eufemizantes através de deformações, segundo Correia (1927)



Esquema 4: Processos eufemizantes através de auxiliares da linguagem, segundo Correia (1927)



Esquema 5: Processos eufemizantes semantológicos, segundo Correia (1927)



Esquema 6: Processos eufemizantes estilísticos, segundo Correia (1927)

O que nos chama a atenção na listagem de Correia é a quantidade de possibilidades de processos eufêmicos que podem surgir na comunicação humana, não sempre ligados ao campo lexical e nem sempre excluindo a opção de proferir o tabu. Temos, por exemplo, os gestos e o tom de voz como possíveis eufemismos, além da adição de expressões negativas e complementos desculpadores que seguem junto à verbalização do tabu. Para além da lista de Correia, acreditamos que outras ocorrências nas interações humanas podem ser ocasionadas nas tentativas de dissimular o desconforto ou medo causados pelos tabus. Esse intento tomará lugar na seção de Análise de Dados deste trabalho.

Notam-se discrepâncias entre a definição de Correia e de outros estudiosos já citados. Por exemplo, em oposição a Guérios, que considera distorções fonéticas e eufemismos como possibilidades distintas de substituição de tabus linguísticos, Correia considera que essas

distorções podem fazer parte do grande grupo de eufemismos. Correia, em desacordo também com alguns gramáticos, não pretende listar os eufemismos como um tipo de figura de pensamento. Segundo a visão do autor, os eufemismos podem utilizar-se inclusive de outras figuras de linguagem para serem realizados. Neste caso, Bonhomme (1998) corrobora o ponto de vista de Correia ao propor o entendimento do eufemismo como uma figura derivada. Ambos autores admitem que outras figuras de linguagem, como a metáfora e a elipse, também podem ser mecanismos de realização dos eufemismos. A respeito das metáforas, Oliveira (2015) considera que existem metáforas eufêmicas em especial no campo da decência. Existe, ainda, um subcampo das metáforas eufêmicas, chamado pela autora de ‘metáforas de transposição’, que são uma “transposição sensorial, à qual recorre-se muitas vezes como meio eufêmico” (p. 30). Como exemplo temos “audição colorida”, que substitui a confusão psíquica na obra *Horas*, de Eugénio de Castro.

Para além desta vasta listagem, o estudo de Correia entra de acordo com o de Guérios ao exprimir que “um vocábulo limpo ou inocente num século torna-se obsceno ou sujo no século seguinte” (1927, p. 585). Nota-se que tal observação é válida tanto para tabus quanto para eufemismos, já que “a indecência dos vocábulos é, pois, absolutamente convencional – e no tempo como no espaço” (1927, p. 585). Benczes *et al.* (2018, p. 102) corroboram essa visão e dizem que “o tempo tipicamente acaba removendo qualquer disfarce eufemístico, e há forças internas em ação na mudança linguística para garantir que a maioria das expressões estejam condenadas a ser de curta duração”³⁶. Oliveira (2015, p. 33) também entra em acordo com esta ideia e acrescenta ainda que, além das diferenças ao longo do tempo, diferenças sincrônicas entre comunidades também existem, já que “quanto mais requintada é a civilização de uma sociedade, mais a submissão às fórmulas obriga a empregar atenuações. E não tarda, é natural, a queda em eufemismos desnecessários e afetados”. Especificamente quanto ao tempo, além dos tabus e dos eufemismos sofrerem as mais diversas variações ao longo das eras humanas, na vida pessoal do indivíduo os eufemismos se fazem presentes de maneiras distintas. Segundo Correia (1927), o adulto utiliza menos eufemismos que a criança, mas mais do que o idoso (p. 753). Outras variações interessantes são as das classes sociais e do gênero – mulheres lançam mão de eufemismos em quantidade maior que os homens (p. 754). Esse fato pode ser explicado,

³⁶ Time typically blows the cover of any euphemistic disguise, and there are internal forces at work in language change to ensure that the majority of expressions are doomed to be short-lived.

tanto hoje quanto ao longo das mais remotas civilizações humanas, devido à quantidade consideravelmente maior de elementos proibidos às mulheres e não aos homens.

Mesmo com uma listagem bastante extensa, como o próprio autor afirma, seu trabalho não tem a pretensão de abranger todas as ferramentas linguísticas eufêmicas possíveis; ademais, seu trabalho já é quase centenário, podendo, portanto, ser revisitado. Acreditamos ser possível ampliar ainda mais as considerações do autor com dados de conversas reais e não de obras literárias, as quais foram sua principal base para propor tais processos. Essa tarefa se dará no tópico 4.4 da Análise de Dados.

Focado nos eufemismos em português, Heinz Kröll nos apresenta, em seu trabalho *O eufemismo e o disfemismo no português moderno*, de 1984, uma extensa listagem de expressões eufêmicas. Segundo o próprio autor, o estudo exclui propositalmente os gestos, mas aprofunda-se nos eufemismos lexicais lusitanos e brasileiros. Kröll propõe que a divisão do trabalho seja feita segundo as razões para o surgimento dos eufemismos, e, acompanhadas de alguns exemplos providos pelo autor, são elas:

Tipo	Expressões literais	Exemplos
Superstição	Morte	Eterno sono (descanso, repouso); fim dos seus dias; a viagem de onde não se volta
	Doença	Indisposição; estar indisposto
Delicadeza e respeito	Senhor	Patrão; patrãozinho; chefe; doutor
	Velho	Velhinho; já não é novo; avô; idoso; homem avançado em anos
Defeitos morais e mentais	Louco	Bobo; estúpido; imbecil; tolo, tonto; pobre de espírito; inocente; ingênuo
	Estúpido	Desaparafusado; tem passarinhos no sótão; cabeça de vento; tem um parafuso a menos

Situação financeira	Pobreza	Aperto; estar sem meios; estar falho de recursos materiais; estar em dificuldades monetárias.
	Riqueza	Ter mundos e fundos; ser abastado.
Ofensas e consequências	Roubo	Meter no bolso; desvio; desfalque; posse indevida; extravio; sumiço
	Fugir	Desaparecer; escapulir; esgueirar-se; dar com os calcanhares no rabo
Decência: o corpo	Traseiro	Sítio mais almofadado do corpo; via de trás; rabo
	Seios	Limões; pára-choques; colo, arredondados; melões; melancias
Decência: amor	Prostituta	Moça; menina; moça da vida airada; irregular; a da viela; mulher do mundo; Maria; cadela; galinha
	Gravidez	Estar em estado interessante; andar de barriga; ter barriga

Tabela 2: Tipologia de eufemismos segundo Kröll (1984)

Nos guiaremos por esta classificação, no quesito da tipologia, na etapa da Metodologia, assim como na Análise dos Dados, por estar compatível com aquela proposta por Ullmann para os tabus, e indo ligeiramente mais além. Como já mencionado, uma característica adicional do eufemismo é a possibilidade de tornar-se tão tabu quanto o tabu que inicialmente visava substituir, em especial aqueles que fazem parte do grupo de tabus de decência (ULLMANN, 1952; 1966). Correia julga a cortesia como uma consequência estética do eufemismo (1927, p. 733) e, assim, dedicaremos a próxima seção deste trabalho a expandir a relação entre a cortesia (ou polidez) e os eufemismos.

2.4.2 Polidez e eufemismos

Na vida em sociedade, o que é “proibido” ultrapassa aquilo estipulado constitucionalmente, através das leis. Outras normas, que existem na e através da comunicação humana, são igualmente importantes no bom convívio entre os indivíduos, e não estão presentes apenas nas sociedades contemporâneas, mas sim ao longo de toda a história da humanidade. Tais normas dizem respeito à adequação de um comportamento a uma situação, sendo muitas vezes subjetiva, dependendo da interpretação do interlocutor. A sistematicidade das interações pode ser vista através da postura do locutor, tanto verbal quanto não verbal, e, dentro de uma conversa, por suas escolhas linguísticas, como as trocas de turno e o uso (ou não) da polidez. O comportamento rude seria, então, aquele que “não utiliza estratégias de polidez quando se é esperado que sim” (LAKOFF, 1989, p. 103).

Tratar de eufemismos também é algo presente nos livros de português como língua estrangeira, como visto no material *Português para estrangeiros: Curso introdutório* (2015, p. 39), que traz o tópico “Reclamar: modos de fazer”. O assunto é iniciado da seguinte forma:

Talvez você já tenha observado que, em algumas culturas, como na oriental, não é aceitável ser muito direto; pode ser rude. Uma das características atribuídas ao brasileiro é a de ser cordial. Talvez essa atribuição se justifique, em parte, pelo uso frequente de expressões não diretivas, como se faz quando se evita o não. Entretanto, esse é um estereótipo que não pode ser tomado como regra (...). Dependendo da situação, as pessoas podem utilizar uma linguagem menos ou mais direta.

A razão para a manutenção de tais normas de convívio está diretamente ligada à imagem que os participantes de uma interação produzem de si mesmos. Segundo Goffman (1967), é desta preocupação social que se dá a noção de *face* - a imagem posta em jogo num contexto sociointeracional -, que os participantes tanto têm a intenção de apresentar. Para o autor, a face é o “valor social positivo que uma pessoa reivindica efetivamente para si própria, pela percepção de outros durante um contato em particular”³⁷ (p. 5). Como já mencionado anteriormente, ainda que a interpretação de nossos atos seja subjetiva – depende do contexto da comunicação e da bagagem cultural do interlocutor –, seguimos no intuito de agir da maneira

³⁷ “the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact”.

que nos parece mais adequada para preservar a imagem social que temos a intenção de apresentar. Buscando tal adequação, nós nos posicionamos de maneiras diferentes dependendo da situação em que estamos inseridos. A polidez é tanto opcional, proveniente da decisão de cada interlocutor sobre seus próprios atos, quanto variável, dependendo da interpretação de atos verbais ou não verbais de outrem (RUHI, 2008 *apud* CULPEPER, 2011). Quanto aos nossos atos não verbais, várias são as atitudes que irão variar de acordo com as normas sociais: os gestos, o espaço pessoal, a maneira como nos vestimos. A maneira como gesticulamos numa interação com crianças pequenas talvez não seja bem vista se reproduzida numa conversa entre adultos. Não somente em contextos de diferença de idade, mas também de formalidade, vemos atitudes distintas – não nos portamos da mesma maneira conversando com amigos e com figuras de poder, como chefes ou professores.

A variação também existe pura e simplesmente de acordo com a bagagem cultural dos participantes. O cumprimento, por exemplo, não se realiza da mesma maneira entre indivíduos latino-americanos e alemães, nórdicos ou norteamericanos, por exemplo. Neste caso, vemos como a noção de espaço pessoal varia de acordo com a vivência de cada grupo: um abraço e um beijo no rosto, gesto comum em interações tanto formais quanto informais entre brasileiros, talvez não seja percebido da mesma maneira para um alemão, já que essa intromissão do espaço pessoal é geralmente dedicada às relações mais íntimas. Não é diferente no caso dos atos verbais, já que visamos reconhecer o contexto interacional específico com o que dizemos e como dizemos. Para além do léxico, ou seja, as escolhas de palavras, outros aspectos devem ser levados em consideração, como por exemplo o tom de voz, a entonação, a clareza da pronúncia. Se iremos fazer um pronunciamento diante de uma plateia, num contexto profissional ou acadêmico, por exemplo, nos portaremos de maneira distinta de quando estamos num bar na presença de amigos. O que é perfeitamente aceitável neste não o é naquele, como por exemplo o uso de gírias, de palavras de baixo calão, ou um ritmo rápido em alto volume.

A polidez é uma estratégia linguística que está intimamente relacionada à manutenção da face e da cordialidade em meio a uma comunicação. Brown e Levinson (1987) discutem as estratégias de atenuação de momentos que podem ameaçar a própria face ou a face do interlocutor, através de distintas estratégias de polidez. Corroborando as categorias de Correia (1927), Brown e Levinson mencionam recursos que nos permitem sermos indiretos ao demonstrarmos incômodos ou queixas, como por exemplo através da metáfora e da ironia (1987, p. 6). Para os autores, a polidez interfere na liberdade de fala do indivíduo através de mecanismos atenuadores. Segundo Spencer-Oatey e Kádár (2015, p. 74),

avaliamos as pessoas como sendo polidas ou não com base em nossas interpretações de seu comportamento ou sua linguagem. Nossas interpretações não costumam ser idiossincráticas, mas se relacionam com expectativas culturais quanto ao que é um comportamento aceitável ou inaceitável no contexto em que ele ocorre³⁸.

Por essa razão, como vimos em seções anteriores deste trabalho, a polidez e os eufemismos estão intimamente ligados.

Mas e quanto à polidez e aos tabus? Segundo os estudos de Culpeper (2011, p. 136), as palavras ou comportamentos tabus podem desencadear um julgamento de impolidez, mas aparentemente o fazem muito raramente de maneira exclusiva³⁹. Muitas vezes é necessário que os tabus sejam transformados no que o autor chama de ‘intensificadores’ para que, assim, seja identificado um comportamento rude. Culpeper determina que um intensificador tabu em si pode violar as normas sociais sobre linguagem apropriada em grupos específicos⁴⁰ (2011, p. 144), como o exemplo da palavra *fuck* do inglês, que, transmutada em substantivo, adjetivo ou advérbio, tem o poder de acréscimo emocional no que é dito (positivo ou negativo). Dizer “cale a boca”, ou *shut up*, transforma-se em algo mais poderoso se o inserirmos: *shut the fuck up* – inclusive este sendo comumente censurado em meios de comunicação, mas não o simples *shut up*.

2.4.3 Eufemismos em L2

Retomando alguns preceitos básicos da Linguística Interacional, temos que

se a língua é essencialmente um instrumento de interação humana, um linguista interacional espera que ela seja formatada crucialmente por esta função, ou, para usar uma metáfora biológica, que ela seja adaptada ao ambiente que ‘habita’⁴¹ (COUPER-KUHLEN, SELTING, 2001, p. 3).

³⁸ [...] we assess people to be polite or impolite, based on our interpretations of their behaviour/language. Our interpretations are not usually idiosyncratic, but rather relate to culturally based expectations as to what is acceptable or unacceptable behaviour in the context in which it occurs.

³⁹ taboo words or behaviours can trigger a judgement of impoliteness, but they seem to do this per se extremely rarely.

⁴⁰ A taboo intensifier itself can violate the social norms of particular groups about appropriate language.

⁴¹ Because language is first and foremost a tool for interaction, an interactional linguist expects it to be shaped in crucial ways by this function, or to use a biological metaphor, to be adapted to the environment which it ‘inhabits’.

Conforme postulado por Sharifian (2011) e mencionado no tópico 2.2 deste trabalho, as conceptualizações culturais tradicionalmente associadas a várias características da língua a serem aprendidas se tornam essenciais para os aprendizes de L2. Assim, é permitido aos falantes ter uma maior autonomia linguística para adequar seu discurso às suas intenções. Considerando que os membros de uma comunidade possuem um determinado ponto de vista compartilhado sobre diversos conceitos, ponto-chave da Linguística Cultural, certas escolhas linguísticas poderão também ser estandardizadas, como por exemplo as ocorrências de figuras de linguagem – e aqui nos atentamos especificamente ao uso dos eufemismos lexicais.

Segundo Margarita Correia,

no ensino de uma língua como língua não materna, um dos objetivos claros a atingir é o da promoção da riqueza vocabular dos alunos, isto é, o fato de o aluno conhecer um número de palavra tal que lhe permita ouvir, falar, ler e escrever de forma eficiente e adequada à situação de comunicação. (CORREIA, 2011, p. 225)

A autora defende o ensino de léxico em contrapartida ao ensino de vocabulário, exatamente pelo conceito de vocabulário denotar um conjunto fechado de palavras. Ao pensarmos no ensino do léxico, providenciamos ao aluno a capacidade de decodificar uma palavra em contexto e produzir enunciados corretos a nível gramatical, cognitivo e social (p. 226). Quanto a este último aspecto, Correia ressalta que é relevante que uma unidade lexical seja enquadrada em nosso conhecimento de mundo (p. 229).

Alinhados a essa perspectiva, temos aqui os pressupostos teóricos do Exame de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras):

no que se refere à questão cultural, entende-se por cultura as experiências de mundo e as práticas compartilhadas pelos membros de uma comunidade. Os indivíduos agem em contexto e, como tal, são influenciados por sua própria bibliografia e pelo contexto social e histórico no qual estão inseridos. Cultura não é vista aqui como uma lista de fatos, autores ou datas importantes, mas como vários processos culturais inter-relacionados, tais como formas de interagir em diversas situações e contextos, atribuições de valores, representações de si próprio e do outro, modos de relacionar a interação e a organização cotidiana com sistemas e processos culturais mais amplos. Cultura não é algo acabado, mas co-construído nas práticas cotidianas de uma comunidade. Levar em conta a cultura brasileira no exame Celpe-Bras significa, portanto, estar sensibilizado para outros pontos de vista sobre o

Vemos, novamente, a preocupação com os juízos de valor que são atribuídos a determinadas palavras ou expressões e o entendimento que esse tipo de atribuição é feito de maneira coletiva, ficando a cargo do aprendiz de português como L2 identificar e colocar em práticas tais “normas” sociais.

Uma das formas na qual o eufemismo pode surgir é através de expressões idiomáticas, as quais “[...] formam um todo indissolúvel como resultado de uma compacta articulação e cristalização de todo um saber amadurecido que as comunidades codificaram na oralidade” (ALVAREZ, 2000, p. 269). As expressões idiomáticas comumente se constituem, mas não de maneira exclusiva, através de metáforas. Alvarez nos apresenta as características gerais das expressões idiomáticas, sendo elas a pluriverbalidade, a estabilidade e o sentido figurado (2000, p. 140). Quanto à primeira característica, entende-se que cada expressão idiomática é formada por pelo menos duas palavras, sendo uma delas a palavra-chave e a(s) outra(s) auxiliar(es). Quanto à estabilidade, tem-se que as expressões seguem uma forma rígida, entretanto, segundo o autor, “a questão da intradutibilidade que antes era considerada como um dos traços inerentes à unidade fraseológica foi descartada” (2000, p. 140), sendo possível a inserção de outros elementos sem comprometimento de significado.

Ao pensarmos no tema num contexto de ensino de português como L2, um ponto-chave no ensino de expressões idiomáticas é a convencionalidade, ou seja, “tudo aquilo que é tacitamente aceito, por uso geral ou consentimento, como norma de proceder, de agir, no convívio social; costume; convenção social” (FERREIRA, 1986, p. 470). Não seguir essas normas sociais implica, então, um ato de “falta de educação”. Presentes nos livros didáticos de L2, os exercícios de habilidade oral da língua muitas vezes são os que carregam consigo o treinamento deste tipo de expressão e de normas sociais. Segundo Pacheco (2006), os trabalhos orais em sala de aula são essenciais, especialmente se o processo de ensino-aprendizagem da L2 ocorre em contexto de imersão, pois “esse tipo de ensino vai incluir aspectos relativos à polidez, ao tratamento interpessoal, às relações interculturais” (p. 161) e, conseqüentemente, irão melhorar a qualidade de vida do aprendiz. Esse tipo de trabalho é importante também na identificação e esclarecimentos a respeito do preconceito e da discriminação linguística, mostrando como a oralidade reproduz esquemas de poder implícitos, sendo uma ferramenta de controle social, tendo em vista suas íntimas, complexas e comprovadas relações com estruturas

sociais (MARCUSCHI, 2003 *apud* PACHECO, 2006, p. 162). Com relação aos tabus, segundo Khaghaninejad, Ahmadi e Shegeft, trabalhar com tais palavras e expressões

deve ser de grande preocupação para os formuladores de políticas e desenvolvedores de currículo do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, pois a indiferença para com eles pode destruir todo o processo de aprendizagem de línguas e estabelecimento de interações sociais sólidas⁴² (KHAGHANINEJAD; AHMADI; SHEGEFT, 2020, p. 78).

Dessa forma, o uso apropriado de palavrões e palavras tabu requer representações semânticas e conceituais adequadas, assim como uma considerável consciência sociocultural e sociopragmática (DEWAELE, 2018, p. 220), de forma que o falante compreenda quando e como atenuar a própria fala. Dewaele considera também que os falantes de L1 têm uma relação mais intensa com palavras tabus, uma vez que há “uma intensa socialização afetiva na primeira infância, enquanto os falantes bilíngues tardios e usuários de L2 processam a L2 semanticamente, mas não afetivamente”⁴³ (2018, p. 230).

Com o objetivo de identificar as ocorrências de eufemismos em conversas não apenas entre falantes nativos de língua portuguesa, mas também entre falantes de português como L2, devemos ter em conta que o uso dos eufemismos considerados “lexicais” pode não ser encontrado da mesma maneira ou frequência em ambos grupos. Devemos levar em consideração que a noção de “riqueza vocabular” será distinta entre todos e cada membro dessas conversas. Entre os brasileiros, o uso da língua será moldado por toda sua experiência de vida, sob aspectos sociais, escolares, econômicos etc. No caso dos estrangeiros o mesmo é válido, estando eles ainda sob a circunstância pessoal da experiência de aprendizagem da língua portuguesa como L2, além de serem portadores de uma bagagem cultural distinta dos participantes brasileiros.

⁴² [...] should be of great concern for policy makers and curriculum developers of foreign language teaching and learning because indifference to them might destroy the whole process of language learning and establishing sound social interactions.

⁴³ [...] because of intense affective socialization in early childhood while late bilinguals and LE users process the LE semantically but not affectively.

3. METODOLOGIA

A metodologia empregada nesta pesquisa está de acordo com a utilizada pelo Centro de Pesquisa *Intercultural Communication in Multimodal Interactions* (ICMI),⁴⁴ coordenado pela professora Ulrike Schröder, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O ICMI representa a nova fase do originalmente brasileiro *Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter)Cultural em Interação* (NUCOI), que iniciou suas pesquisas em 2010 a partir do projeto piloto “Comunicação intercultural entre participantes das culturas brasileira e alemã”. Atualmente o Centro de Pesquisa conta com quase 2500 minutos de interações gravados em vídeo, sendo tais interações das mais variadas ordens – conversas eliciadas, institucionais, com participantes de mesmo contexto cultural e/ou linguístico e de contextos distintos.

No presente trabalho, temos duas filmagens como base dos dados, ambas de conversas eliciadas sobre o mesmo tema. Um dos grupos é composto por europeus, que no momento da filmagem eram intercambistas nos programas de graduação e pós-graduação da UFMG; o segundo grupo constituindo-se unicamente de brasileiros. Com relação à estrutura deste capítulo metodológico, iremos inicialmente apresentar os recursos tecnológicos que possibilitaram a transcrição das conversas eliciadas, para posteriormente indicarmos os detalhes da coleta de dados e as particularidades de cada elemento do *corpus*.

3.1 O sistema de transcrição GAT 2

Em 1997, um grupo de pesquisadores alemães dedicados à Análise da Conversa desenvolveu o sistema de transcrição GAT (do alemão *Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem*, ou “sistema de transcrição analítica conversacional”, em tradução livre). Segundo Selting (2011), o sistema GAT busca se manter fiel ao sistema de transcrição de Jefferson (1979), além de “propor algumas convenções que são mais compatíveis com a análise linguística e fonética da língua falada, especialmente para a representação da prosódia na fala-em-interação”⁴⁵.

⁴⁴ Mais informações sobre o centro, assim como os projetos passados e em andamento, bem como os eventos atuais, podem ser encontrados na página vinculada à Faculdade de Letras, da UFMG:

<<http://www.letras.ufmg.br/padrao/cms/index.php?web=icmi&lang=2&page=2906&menu=&tipo=1>>

⁴⁵ [...] yet proposes some conventions which are more compatible with linguistic and phonetic analyses of spoken language, especially for the representation of prosody in talk-in-interaction.

Posteriormente, o sistema GAT recebeu algumas alterações de forma a integrar de maneira mais harmônica os diversos elementos linguísticos de uma interação, originando o sistema de convenções GAT 2. Dos avanços possibilitados pelo GAT 2 à análise de conversas, é de vital importância mencionar a organização das falas em “unidades entonacionais”⁴⁶, além da viabilidade de transcrever elementos coocorrentes, como por exemplo fala e gesto. Elementos prosódicos, assim como as pausas, também são expressas através deste sistema de convenções. Escolhemos fazer uma transcrição majoritariamente de nível intermediário de complexidade, também chamada de transcrição básica, com eventuais aparições de convenções também pertencentes à análise mais refinada. As razões para tal escolha se deram, principalmente, pelo ensejo de manter um alto grau de legibilidade e fluidez na leitura das transcrições, sem abrir mão de observações específicas pertinentes à análise.

Todas as convenções estão disponíveis no Apêndice I deste trabalho, advindas da tradução para o português do artigo original de Selting *et al.* (2011), feita pelo grupo NUCOI (2016).⁴⁷ Ainda assim, ilustraremos a seguir algumas das convenções mais recorrentes nas transcrições de fala-em-interação, providas do material que se encontra na íntegra nos Apêndices II e III deste trabalho, e que serão aprofundadas na Análise de Dados.

Iniciaremos com um excerto da interação *InBH2019*:

Sequência 3.1 – InBH2019 ((01:29–01:38))

01 I4: educação financeira é fundamentAL no atual
cenário econômico;
02 no seu país de oRIgem,
03 (.) existem aulas nas escolas sobre educação
finanCEira?

A primeira observação a ser feita é a respeito da distinta fonte utilizada – trata-se de uma convenção aderida pelo ICMI utilizar a fonte “Courier New” para distinguir trechos de

⁴⁶ Segundo Selting (2008), a delimitação de uma unidade entonacional não é tarefa simples, portanto ela numera alguns recursos prosódicos que, em adição a elementos sintáticos, ajudam o transcritor a definir uma unidade entonacional:

- momentos de redução do volume no turno do falante;
- momentos de alongamentos vocálicos depois de sílabas acentuadas;
- momentos de contorno entonacional (entonação descendente, ascendente etc).

⁴⁷ Disponível em: http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2016/12/GAT_Completa_Final_11_2016-corrigido-PDF.pdf. Acesso em maio de 2020.

transcrição do texto propriamente dito de um trabalho. É acordado também não utilizar os nomes reais dos participantes, mas sim um código que os nomeie e os diferencie. Temos por exemplo “I4”, que é uma participante da interação *InBH2019*. Além disso, uma outra característica que ajudará a situar os trechos transcritos em meio à análise de dados é a referência numérica de cada unidade entonacional ou outro elemento linguístico descrito pelo transcritor, seguida pela identificação de qual participante é responsável pela realização de tal ação. A linha 01, portanto, diz respeito à fala de I4, educação financeira é fundamentAL no atual cenário econômico;. Ressaltamos, ainda, que quando não existe uma identificação explícita do responsável pela realização da unidade, como é o caso das linhas 02 e 03, é porque o último participante mencionado é o responsável por elas. Neste trecho, identificamos I4 logo na linha 01, e as linhas 02 e 03 também lhe pertencem, sendo uma continuidade de seu turno de fala.

Com relação aos finais de cada uma das unidades entonacionais, acrescentamos os sinais gráficos de pontuação (.), (;), (-), (,), e (?) para indicar o contorno entonacional da unidade, variando de baixo descendente até alto ascendente. Também é válido mencionar que todas as unidades que sejam compostas por, no mínimo, uma palavra de mais de uma sílaba deverão ter clara indicação de seu acento focal. O acento focal pode ser entendido como a sílaba proferida de maneira mais proeminente numa unidade, e sua demarcação é feita através de letras maiúsculas. Assim, letras maiúsculas numa transcrição não dizem respeito às regras gramaticais (inícios de frase e nomes próprios). Cada unidade deve indicar no mínimo um acento primário, ou seja, a sílaba proferida de maneira mais proeminente, mas pode também conter inúmeros acentos secundários, que deverão ser indicados pela letra maiúscula de apenas uma vogal, a primeira vogal da sílaba em questão, em oposição à sílaba completa dos acentos primários. Na linha 01, temos o acento focal em fundamentAL e posteriormente um acento secundário em econômico.

Finalmente, neste trecho também temos uma pausa, transcrita na linha 03. As pausas serão transcritas de maneiras distintas dependendo do tempo de sua duração, podendo variar entre micropausas, como (.) da linha 03, pausas médias, que serão descritas pelos sinais (-), (--), e (---), e pausas mais longas, que identificarão explicitamente sua duração em segundos. Uma pausa de 5 segundos, portanto, seria transcrita da seguinte forma: (5.0).

Traremos um outro exemplo para algumas outras convenções, providas da mesma interação *InBH2019*:

Sequência 3.2 – InBH2019 ((02:43–02:45))

35 I2: [mas são É,] ((leva as mãos na direção de I1))
36 I1: [aQUI,]
37 I1: <<levando a mão direita em direção a I2> desCULpa
mas,>

Primeiramente, vemos que as linhas 35 e 36 apresentam falas sobrepostas, que são identificadas através de colchetes que demarcam o que foi dito ou feito simultaneamente ao turno de outrem. Os colchetes devem estar alinhados, de forma que a fala de I2 *mas são É,* seja facilmente identificada como coocorrente à fala de I1 *aQUI,* . Um outro elemento importante neste trecho, e que acontecerá frequentemente nos dados deste trabalho, é a transcrição dos gestos. O primeiro gesto deste trecho é realizado por I2 na linha 35, quando ele leva as mãos na direção de I1. Este gesto acontece após sua fala, e não concomitante a ela, de forma que o gesto foi transcrito no tempo presente do indicativo e por meio de dois parênteses no começo e no final. Um segundo gesto pode ser visto na linha 37, realizado por I1, e coocorre junto à sua fala *desCULpa mas,* . Neste caso, transcrevemos o gesto no tempo gerúndio, além de demarcarmos sua descrição através de quatro sinais: << >>. Os dois primeiros, ou seja, <<, demarcam o início da descrição do gesto. O terceiro, >, demarca o fim de sua descrição e o último, >, é posto ao fim da fala que ocorreu junto ao gesto.

Por fim, apresentamos um terceiro e último trecho:

Sequência 3.3 – InBH2019 ((03:14–03:16))

60 I3: [((abaixa os cantos da boca))]
61 I1: [pra de verDAde (xxx xxx)]
62 I2: [tem aula AUla de economia,]

Aqui, vemos na linha 60 a descrição da expressão facial. As convenções para este tipo de transcrição seguem as mesmas referentes aos gestos, tanto dos tempos verbais quanto dos sinais gráficos e sua organização textual. Um último esclarecimento referente às convenções do GAT 2 deve ser feito, desta vez com relação à linha 61, em que podemos ver o trecho *(xxx xxx)*. É assim identificado um trecho incompreensível, neste caso de duas sílabas. Trechos incompreensíveis ao transcritor também podem ser descritos como *(inaudível)*, ou ainda

(vozes sobrepostas), dependendo de cada ocorrência. Ressaltamos que o sistema GAT2 permite uma gradação de detalhamento da transcrição, podendo ir desde uma transcrição mínima, com poucos detalhes, até uma transcrição refinada, com diversas notações prosódicas, visuais etc. Para o presente trabalho, utilizamos uma transcrição mista, quase sempre no nível intermediário de detalhamento, mas também em momentos pontuais lançamos mão de ferramentas do nível mais refinado, em especial no caso da prosódia.

3.2 O funcionamento do software EXMARaLDA

O software EXMARaLDA foi desenvolvido pelo Centro de Pesquisa Colaborativo *Mehrsprachigkeit* (ou “Multilinguismo”, em tradução livre), da Universidade de Hamburgo, com o objetivo de servir como ferramenta de transcrição para pesquisadores das mais variadas áreas. O sistema é voltado para o tratamento de corpora oral, em áudio ou vídeo, e conta com diversas vantagens, como o alinhamento temporal entre transcrição e som. O pacote EXMARaLDA conta com três ferramentas distintas: Partitur-Editor, Corpus-Manager e EXAKT, porém, para fins de análise dos dados deste trabalho, somente a primeira foi utilizada. A ferramenta Partitur-Editor é a que contém a função de transcrição de dados em áudio ou vídeo, cujas principais características discutiremos abaixo:

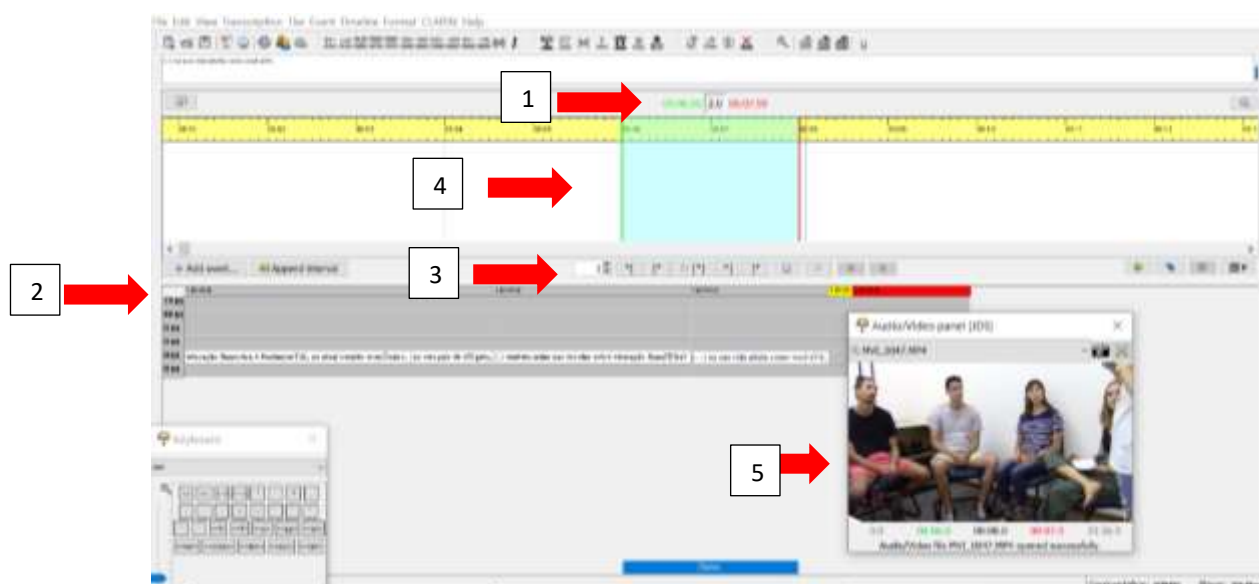


Figura 1: O layout da ferramenta Partitur-Editor

A primeira função que cabe mencionar é a disposição dos elementos: na mesma tela temos a contagem de segundos de cada uma das unidades entonacionais, as trilhas de áudio e de transcrição, o teclado de convenções e a janela de vídeo. Como pode ser visto no apontamento número 1 da imagem, a função de contagem de tempo das unidades é especialmente eficiente para informar a duração de pausas. A observação de número 2 ilustra a disposição dos participantes; assim, cada uma das trilhas horizontais pertence a um participante e permite que, em caso de falas sobrepostas, a transcrição possa ser feita no mesmo trecho vertical. Dessa forma, torna-se visualmente fácil de compreender os momentos de sobreposição de vozes ou, ainda, de gestos e expressões faciais. A indicação de número 3 refere-se aos controles de *play* e pausa, que são úteis, pois se restringem à demarcação de cada unidade entonacional, ainda que ela possa ser estendida ou diminuída no painel acima, de numeração 4 na figura. Dessa maneira, podemos ter unidades maiores ou menores dependendo do que ocorre entre os participantes, assim como repetir um único trecho múltiplas vezes – que consiste em um exercício essencial na transcrição de vídeos – sem que seja necessário voltar manualmente no vídeo. Por fim, no canto inferior direito, de numeração 5 na figura, temos o vídeo em miniatura, que nos auxilia constantemente para localizar com precisão os participantes responsáveis pela fala; é essencial também para a descrição dos gestos e das expressões faciais, sendo ainda de especial valia para a descrição dos elementos orais, já que observar a boca do falante pode auxiliar o transcritor em casos de dúvida.

3.3 A coleta de dados

Como mencionado previamente, os dados a serem analisados neste trabalho são oriundos de duas conversas eliciadas gravadas em vídeo. A escolha de uma gravação em vídeo em oposição a uma gravação somente em áudio se deu por prezarmos a análise de outras modalidades que seriam inevitavelmente excluídas no caso de um formato puramente auditivo, nomeadamente os gestos e a expressão facial. Dessa maneira, torna-se possível compreender a situação comunicativa de maneira holística, identificando significados que são construídos não apenas pela fala, mas também através de outros elementos visuais-corporais, feitos concomitantes ou não à fala, de igual relevância.

A decisão de optar por uma coleta de dados através do método da conversa eliciada corresponde aos nossos objetivos de pesquisa, uma vez que propõe aos participantes um caminho comunicacional a ser seguido. Os participantes, portanto, são orientados a seguirem uma série de assuntos previamente estabelecidos pelo pesquisador, sem que haja interferência do próprio pesquisador no que é, de fato, produzido pelos voluntários. Tal alternativa metodológica sofreu inúmeras críticas ao longo dos anos, sendo o cerne principal da maioria delas o fato de que não se trata de uma “interação natural”. Por se tratar de pessoas que receberam um convite formal para participar de uma conversa com assuntos pré-estabelecidos, que seria, então, gravada em vídeo ou áudio, o elemento “natural” das interações humanas não estaria presente. Inicialmente porque estariam recebendo ‘instruções’ sobre qual assunto falar, além de estarem conscientes da presença do pesquisador/observador e da câmera, elemento este incomum nas nossas interações diárias e que poderia levar à mudança de comportamento dos voluntários.

Argumentamos contra tal crítica de duas maneiras diferentes; a primeira delas é reforçar a importância de ser totalmente transparente com os voluntários da pesquisa. O pesquisador responsável deve informar àqueles que estão participando das gravações sobre a metodologia e fornecê-los total possibilidade de concordar (ou não) com os métodos. Assim, se o pesquisador deseja coletar dados “naturais” de forma que sua própria presença ou a presença da câmera não venha a ser considerada, ele teria que violar o direito de privacidade dos participantes, fazendo uma gravação sem consentimento dos mesmos, por exemplo, colocando uma câmera fora do campo de visão daqueles que visa filmar e coletando o conteúdo de uma conversa possivelmente privada. Por essa abordagem não se adequar ao intuito de nossos estudos, tampouco às normas de ética da comunidade científica, optamos pela total transparência metodológica com os voluntários de ambas gravações, providenciando também um termo de consentimento de uso de imagem para fins científicos assinado por cada um deles, individualmente, em inglês ou em português. Este documento fornece informações sobre o grupo e os objetivos do tipo de pesquisa que é feita pelos pesquisadores participantes, assim como canais de contato com a pesquisadora responsável e, ainda, resguarda a todos os participantes o direito de, a qualquer momento, anular a concessão de imagem e afastar-se das pesquisas. Uma cópia deste termo pode ser vista no Apêndice IV deste trabalho.

Ainda que seja de extrema importância a total compreensão dos voluntários sobre os métodos, devemos chamar atenção ao que Labov (1972) chama de “paradoxo do observador”, isto é, como diminuir ao máximo as interferências para observar uma interação “normal”, já

que a simples presença da câmera pode transformar a maneira como os participantes se comunicam. Para tal problemática não temos uma solução perfeita, apenas medidas que visam trazer a normalidade o máximo para a interação. Por exemplo, ambas gravações desta pesquisa foram feitas em locais de convívio diário dos participantes, uma delas sendo a universidade e outra a própria casa onde vivem. Ademais, todos os participantes das interações já se conheciam previamente às filmagens, além de já conhecerem também a pesquisadora. Acreditamos que a familiaridade com o ambiente e com uns aos outros podem ser fatores importantes em termos de conforto físico e de fluidez da conversa.

A segunda contra-argumentação que desejamos fazer é referente aos assuntos pré-estabelecidos. De fato, ambas conversas eliciadas foram feitas com o suporte de cartões escritos que continham os tópicos a serem analisados. Cada cartão contém uma manchete recente de notícias brasileiras, seguidas por três perguntas sobre o tema. Neste momento, no intuito de direcionar as conversas para o assunto de tabus e eufemismos, lançamos mão de estudos como o de Oliveira (2015) para a escolha das manchetes, já que “o eufemismo pode ser utilizado em diversas áreas, sobretudo nas que envolvem a coletividade, por exemplo, na Política, Economia e Sociedade” (p. 15). O interesse do ICMI é um interesse semântico e (inter)cultural, orientado por conceitos específicos – aqui, para descobrir como se fala sobre tópicos que podem ser tabus na sociedade brasileira, é necessário eliciar uma conversa sobre isso. A Análise da Conversa é, portanto, para o ICMI, e conseqüentemente para a presente pesquisa, um primeiro passo metodológico, para garantir uma transcrição detalhada, holística e para poder operar com base em conceitos (turno, reparo etc.) úteis e sólidos.

Os temas foram escolhidos por se tratarem de assuntos possivelmente tabus e, assim, com alta chance de propiciar usos de expressões eufêmicas, conforme pode ser visto a seguir:

Cresce Mercado de Seguros de Vida no 1º Semestre de 2019⁴⁸

Você pensa na morte de entes queridos? Com que frequência?

Você pensa na sua própria morte?

Você se sente confortável de falar sobre esse tema? Explique sua resposta.

⁴⁸ segs.com.br, 10 de outubro de 2019.

Jovem gay fica 10 dias em coma induzido após ser espancado no seu aniversário⁴⁹

Notícias como esta são comuns no seu país de origem?

Por que você acha que esse tipo de crime acontece?

Você se sente confortável de falar sobre esse tema? Explique sua resposta.

Educação financeira é fundamental no atual cenário econômico⁵⁰

No seu país de origem, existem aulas nas escolas sobre educação financeira?

Na sua vida adulta, como você avalia sua capacidade de lidar com dinheiro?

Você já precisou de ajuda para controlar sua renda? Se sim, para quem você pediu ajuda?

Governo de São Paulo aprova lei que pune discriminação religiosa⁵¹

Você acha importante que o governo tome medidas como esta?

Existem leis assim no seu país de origem?

Você tem alguma prática religiosa? Se sim, você se sente seguro ao realizar essas práticas?

Esses quatro temas foram escolhidos por duas razões. A primeira, mais clara, é que se tratam de temas tabus na sociedade brasileira (se não universalmente). Como já visto nos estudos de Guérios (1979), a morte é um elemento comumente causador dos tabus de superstição, por sua natureza imprevisível, irreversível e desconhecida. Da mesma maneira funciona a religião, ou melhor, os diversos deuses e seus poderes sobrenaturais que agem na vida humana. No caso da discussão sobre finanças e condição financeira, entende-se que o tópico está mais atrelado aos tabus de delicadeza, ligados à polidez e à prudência referentes ao que o dinheiro representa no sistema social hierárquico que vivemos. Por fim, a discussão acerca da sexualidade está ligada tanto aos tabus de delicadeza, novamente relativos à polidez e ao (des)respeito pela vida privada, mas também aos tabus de decência, uma vez que o sexo e as relações corporais no geral estão atreladas a esse tipo de discussão.

Uma segunda razão que foi levada em consideração foram se os temas representam tópicos discutidos com certa frequência pelos participantes ou não. Ao buscar por manchetes reais para compor os cartões de direcionamento da conversa, nos deparamos com esses quatro temas de maneira consistente, demonstrando que são assuntos em pauta nos meios comunicativos. Outros tópicos que também compreendemos se tratarem de tabus, como por exemplo o incesto, a necrofilia, a eutanásia, entre outros, não apresentavam frequência tão alta

⁴⁹ pragmatismopolitico.com.br, 04 de outubro de 2019.

⁵⁰ iea.usp.br, 08 de outubro de 2019.

⁵¹ exame.abril.com.br, 21 de setembro de 2019.

nos veículos informativos. Dessa maneira, visamos tópicos que pudessem ser discutidos de maneira fluida, já que têm grande chance de fazer parte de discussões cotidianas dos participantes, no intuito, como já tratado anteriormente, de proporcionar um contexto conversacional mais próximo do natural possível.

Ainda que a conversa seja direcionada a tais assuntos, pode-se notar que nenhum dos cartões sequer menciona o fato de serem tópicos potencialmente tabus, assim como não há nenhum pedido de uso de eufemismos. Espera-se que os participantes lidem com os assuntos sem estar cientes dos objetivos específicos da pesquisa – isto é, ao serem convidados a participar, eles não foram informados que se tratava de um estudo sobre tabus e eufemismos. Inicialmente, eles foram claramente informados sobre alguns dos preceitos da Análise da Conversa, instruídos a ler os cartões e discutir o que foi proposto, de forma que o rumo que a conversa tomaria seria a partir da espontaneidade e disposição de tratar dos temas. Outra instrução dada foi a da não obrigatoriedade de seguir uma sequência específica com os cartões; eles estariam, então, livres para ler todas as perguntas de uma vez e discuti-las, ou ler uma de cada vez, assim como saltar qualquer das perguntas que não se sentissem dispostos a responder. Tampouco deve haver qualquer tipo de restrição linguística neste tipo de coleta, de forma que foi informado a todos a possibilidade de utilizar palavrões e xingamentos, conforme lhes dê vontade. No caso dos participantes estrangeiros, também lhes foi instruído a falar em língua portuguesa o máximo possível, mas que se sentissem livres para falar em sua língua nativa sempre que necessário, além de fazer perguntas à pesquisadora no caso de dúvidas lexicais. Outrossim, consoante a Mondada (2012, p. 42), não existe “limite de tempo” para unidades de fala e para interações humanas de maneira geral, de forma que as gravações deste trabalho foram feitas sem tempo pré-estabelecido de duração, em apenas uma tomada e sem interrupções. Finalmente, ressaltamos que não houve inserções da pesquisadora para (re)direcionar a conversa durante a filmagem, em oposição à abordagem utilizada em entrevistas, por exemplo. Na primeira das filmagens, de nome *InBH2019*, a pesquisadora é uma das participantes da conversa tão somente em momentos em que os voluntários lhe trazem dúvidas lexicais da língua portuguesa, não interagindo de nenhuma outra forma.

Acreditamos, assim, que tais medidas foram eficientes em atenuar as interferências que surgem deste tipo de coleta e aproximar as filmagens o máximo possível das conversas tipicamente cotidianas que ocorrem sem serem gravadas. Foi possível também distanciar-nos de outros gêneros comunicativos, como por exemplo a entrevista, que, assim como a conversa eliciada, ocorre com assuntos pré-estabelecidos e com o consentimento e conhecimento

(preferencialmente) do participante em relação à câmera, mas que, diferentemente do que foi feito neste trabalho, contemplam o entrevistador/pesquisador como participante altamente ativo da interação, bem como permitem que o rumo da conversa seja direcionado e que a duração do assunto seja mais claramente demarcada.

3.4 As filmagens

Nesse trabalho, contamos com duas filmagens de conversas eliciadas. Como mencionado, um grupo é composto por estrangeiros e o outro por brasileiros, ambos conversando entre si em português brasileiro. Considerando que nossa intenção é identificar o surgimento de eufemismos ao tratar de assuntos tabus, nos é caro entender como/se essas ocorrências se manifestam em interações em língua materna e em língua estrangeira. Segundo Pavlenko (2008, *apud* DEWAELE, 2018, p. 219), falantes de L2 podem reconhecer determinadas emoções que uma palavra carrega (aqui, nomeadamente os eufemismos), mas podem não ser capazes de empregá-las numa conversa, já que pode lhes faltar os *scripts* prototípicos, que “são formados como resultado de experiências repetidas e envolvem antecedentes causais, avaliações, reações fisiológicas, consequências e meios de regulação e exibição”.⁵² Em outras palavras, falantes de uma língua como L2 possuem uma “bagagem” menor em comparação aos falantes de tal língua como L1 referente às diversas situações de fala que envolvem palavras ou tópicos tabus. A consciência sociopragmática do emprego dos eufemismos é formada a partir da imersão em determinada comunidade que fala que utiliza os eufemismos ao lidar com assuntos que, culturalmente, precisam ser amenizados. Por isso, estudos como os de Dewaele (2018 [2004], p. 223) mostram que participantes consideram que palavrões e palavras tabus geram impactos mais fortes em L1 do que em L2. Alguns participantes, inclusive, comentam que preferem não usar essas palavras em L1 por causa das convenções sociais associadas a elas, mas que em L2, já que não há a perfeita compreensão da dimensão do peso que tal vocábulo carrega, não trazem consigo um peso tão grande saindo de sua própria boca. Dessa maneira, buscamos realizar

⁵² [...] that are formed as a result of repeated experiences and involve causal antecedents, appraisals, physiological reactions, consequences, and means of regulation and display.

filmagens distintas com ambos grupos de falantes, os nativos e os estrangeiros, visando essas possíveis discrepâncias.

3.4.1 A interação *InBH2019*

Em outubro de 2019, foi feita a gravação da interação *InBH2019* – cujo nome se refere a “intercambistas” e a “Belo Horizonte”, local onde foi realizada. A interação tem duração de aproximadamente 47 minutos e conta com quatro voluntários, duas mulheres e dois homens, todos de idade entre 20 e 30 anos, alunos de graduação e de pós-graduação na UFMG no segundo semestre de 2019. Na época da gravação, todos os quatro participantes cursavam a disciplina “Português para Estrangeiros”, em nível avançado, e foi durante uma dessas aulas que tomaram conhecimento da proposta de participação como voluntários da presente pesquisa. Utilizamos códigos para preservar a identidade dos voluntários, dessa maneira a letra “I” é uma indicação de “intercambista” e a numeração de 1 a 4 segue a posição deles, da esquerda para a direita, na filmagem. Ressaltamos, ainda, que a pesquisadora estava presente na mesma sala durante as filmagens, atrás das câmeras, e que faz inserções eventuais na interação sempre que os participantes buscam sanar uma dúvida de língua portuguesa. Na transcrição, a pesquisadora será descrita pelo código “BR”, referente à “brasileira”. Abaixo, segue uma imagem da interação, juntamente com a identificação de cada participante visível:



Figura 2: Identificação dos participantes da interação *InBH2019*

Os participantes I1, I2 e I3 são franceses e têm francês como língua materna. Já a participante I4 é alemã e tem alemão como língua materna. A pesquisadora (ou BR, nas transcrições) é brasileira e tem o português como língua materna. Como mencionado previamente, todos os intercambistas possuem conhecimentos avançados da língua portuguesa, já que seus estudos se iniciaram antes de chegar ao Brasil. A conversa é composta majoritariamente em português, com ocasionais ocorrências de palavras ou frases em francês, por parte dos falantes I1, I2 e I3, ou inglês. Tais ocorrências são quase sempre identificadas por eles próprios e seguidas por perguntas à pesquisadora, que se prontifica a providenciar a tradução para o português.

3.4.2 A interação *BrBH2020*

Em julho de 2020, foi feita a gravação da interação *BrBH2020* – cujo nome se refere a “brasileiros” e a “Belo Horizonte”, local onde foi realizada. A interação tem duração de aproximadamente 19 minutos e conta com quatro voluntários, duas mulheres e dois homens, todos de idade entre 20 e 30 anos, moradores de Belo Horizonte, brasileiros e falantes nativos de português. Novamente, códigos foram utilizados para preservar a identidade dos voluntários, assim como na interação *InBH2019*. Aqui, teremos os participantes B1, B2, B3 e B4, nomeados a partir da letra ‘B’ para “brasileiros” e a numeração de 1 a 4 segue a posição deles, da esquerda

para a direita, na filmagem. Neste caso, não há participação da pesquisadora na conversa, por duas razões: (a) a interação ocorre em língua portuguesa, L1 de todos os participantes e, portanto, sem necessidade do auxílio lexical que ocorre ocasionalmente na interação *InBH2019*; e (b) a filmagem foi feita durante a quarentena ocorrida em 2020 devido à pandemia de COVID-19, portanto, para respeitar as normas de saúde pública, a pesquisadora e os participantes não saíram do isolamento de suas respectivas residências.

Devido às condições de distanciamento social já mencionadas, a filmagem da interação *BrBH2020* foi feita pelos próprios participantes, que moram juntos. Todas as instruções foram enviadas remotamente, por escrito e por conversa telefônica, assim como um arquivo digital com os cartões. Eles foram instruídos a colocarem a câmera num ângulo que permitisse a visibilidade de todos, no mínimo da cintura para cima, no mesmo *frame*. Também foi explicado que eles poderiam conduzir a conversa como quisessem, em termos de ordem dos cartões e de tempo de filmagem, e que poderiam fazer pausas sempre que necessitassem. Apesar da pesquisadora, infelizmente, não poder cumprir com a responsabilidade organizacional e tecnológica desta filmagem, o resultado final em termos de qualidade de áudio, de imagem e de cumprimento com a proposta foi perfeitamente satisfatório e, em quase todos os aspectos, muito semelhante à interação com os intercambistas, feita em 2019.

Abaixo, segue uma imagem da interação, juntamente com a identificação de cada participante:



Figura 3: Identificação dos participantes da interação *BrBH2020*

4. ANÁLISE DOS DADOS

Para dar início à análise dos dados, fizemos uma contagem das unidades entonacionais pertencentes a cada um dos quatro temas discutidos através dos cartões. Em ambas interações, a fluidez da conversa seguiu firmemente os tópicos dos cartões, de forma que houve pouca menção a assuntos paralelos, tampouco os participantes se remeteram a outros cartões que já haviam sido discutidos para retomar uma discussão já encerrada. Dessa maneira, na interação *InBH2019* o tópico “condição financeira” foi discutido por um total de 335 unidades entonacionais, o tópico “morte” por 317 unidades, o tópico “religião” por 473 unidades e, finalmente, o tópico “homossexualidade e homofobia” liderou com 615 unidades. As mesmas informações podem ser vistas no gráfico abaixo:

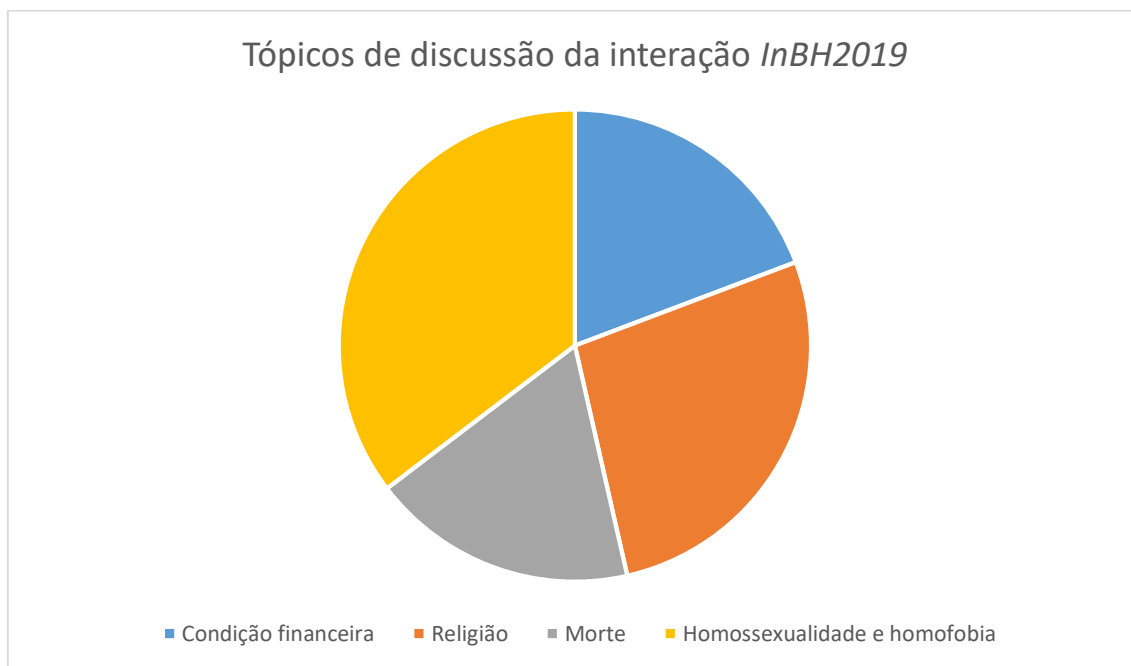


Gráfico 2: Os tópicos conversacionais em relação às unidades entonacionais na interação *InBH2019*

O mesmo procedimento foi aplicado na contagem das unidades na interação *BrBH2020*. Aqui, o tópico “condição financeira” foi discutido por um total de 281 unidades entonacionais, o tópico “morte” por 167 unidades, o tópico “religião” por 201 unidades e, finalmente, o tópico “homossexualidade e homofobia” ficou com a menor quantidade de unidades, totalizando apenas 126. As mesmas informações podem ser vistas no gráfico abaixo:

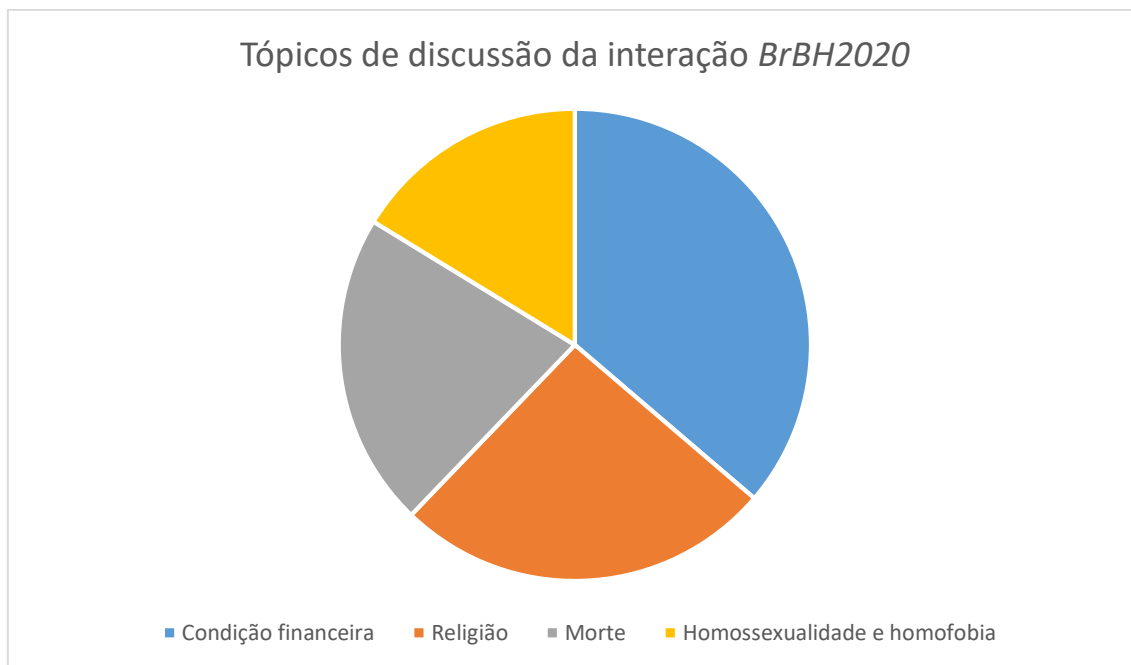


Gráfico 3: Os tópicos conversacionais em relação às unidades entonacionais na interação *BrBH2020*

As diferenças quantitativas podem não trazer nenhum significado especial, mas podem também indicar algum tipo de relação pessoal entre os participantes e os tópicos tratados. Sabe-se que a “conversa nervosa” é um indicativo de desconforto por parte do falante, podendo ser pelo tópico da conversa ou pelo ambiente e contexto em que se encontra. Momentos assim, em alguns indivíduos, geram a necessidade de falar muito e geralmente muito rápido como resultado da ansiedade que está sendo vivida. Por outro lado, o desconforto e a ansiedade podem também levar ao silêncio ou à pouca contribuição numa conversa (MACLEOD, 2016).

Entretanto, essas suposições são muito vagas e não é possível afirmar que o nervosismo está presente e que controla o quanto os participantes tiveram a contribuir para cada tema. Não podemos dizer, por exemplo, que os participantes da interação *InBH2019* ficaram nervosos com relação ao tema “homofobia e homossexualidade”, e por isso falaram sobre ele de maneira mais extensiva que os outros como um reflexo ansioso. Igualmente, não podemos afirmar que o tema acerca da morte teve a menor quantidade de unidades porque os participantes ficaram nervosos ou desconfortáveis e a reação foi a de não contribuir muito nesse momento da conversa. De fato, alguns cartões continham a pergunta “você se sente confortável em falar sobre esse tema?” e, para essas perguntas, a resposta unânime foi “sim” em ambas as interações, ainda que algumas poucas observações e ressalvas tenham sido feitas. Portanto, as diferenças quantitativas entre um tópico e outro podem ter se dado pelo simples fato de que, para alguns

assuntos, os participantes tinham mais ou menos contribuições a fazer devido ao seu grau de interesse pessoal.

É importante salientar, ainda, que nas duas interações os participantes já se conheciam previamente – são amigos e colegas de classe, no caso da interação *InBH2019*, e amigos e colegas de apartamento na interação *BrBH2020*. Esse é um contexto de filmagem que promove um maior grau de intimidade, informalidade e, conseqüentemente, conforto ao expressar suas opiniões ao longo da conversa. Assim, a contagem das unidades nos auxiliará na comparação entre as duas interações, mas não nos provém seguramente nenhuma informação acerca da reação distinta aos diferentes tópicos tabus. Isso inclusive pode fomentar o novo surgimento de eufemismos ou ainda a possível formação de um tabu local.

4.1 Pontos em comum nas duas interações

Nessa seção, iremos discorrer acerca de algumas similaridades no surgimento dos eufemismos encontradas nas duas interações. Para tanto, iremos nos guiar a partir da sequência de ferramentas linguísticas que Correia (1927) pontua como possibilidades da formação de uma expressão eufêmica.

4.1.1 Metáforas

Correia (1927, p. 503) considera as metáforas como um processo eufemizante da categoria sematológica. Em ambas as interações, as metáforas foram ferramentas recorrentes na discussão dos temas. No caso da interação *InBH2019*, as metáforas vieram acompanhadas de gestos, como veremos no exemplo a seguir. Na linha 114, durante a discussão do tópico “condição financeira”, I1 conta uma anedota sobre sua dificuldade em manter um bom controle de suas próprias finanças. Ele comenta que quando recebeu o primeiro pagamento da bolsa estudantil, ele não teve responsabilidade para administrar o próprio dinheiro e que, com isso, recebeu críticas de sua mãe:

Sequência 4.1 - InBH2019 ((04:42-04:49))

114 I1 (-) minha mãe sempre disse que meu dinheiro
<<levantando uma mão direita, palma para cima, dedos
para cima> QUEima na minha mão,



Figura 4: gesto produzido por I1, referente à linha 114

A expressão “queima na minha mão”, uma metáfora eufêmica para “gastar dinheiro rapidamente”, “ficar sem dinheiro” ou similar, vem acompanhada também de um gesto manual, já que I1 estende um braço à frente e, com a palma de uma mão virada para cima e mexendo os dedos, ele simboliza o fogo que “queima” seu dinheiro. Uma vez que “a maioria dos gestos são sempre metonímicos de alguma maneira”⁵³ e que os “gestos podem imitar nossas próprias ações, performadas ou imaginadas”⁵⁴ (MITTELBERG; WAUGH, 2014, p. 1751), consideramos esse gesto inicialmente como metonímico, ou icônico, uma vez que é uma ação corporal imitando uma ação corporal – no caso, a mão estendida à frente é a mão onde queima o fogo que consome seu dinheiro. Adicionalmente, a metáfora também coocorre no plano visual através do mesmo gesto, revelando a ativação da metaforicidade que foi expressa verbalmente (MÜLLER, 2008). A mão de I1, com a palma para cima e os dedos curvados, representa também a chama do fogo. Semino (2020), ao analisar as metáforas relacionadas ao fogo no contexto da pandemia global de COVID-19, constatou que um dos significados sentidos de tal elemento seria de demonstrar perigo e urgência, uma vez que “incêndios florestais se propagam

⁵³ [...] most gestures are always metonymic in some way.

⁵⁴ Gesturers may imitate their own (performed or imagined) actions.

rapidamente, são difíceis de controlar e, portanto, podem crescer muito, causando danos irreparáveis”.⁵⁵ Essa é a mesma ideia que podemos ver aqui – o fogo é um elemento perigoso que consome rapidamente o dinheiro de I1, não deixando nada para trás, tal como são seus gastos inconsequentes. Dessa maneira, compreende-se o domínio de experiência alvo (gastar dinheiro rapidamente, ficar sem dinheiro) a partir de características do domínio de experiência fonte (incêndio). Dessa maneira, vemos que ideias como “gastar dinheiro” têm o participante como sujeito ativo, responsável pelo ato; já em “perder dinheiro”, através do fogo que o consome, ele é meramente um sujeito passivo. Essa mudança do foco gramatical configura-se dentro do que Langacker (2001; 2015) chama de *profiling*, ou seja, o direcionamento da atenção para o fato de que o dinheiro de I1 some em sua mão sem que ele possa fazer nada a respeito, opondo-se à ideia de que ele o tenha voluntariamente desperdiçado.

Na interação *BrBH2020*, temos também a ocorrência de metáforas com função eufêmica, especificamente no tópico “condição financeira”. A primeira delas aparece na linha 106, enquanto B1 e B4 contam uma anedota de quando seu pai chegou a cogitar que sua família se beneficiaria mais de um seguro de vida, após seu falecimento, do que das contribuições que ele poderia fornecer com o próprio salário em vida:

Sequência 4.2 – BrBH2020 ((02:34-02: 48))

96 B4: quando ele tava (-) cheio de de Dívida de coisa;
 97 ah se eu morrer VÉI,=
 100 ele tava numa paraNOIa assim;
 101 era biZARro;
 102 B1: aí minha mãe olhou pra Ele,=
 103 =e fez asSIM; ((abaixa a cabeça para o lado))
 104 B4: ((ri))
 105 B1: é porque seus filho vão preferir muito mais um pai
 MORTo,=
 106 =e o diNHEIro que ficar na na pindaÍba;

Vemos nesse excerto a expressão “ficar na pindaíba” para substituir “estar sem dinheiro”, “estar/ser pobre”, “estar endividado” etc. Essa expressão se encaixa no domínio metafórico CONDIÇÕES SÃO LOCALIZAÇÕES⁵⁶ (LAKOFF, 1992; GRADY, 1997), que surge a partir da nossa compreensão de que a condição das coisas pode ser representada pelo estado do lugar

⁵⁵ Forest fires spread quickly, are hard to control and can therefore grow very large, causing irreparable damage.

⁵⁶ Life states are locations.

onde elas se encontram. No caso de “ficar na pindaíba”, ou “estar na pindaíba”, não há um consenso sobre a origem da expressão, ainda que possamos citar algumas possibilidades. A primeira, segundo o dicionário Houaiss (2009), é de que “pindaíba” vem da língua africana quimbundo, sendo uma junção das palavras *mbinda*, que significa ‘miséria’, e *uaiba*, que significa ‘feia’. A segunda possível etimologia vem da palavra da língua tupi *pinda'iwa*, nome de uma planta que era usada para fazer varas de pesca⁵⁷ ou, ainda da língua tupi, uma junção de *pindá*, que significa ‘anzol’, e *iba*, que significa ‘ruim’.⁵⁸ Neste caso, a ideia é que, caso a pessoa só consiga o sustento através da pesca e o anzol que utiliza é ruim, ela ficará sem condições de prover para si e para a família.

Uma segunda ocorrência de metáfora acerca do mesmo tema ocorre na linha 465 numa fala de B4 sobre dificuldades financeiras que ela enfrentou e como buscou auxílio através de livros de finanças. Aqui, vemos uma situação curiosa, que se destoa do restante dos trechos selecionados para essa seção de análise, por não se configurar como eufemismo, mas que consideramos digno de nota:

Sequência 4.3 – BrBH2020 ((10:56–10:58))

463 B4: se sim para quem você pediu aJUda,
464 ah eu já LI sobre;
465 tipo assim quando eu tava na MERda,=

A substituição de expressões relacionadas à pobreza, talvez “estar na miséria” ou “estar sem dinheiro”, foi feita através de “eu tava na merda”. Palavras como “merda”, segundo Kröll (1984, p. 92), são frequentemente suprimidas por eufemismos, ou seja, são muitas vezes identificadas como tabus. Dessa forma, aqui temos não um eufemismo, mas um tipo de disfemismo, que consiste em agravar uma palavra, expressão ou ideia através da utilização de termos chulos ou vulgares. O que ambas ferramentas, eufemismos e disfemismos, têm em comum é a substituição de um termo por outro, de forma que, aqui, “pobreza” e expressões semelhantes já não estejam presentes.

Por fim, nas linhas 386 e 525, B4 utiliza metáforas com função eufêmica para, também, falar sobre as dificuldades financeiras que enfrentou:

⁵⁷ <https://origemdapalavra.com.br/palavras/estar-na-pindaiba/> Acesso em 10/09/2020.

⁵⁸ <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2014/11/o-tupi-nosso-de-cada-dia-8105/> Acesso em 10/09/2020.

Sequência 4.4 – BrBH2020 ((09:09–09:12)) ((12:32))

385 B4: (.) É pra eu ter (.) o investIMENto que eu gostaria de
tEr sabe;
386 que às vezes é muito apertAdo os impreVISTos,
(...)
525 passar aPERto;

“Passar por apertos” ou experienciar uma situação “apertada” remete às nossas experiências corporais enquanto seres humanos no mundo. O “aperto”, dentre outras possibilidades⁵⁹, pode ser visto como sinônimo daquilo que é desconfortável, sufocante, difícil de entrar e de sair. Kröll (1984), conforme já destacado na Tabela 2 do presente trabalho, menciona explicitamente essa metáfora como uma substituição eufêmica para “pobreza”. A metáfora é facilmente compreendida por falantes do português brasileiro devido ao esquema relacionado a ela – uma situação desconfortável, tal qual é a falta de dinheiro. Podemos, inclusive, pensar em como outras línguas comumente elaboram a mesma ideia: no inglês uma possibilidade seria considerar a situação como “dura”, através dos adjetivos *tough* ou *hard*; no alemão uma situação financeira pobre pode ser descrita como *klamm*, que também originalmente se refere à experiência física ou da umidade ou do aperto.

4.1.2 Alianças vocabulares

As alianças vocabulares, segundo Correia (1927, p. 500), são processos eufemizantes de categoria gramatical e surgem para minimizar o impacto de algumas expressões, sem que seja necessário substituí-las completamente ou omiti-las. Segundo o autor, “a adição de um qualificativo (...) pode adoçar, e mesmo desvanecer por completo, as arestas agressivas de uma palavra que, desacompanhada, impressionaria mal”. No caso da interação *InBH2019*, vemos duas ocorrências de adição de qualificativo junto à palavra “estranho”, sendo a primeira na linha 737:

⁵⁹ O “aperto” poderia ser também seguro, firme.

Sequência 4.5 - InBH2019 ((02:18-02:24))

735 I4: às VEzes,
736 às vezes nem os Olhos são (-) <<torcendo o
nariz> viSÍveis né,>
737 então um pouco esTRAnho;

No trecho acima, I4 comentava sobre o uso de burcas. Por razões de delicadeza, a participante diz “um pouco estranho”, e não apenas “estranho”, diminuindo assim o ‘peso’ do comentário. Como visto previamente, esses mecanismos de polidez são construídos a fim de preservar a própria imagem social, sendo que nesse caso proporciona um certo distanciamento da participante de possíveis discursos discriminatórios. Mais adiante, temos a fala de I1 na linha 1278:

Sequência 4.6 - InBH2019 ((35:30-35:34))

1277 I1: ah okay mas aqui no braSIL::,
1278 (---) tipo (.) é meio esTRAnho,=

Neste caso, I1 comenta que, para ele, é peculiar que no Brasil exista uma quantidade tão alta de crimes de cunho homofóbico, sendo que uma parcela muito grande da sociedade se identifica como homossexual, inclusive publicamente. Novamente, a expressão “estranho” é acrescida de um qualificativo, nesse caso de “meio”, de forma a amenizar a fala de I1.

Uma terceira ocorrência é vista na fala de I4 nas linhas 1395 e 1396:

Sequência 4.7 - InBH2019 ((38:30-38:39))

1390 I2: hm mas NÃO na nas universidAdes gays <<colocando os
braços à frente e balançando o corpo> beijando,>
1391 I3: talVEZ que,
1392 I2: no Ônibus NÃO,
1393 I3: sim; ((abaixa os cantos da boca e balança a
cabeça de um lado para o outro))
1394 I4: não na alemanha NÃO,
1395 nas pessoas em geRAL,
1396 as pessoas em geral NÃO fazem isso,

Nesse momento, o tópico era “homossexualidade e homofobia” e I4 comenta que, diferentemente do Brasil, na Alemanha não há demonstrações afetivas de maneira pública entre casais homossexuais. Aqui, temos dois fenômenos: o primeiro é o autorreparo, na transição da linha 1394 para 1395. Aparentemente, I4 ia dizer que “na Alemanha não fazem isso”, de forma mais assertiva, como I2 fez na linha 1392, ao dizer que nos ônibus as pessoas não têm esse comportamento. Entretanto, ela adiciona a expressão “em geral” e reformula sua fala, como pode ser visto na linha 1396 as pessoas em geral NÃO fazem isso. Dessa forma, temos um comentário amenizado, diminuindo a chance de parecer uma generalização.

Por fim, uma quarta ocorrência de aliança vocabular pode ser vista na fala de I1 na linha 1421:

Sequência 4.8 – InBH2019 ((39:26–39:38))

1420 I1: eu fui eu:: (.) eu FUI;
 1421 foi: (.) bom eu vi COIsas também um pouco:,
 1422 TR: ((todos riem))
 1423 I1: mas ((ri)) foi muito leGAL muito tipo;

I1 está contando sobre quando participou da Gay Pride em sua cidade natal de Montpellier, na França. Mais uma vez, temos dois fenômenos eufêmicos ocorrendo neste trecho. O primeiro é a inserção do qualificativo “um pouco”, assim como o primeiro exemplo, também utilizado para a mesma finalidade de amenizar o comentário. Entretanto, aqui, o que sucede não é um adjetivo, como no caso de “um pouco estranho”, visto anteriormente, mas sim uma elipse. Mesmo sem nenhum elemento que acompanhe o qualificativo “um pouco”, vemos que todos os participantes parecem ter uma ideia do que poderia ser. Esse fenômeno pode ser comprovado na linha 1422, em que há o alinhamento de todos os participantes, que riem juntos, numa compreensão coletiva sem a necessidade de I1 verbalizar por completo seu comentário. É possível verificar no Apêndice II, começando por volta da linha 1290, que os participantes fazem diversos comentários sobre a demonstração pública de afeto entre casais gays, o que nos leva a crer que era a isso que I1 se referia nesse trecho. A elipse, assim como as alianças vocabulares, também é uma ferramenta eufêmica.

Migrando agora para a interação *BrBH2020*, vemos ocorrências bem parecidas, neste caso com o qualificativo “meio”. No primeiro caso, dentro do tópico “homossexualidade e homofobia”, B1 fala sobre como não é necessariamente fácil falar sobre esse assunto:

Sequência 4.9 - BrBH2020 ((06:12-06:13))

256 B1: confortÁvel é uma palavra meio difícil né,

Mais adiante, já no tópico “religião”, B4 comenta que frequentar igrejas se tornou uma tarefa árdua recentemente em sua vida:

Sequência 4.10 - BrBH2020 ((16:21-16:30))

685 B4: tipo assim o desenvolvimENTO da gente sabe,

686 (-) tipo (.) de discussões importANTES,

687 de (.) e aí cê vai meio que perdendo a vontADE de Ir;

Por fim, temos uma terceira aparição de aliança vocabular, na linha 780, ainda no tópico “religião”:

Sequência 4.11 - BrBH2020 ((18:34-18:42))

776 B1: ((ri)) as MÚsicas cantigas delas;

777 B4: é;;

778 [aniMAdas né;]

779 B1: [eu acho que elas eram leGAIS;]

780 B2: não tem uns moMENTo meio assim,

781 é porque (-) eu tinha muito eu tinha RAIva;

782 de de iGREja;

O que podemos notar em todos os três casos é o uso do qualificativo “meio”, como visto na interação *InBH2019*, como uma ferramenta eufêmica para amenizar a ideia que o sucede. No terceiro caso, essa aliança vocabular está acompanhada também de outras ferramentas eufêmicas, um pouco difíceis de classificar com precisão. Vemos que a linha 780, *não tem uns moMENTo meio assim*, que há elipse daquilo que viria depois de “meio assim”, já que a linha seguinte não dá continuidade a essa linha de raciocínio. Entretanto, podemos também encarar esse excerto de outra forma, já que “assim” pode representar um termo genérico, também considerado uma ferramenta eufêmica segundo Correia (1927). Essa palavra está presente na nossa fala constantemente, e seu significado vai depender do contexto da interação. Aqui, I2 pode estar se referindo a uma característica positiva das igrejas, como as músicas que B1 e B4 mencionam nas linhas anteriores. Então, esses “momentos meio assim” podem ser os momentos

agradáveis, e “assim” apenas faz referência ao comentário anterior das participantes. Porém uma segunda análise pode indicar que I2 se refere aos aspectos negativos das instituições religiosas, uma vez que nas linhas seguintes ele afirma ter tido muita raiva de igrejas. Assim, esses “momentos meio assim” talvez sejam os momentos desconfortáveis, enfurecedores que ele já vivenciou, não verbalizando os adjetivos de conotação negativa.

4.1.3 Termos genéricos

No campo dos processos eufemizantes lexicais, Correia cita os termos genéricos, e ainda que “quanto mais geral for o emprego duma palavra, quanto maiores forem as suas possibilidades polissêmicas, tanto mais utilidade eufemizante ela possui. É o caso dos termos vicários com o substantivo ‘coisa’ e o verbo ‘fazer’” (1927, p. 487). Na primeira interação, vemos o uso da palavra “coisa” na linha 903:

Sequência 4.12 - InBH2019 ((25:44-25:54))

899 I4: ((ri)) televisão ou algum FILme;
 900 [os pais morrem] eh (-) EU,
 901 I2: [SIM não sIm,]
 902 I4: [fico TRISte;]
 903 I2: [é é uma COIsa que:,]
 904 que PEN (-) às vezes penso mas,

Nesse momento da conversa, os participantes discutem o tópico “morte”. I2, para não dizer explicitamente que pensa na morte às vezes, diz “é uma coisa que às vezes penso”. Similarmente, a palavra “coisa” aparece em alguns trechos da segunda interação, entre brasileiros, como pode ser visto nos dois trechos abaixo:

Sequência 4.13 - BrBH2020 ((18:07-18:55))

767 B2: é: é eu acho que isso é uma COIsa,
 768 eu acho que se tivesse MUIta gente próxima,
 769 que frequentasse algum (-) alguma COIsa;
 770 eu não eu talVEZ (--) me sentiria mA:is:,
 (...)

789 B2: <<franzindo o cenho> aí assim> (-) tem outras COIsas
né,
790 (-) assim que podem ser interesSANTes;
791 mas é é outra COIsa;

Segundo Grondelaers e Geeraerts (1998, *apud* PEDRAZA, 2018, p. 5) o tabu linguístico pode ser interpretado no discurso através de fenômenos como a vagueza. B2, nessa altura da conversa, comenta sobre suas experiências frequentando a igreja católica. Em alguns momentos, é possível deduzir a palavra ou expressão que “coisa” substitui, como na linha 769, que substitui “igreja” ou “culto” – não parecendo tomar a forma de eufemismo nesse momento. Já nos outros casos, não está claro o que “coisa” visa substituir, mas B2 menciona, como pode ser visto em trechos próximos a esse momento da conversa no Apêndice III, que ele se frustrava com o discurso de padres e com alguns posicionamentos da igreja enquanto instituição. Entretanto, nos trechos acima, não há uma crítica explícita, já que ele utiliza o termo “coisa” outras três vezes.

Devemos ressaltar também que a análise desses trechos dificilmente pode ser conclusiva, uma vez que termos genéricos também aparecem nas falas cotidianas, muitas vezes, por outras razões além de processos eufêmicos. Eles podem tomar o papel de recuperar termos já mencionados previamente na conversa, tanto na própria fala quanto na fala do interlocutor, além de poderem servir como “preenchedores” lexicais, caso o falante não saiba/não se lembre prontamente do termo específico a que está se remetendo.

4.1.4 Antífrase

Um outro processo eufemizante da categoria sematológica encontrado em ambas interações foi a antífrase. Segundo Correia (1927, p. 508), “o termo gravoso pode ser, por decência ou por prudência, substituído pelo seu antônimo [...] a ironia ou antífrase é de uso muito frequente”. Na interação *InBH2019* temos o seguinte trecho:

Sequência 4.14 – InBH2019 ((04:42-04:58))
114 I1 (-) minha mãe sempre disse que meu dinheiro
<<levantando uma mão, palma para cima, dedos
para cima> QUEIma na minha mão,

115 I3: <<levando o braço na direção de I1> mas isso é
(.) isso é sua FALta>
116 TR: ((todos riem))
117 I1: você vai ficar PObre kevin;
118 sempre dizendo asSIM;
119 I4: [<<rindo> ah paraBÉNS;>]

I4, na linha 119, faz uma crítica velada à situação financeira e a capacidade de administração de finanças de I1 através da ironia. Ela não está, de fato, parabenizando-o por gastar todo seu dinheiro, e sim culpando-o pelo problema, como faz I3 na linha 115⁶⁰. I3 não utilizou nenhuma ferramenta eufêmica para colocar a culpa em I1 por seus próprios problemas, já I4 prefere fazê-lo de maneira indireta. Há ainda o elemento do riso, que comumente acompanha a ironia e que ajuda na criação de uma atmosfera mais amistosa.

Na interação *BrBH2020*, a ironia está presente na linha 110:

Sequência 4.15 – BrBH2020 ((02:48-02:55))
107 B4: [você pensa] na sua própria MORte,
108 B1: [boBAgem;]
109 B4: (--) hum se eu penso hoje se eu for trabaLHAR, ((ri))
110 <<rindo> no meio da pandeMia mas tá tudo bem>;

Aqui, durante a discussão do tópico “morte”, B4 diz que pensa na própria morte caso tenha que sair para trabalhar no meio da pandemia. Lembramos que essa interação foi filmada em julho de 2020, durante o surto de contaminação do COVID-19 que atingiu o mundo no começo do ano e que manteve o Brasil em estado crítico até a época da filmagem. B4, apesar de estar falando sobre sua própria saúde e seu medo de ser contaminada por uma doença perigosa, finaliza seu turno com “mas tá tudo bem”. Essa expressão representa exatamente o oposto – na verdade, o que ela está vivendo é uma situação extremamente desagradável. Temos, ainda, o riso junto à ironia para, uma vez mais, amenizar o tom da conversa, sem se desviar do assunto.

⁶⁰ Neste trecho, I3 diz “isso é sua falta”, e podemos inferir uma possível interferência da língua francesa, já que “faute” em francês significa “culpa”.

4.1.5 Mudança de forma proposicional

Correia (1927, p. 500) menciona que a mudança de forma proposicional permite um tom probabilístico à fala, amenizando seu significado. Esse processo eufemizante de categoria gramatical pode ser visto no trecho abaixo da interação *InBH2019*:

Sequência 4.16 – InBH2019 ((08:45-09:00))

257 DROgas também tudo isso;
258 I2: ((ri))
259 I4: <<rindo> é,>
260 I1: (xxx) prevenÇÃO tirar o,
261 I4: [<<balançando cabeça para cima e para baixo> sim
entenDI;>]
262 I1: [educaÇÃO prevenção;]
263 I2: [você preCIsa:,]
264 fazer prevenÇÃO,
265 I1: ah talvez preciSAva sim;
266 TR: ((todos riem))
267 I1: talvez [minha VIda: (.) nã:o, ((ri))]
268 TR: [((todos riem))]
269 I3: (inaudível)
270 I1: não teria: sido sido asSIM;

Temos, nesse trecho, duas ocorrências de mudanças proposicionais – nas linhas 265 e 267 com a palavra “talvez”. Nesse momento da conversa, os participantes comentam que não apenas a educação financeira deveria fazer parte da educação básica, mas também a educação preventiva contra o uso de drogas. I2 comenta que I1 teria se beneficiado desse tipo de aula e I1 responde, de maneira humorística, que “talvez precisava sim” e que “talvez sua vida não teria sido assim”. O humor está presente tanto da parte de I1 quanto dos demais participantes, que riem, conforme visto nas linhas 266, 267 e 268. O termo “talvez” aparece mais uma vez nas linhas 409 e 410, já durante a discussão sobre o tópico “religião”:

Sequência 4.17 – InBH2019 ((12:31-12:49))

404 I4: uma comunidade de evangeLISTas [muito grande;]
405 I3: [GRAnde;]

406 I4: então isso pode ser um proBLEma;
 (...)
 409 I3: [talVEZ;]
 410 I2: [talvez assim] que UM empregador é (.) muito eh
 evangeLISta,=

Os participantes comentam quão problemático seria se um empregador só contratasse funcionários que se adequassem à sua própria religião. Segundo Correia (1927, p. 500) “muda-se muitas vezes em interrogativas uma frase de caráter imperativo, ou em hipotética uma frase de caráter decisivo: foge-se a tudo quanto possa parecer insolência, personalismo ou megalomania”. No exemplo acima, a inclusão de “talvez” permite que I3 e I2 manifestem sua opinião apenas em formato de suposição ou hipótese e não afirmativas assertivas. Dessa maneira, eles não afirmam com certeza que empregadores de uma determinada religião são intolerantes com os candidatos de uma vertente religiosa distinta.

O mesmo fenômeno está presente nas linhas 768, 769 e 770 da interação *BrBH2020*:

Sequência 4.18 – BrBH2020 ((18:09–18:20))
 767 B2: é: é eu acho que isso é uma COIsa,
 768 eu acho que se tivesse MUIta gente próxima,
 769 que frequentasse algum (-) alguma COIsa;
 770 eu não eu talVEZ (--) me sentiria mA:is:,
 771 proPício a a participar;

B2 discorre sobre o fato de não sentir muita vontade de frequentar locais de culto. Entretanto, ele formula sua fala de forma menos assertiva, mencionando as possibilidades que o fariam frequentar esses locais, através tanto da palavra “talvez” em *talVEZ (--) me sentiria mA:is:* na linha 770, quanto através do subjuntivo, como visto em *eu acho que se tivesse MUIta gente próxima* na linha 768 e *que frequentasse algum (-) alguma COIsa* na linha 769.

Voltando à interação *InBH2019*, temos uma outra ocorrência de mudança proposicional, vista nas linhas 538 e 541:

Sequência 4.19 – InBH2019 ((15:53–15:57))

538 I3: as crianças são (.) podem ser MUIto más com os
outros,
539 quando quando você tá criANça,
540 I4: ah SIM;
541 I3: você POde <<abaixando os cantos da boca> ser
muito,>

Vemos que em ambas ocorrências I3 não afirma assertivamente que crianças são más, mas que elas podem ser. Há inclusive uma ocorrência de reparo, na linha 538, evidenciado pela micropausa, em que I3 começa dizendo que “crianças são”, provavelmente tentando dizer inicialmente que “crianças são muito más com os outros”, mas nesse momento há uma pausa seguida de autorreparo, reformulando a fala para “as crianças podem ser muito más com os outros”.

4.2 Especificidades da interação *InBH2019*

No presente subtópico, iremos discutir algumas das especificidades da interação em português como língua estrangeira, ou nesse caso também como língua franca, entre intercambistas, isto é, algumas tipologias de processos eufemizantes que podem ser observadas na interação *InBH2019*, mas não se fazem presentes na interação *BrBH2020*.

4.2.1 Hipersemias

A hipersemia, ou o ato de exagerar, enquadra-se como um processo eufemizante do tipo estilístico, segundo Correia (1927, p. 517). Durante a interação *InBH2019*, as ocorrências de hipersemias eufêmicas foram concentradas no tópico “homossexualidade e homofobia”, nas linhas 1607, 1608, 1609 e 1611:

Sequência 4.20 – InBH2019 ((11:22–11:31))

1605 I4: ele teve namORAdos né,
1606 I3: aHAM,

1607 [acho muito JOvens;]
 1608 I1: [muitos namorados MUItos;]
 1609 I4: aham muitos e [muitos JOvens;]
 1610 I3: [JOvens;]
 1611 tipo (.) deMAIS jovens;
 1612 I4: criANças né,

Aqui, os participantes comentam que as realções homossexuais eram comuns e aceitas em épocas antigas, como foi o caso de Alexandre, o Grande. I4 e I3 comentam que os namorados dele eram demasiadamente jovens, através da repetição da palavra “muito” nas linhas iniciais, seguidas de “demais jovens”. Nesse momento, as participantes se remetem, na verdade, ao que hoje consideramos como pedofilia, mas essa palavra nunca é mencionada. Apenas na linha 1612 vemos que I4 explicita que os “namorados muito jovens” na verdade eram crianças. Nesse trecho, devemos nos atentar ao contexto da conversa – se buscarmos entender as falas anteriores a esse trecho, vemos que os participantes estão comentando sobre o tema da homossexualidade. Segundo Dijk (2007, p. 183)

o conhecimento compartilhado socialmente não apenas define a ‘cultura’ que os participantes têm em comum, mas também é pressuposto no discurso de todas as pessoas e em outras (inter)ações sociais. Nenhuma ação coletiva é possível sem o conhecimento dos atores sociais acerca da situação social.

Esse salto feito entre o tema proposto e a pedofilia não é visto na interação entre brasileiros, mas aqui quase todos os participantes se afiliam ao fazer a correspondência entre os tópicos. Vemos dessa maneira que essa relação não é casual, mas sim um exemplo de conhecimento genérico socioculturalmente compartilhado entre os participantes.

4.2.2 Onomatopeia

Para Correia (1927, p. 481), “a imitação de sons naturais desempenha papel eufêmico”, já que pode substituir um termo pelo som que ele produz ou que é equivalente a ele. Na linha 1085, temos uma segunda ocorrência de onomatopeia com finalidade eufemizante:

Sequência 4.21 - InBH2019 ((30:23-30:36))

1077 I3: suicida suiCídio mas,
1078 quando estou tiPO:,
1079 (--) eu tenho muito <<colocando as mãos no
peito> paraNOIa,>
1080 igual quando <<levando as duas mãos fechadas à frente>
estou de biciCLEta,>
1081 e tem tipo [muito TRáfego;]
1082 I4: [ah ((ri)) aGOra;]
1083 I3: sempre PENso tipo,
1084 ah (-) uma um carro poderia fazer tipo <<levando
as mãos para o lado> ISso,>=
1085 =e <<fechando as mãos e inclinando o pescoço para o
lado> pff> ((ri)) SÓ isso;



Figura 5: Gesto referente à linha 1080



Figura 6: Gesto referente à linha 1084



Figura 7: Gesto referente à linha 1085

Neste trecho, I3 conta que segundo ela, apesar de não configurar como pensamento suicida, ela pensa na própria morte sempre que anda de bicicleta em meio ao trânsito. Na linha 1080 temos um gesto metonímico que visa encenar a situação – I3 leva as mãos à frente, com os punhos fechados, como se estivesse segurando o guidão de uma bicicleta. Vemos em seguida na linha 1084, por meio também de um gesto metonímico, que I3 agora toma o lugar do carro que está ao seu lado na rua. Usando o próprio corpo, I3 leva os braços repentinamente para o lado, representando essa manobra inesperada do motorista do carro. Assim, a consequência desse evento seria “pff”, som produzido na linha 1085, concomitante a outros gestos – as mãos novamente na configuração de segurar o guidão da bicicleta, dessa vez inclinada para o lado, e a cabeça também pendendo para o mesmo lado que os braços. Essa onomatopeia em conjunto com os gestos seriam, então, uma ferramenta eufêmica que substitui uma descrição mais clara e, possivelmente, violenta, do que ocorreria nessa situação, ou seja, um acidente e ferimentos físicos, que no mínimo levariam I3 a cair da bicicleta, conforme a posição de seu corpo na Figura 7. Podemos depreender ainda, já que nesse momento da conversa os participantes discutem especificamente sobre o tópico “morte”, que I3 tem “paranoia” (linha 1079), ou medo, dessas situações, já que podem levar à morte. Entendemos que aqui o som “pff” pode ser tanto o som do carro batendo num ciclista quanto o ciclista caindo da bicicleta no asfalto. Uma vez mais o humor está presente; a onomatopeia e os gestos são acompanhados de risos, tanto de I3, na linha 1085, quanto de I4 na linha 1082.

4.2.3 Circunlocução

Segundo Correia (1927, p. 515), a circunlocução, ou perífrase, enquadra-se no processo eufêmico do tipo estilístico. Esse processo consiste em substituir uma expressão por outra, frequentemente mais longa que a original. Em sua obra, Correia exemplifica esse eufemismo a partir de um trecho de *O Pároco da Aldeia*: “Aí é que certo animal torcia certa parte do corpo que eu e o leitor sabemos” (HERCULANO, 1847 *apud* CORREIA, 1927, p. 515). Na linha 1506 temos uma ocorrência muito parecida ao exemplo:

```
Sequência 4.22 - InBH2019 ((41:54-41:59))
1504 I1:  é:: e tava num no peRÍodo de:,
1505 I3:  com os <<balançando as mãos aos lados do corpo>
        horMônios;> ((ri))
1506 I1:  você enTENde;
1507 I3:  fecundaÇÃO;
1508 I1:  e de ISso,
```

I1 está contando a anedota sobre os dois cachorros machos que mantinham relações sexuais e, aqui, ele explica que um terceiro animal, dessa vez uma cadela no cio, foi colocada junto aos dois cães. Para não dizer “no cio”, ou equivalente, I1 diz que a cadela estava num no peRÍodo de: com os horMônios, nas linhas 1504 e 1505, o que já consiste em uma perífrase eufêmica. Ainda, uma segunda ocorrência pode ser vista na linha 1506, com a expressão *você enTENde*. Dessa forma, I1 se exime de pronunciar a expressão ele próprio, ficando a cargo de I3 na linha seguinte. Devemos, entretanto, levantar uma segunda hipótese sobre essa ocorrência: uma vez que os participantes estavam se comunicando em L2, pode ser simplesmente que I1 não sabia a correspondência dessa expressão em língua portuguesa, lançando mão da construção “você entende”, uma estratégia típica de usuários de L2. Assim, compreender esse tipo de ferramenta linguística como uma formação eufêmica ou não se torna mais complexo do que em interações em L1.

4.2.4 Redução

Dentro dos processos eufêmicos do tipo “deformações”, Correia diz que, ao fazer uso da ferramenta eufêmica “redução”, “a palavra violenta é abreviada, e por menor que seja o fragmento conservado, ele funciona semanticamente como se fosse o termo completo” (1927, p. 492). Temos duas ocorrências de redução na interação, com a mesma palavra:

Sequência 4.23 - InBH2019 ((37:38-37:45))

1355 I2: mas tá mas isso de viver num país a::hm,
1356 (--) ahm que é assim homoFÓ,
1357 é vai pra essa reenforÇAR essa ideia de:,

Sequência 4.24 - InBH2019 ((38:22-38:26))

1387 I4: porque tem MUITos ou (.) ah é a consequência,
1388 que tem MUITos as pessoas são,
1389 (-) homoFÓ não sei,

Durante sua fala, I2 está comentando sobre as altas taxas de crimes de cunho homofóbico no Brasil. Ao falar sobre as dificuldades de viver num país assim, ele não pronuncia a palavra “homofóbico”, mas a reduz a apenas homoFÓ. Similarmente, I4 comenta que acha estranho ter tantos homofóbicos no Brasil e faz a mesma redução da mesma palavra. Ainda que o tópico “sexualidade” seja um assunto geralmente tabuizado, não há indícios de que especificamente o termo “homofóbico” seja um tabu. O que devemos nos atentar nesse trecho é que o eufemismo talvez tenha aparecido como maneira de amenizar uma crítica negativa feita a um país estrangeiro, e que tal crítica seria feita a partir da afirmação “o Brasil é um país homofóbico”. Podemos pensar ainda em uma segunda hipótese – segundo Boutyline e Soter (2020, p. 20), esquemas culturais influenciam o comportamento de maneiras diferentes. Uma delas é “como categorias implícitas, estereótipos e outros conjuntos de ‘suposições padrão’ automáticas, eles influenciam o que as pessoas percebem, lembram ou entendem que os outros estão dizendo”⁶¹ e ainda que os estereótipos “se tornam culturais quando são reproduzidos de pessoa para pessoa, por exemplo, através da interação ou da mídia de massa”.⁶² Nesse trecho, compreender o Brasil como uma nação homofóbica pode ter raízes tanto nas notícias divulgadas pelos veículos

⁶¹ as implicit categories, stereotypes, and other sets of automatic “default assumptions”, they influence what people perceive, remember, or understand others to be saying.

⁶² (...) [stereotypes] become cultural when they are replicated from person to person, e.g., through interaction or from mass media.

mediáticos, como a própria manchete do cartão de perguntas, quanto da interação entre pessoas, previamente na França e/ou no Brasil. Nesse viés, Wolf comenta:

Acredita-se que colocar certas características culturais a grupos específicos é um ato de estereotipar, e a estereotipagem, por sua vez, é considerada uma espécie de tabu, tanto a nível teórico, como a nível da comunicação intercultural real. Dada a realidade multilíngue e multicultural da maioria dos países do mundo, seria de fato falacioso igualar uma nação a uma cultura particular⁶³ (WOLF, 2015, p. 466).

A atenuação da palavra “homofóbico” pode ter surgido, portanto, na tentativa de I2 e I4 não reproduzirem estereótipos, condizentes ou não com a realidade brasileira. Veremos um segundo momento de construção eufêmica em torno exatamente do mesmo termo e contexto conversacional mais adiante na análise, no subtópico 4.4.2, o que reforça essa segunda hipótese.

Esse é um exemplo interessante de como é possível comprovar a existência de um esquema cultural. O cartão de perguntas continha apenas a manchete “Jovem gay fica 10 dias em coma induzido após ser espancado no seu aniversário”, sem mencionar a palavra homofobia nem sequer nas perguntas. Torna-se claro para os participantes, uma vez que a sexualidade da vítima é mencionada e também que crimes desse cunho são muito presentes no Brasil (e no mundo), que se trata necessariamente de um crime de ódio e não, por exemplo, a consequência de um assalto, que nada teria a ver com a orientação sexual do jovem. Para Boutyline e Soter (2020, p. 21), uma forma de testar um possível esquema cultural é avaliar sua automaticidade, “perguntando-se se ele poderia ser acionado com sucesso simultaneamente com alguma outra tarefa cognitivamente exigente”,⁶⁴ por exemplo manter uma conversa em L2, como é o caso da interação *InBH2019*.

4.2.5 Linguagem infantil

⁶³ It is believed that positing certain cultural characteristics to specific groups is an act of stereotyping, and stereotyping, in turn, is regarded as a kind of taboo, both at the level of theorizing as well as at the level of actual intercultural communication. Given the multilingual and multicultural reality of most countries in the world, it would indeed be fallacious to equate a nation with a particular culture.

⁶⁴ [...] by asking themselves whether it could successfully be deployed simultaneously with some other cognitively demanding task.

Os termos da linguagem infantil, “na forma por que usualmente aparecem na boca da criança, desvulgarizam-se e depuram-se” (CORREIA, 1927, p. 481). Temos a ocorrência de dois desses termos nessa interação, a primeira pode ser vista na linha 599:

Sequência 4.25 - InBH2019 ((17:57-18:07))

597 I2: enTÃO,
598 então é MUIto:,
599 TONto ((olha para a câmera)) não sei se tem
tOnto,
600 em espanHOL mas, ((olha para a câmera e levanta
os dois dedões))
601 TONto;
602 I1: [((ri))]
603 I3: [((ri))]
604 I4: [((ri))]
605 I2: eu TENTo, ((levanta as mãos, palmas para cima))
606 é muito tonto (.) diZER isso,=

Outras ocorrências, todas pertencentes às falas de I2, estão nas linhas 796 e 948:

Sequência 4.26 - InBH2019 ((23:29)) ((27:21-27:23))

796 I2: é inteligente mas mUito TONto;
(...)
948 I2: como como TONta como firmo,

Na sequência 4.25, I2 está demonstrando sua opinião acerca das proibições de trajes religiosos nas escolas na França. Os três participantes franceses inicialmente explicam que o hijab, por exemplo, não é permitido para meninas, e outros acessórios, como por exemplo portar uma cruz no pescoço, são igualmente restritos em espaços escolares públicos. I2 tem um posicionamento contrário ao governo, já que considera que essa regulamentação vai contra a aceitação e celebração da diversidade religiosa. Já no segundo trecho, I2 está contando uma anedota sobre um homem que seduzia diversas mulheres, no intuito de se casar e, assim, fazê-las assinar documentos de seguro de vida, ganhando indenização após sua morte. As palavras “tonto” e “tonta” são usadas para qualificar a lei francesa com relação às vestimentas religiosas e uma das mulheres ingênuas que assinou a documentação para o golpista. Vemos que I2 inicialmente

se confunde com o vocábulo “tonto”, já que ele também possui conhecimentos de língua espanhola e, como visto na linha 600, é do espanhol que ele acredita vir a palavra. Na linha 599, podemos ver que, através do contato visual, ele pede auxílio à pesquisadora para confirmar que, de fato, essa também é uma palavra em língua portuguesa. Já livre da dúvida, ele prossegue a fala utilizando “tonto” nas linhas 606, 796 e 948 para amenizar o que talvez pudesse ser “idiota” ou “estúpido” (KRÖLL, 1984, p. 35).

O segundo vocábulo infantil pode ser visto na linha 1553, acompanhado, mas não coocorrente, de um gesto metonímico:

Sequência 4.27 - InBH2019 ((43:12-43:16))

- 1551 I1: tipo T_Odo dia tá fazendo isso com outro
cachorro;
- 1552 tipo ei P_Arem (xxx xxx xxx);
- 1553 I2: tinha F_Ogo no ((ri, flexiona o joelho e leva o
tronco levemente para frente)) no pipi;



Figura 8: *Prestroke* do gesto produzido por I2, referente à linha 1553



Figura 9: *Stroke* do gesto produzido por I2, referente à linha 1553

Neste trecho, “pipi – expressão da linguagem infantil” (KRÖLL, 1984, p. 84) vem para substituir o órgão sexual masculino, acompanhada de um gesto metonímico. Num movimento rápido e difícil de ser visto somente pelas imagens estáticas, I2 flexiona a perna que está apoiada no chão, levando o tronco levemente para frente, o que o faz erguer-se minimamente do assento da cadeira. Esse gesto, descrito na linha 1553 e visto nas figuras 8 e 9, aparece também com função eufemizante, já que pode ser tanto uma imitação do ato sexual, quanto uma referência aonde está o “fogo”, sem que seja necessário pronunciar qualquer palavra. E, ainda, temos a expressão completa “fogo no pipi” que significa agitação, excitação, muitas vezes permeada de conotação sexual.

A mesma ressalva que foi feita com relação à circunlocução, vista no tópico (4.2.4), deve ser feita aqui. Sendo essa uma conversa em L2, devemos também considerar a possibilidade de que I2 não sabia que essas palavras pertencem ao vocabulário infantil. Segundo Dewaele (2018, p. 220), ao escutar um estrangeiro falando em nossa língua materna, “usuários de L1 podem se perguntar se o uso de palavras tabu foi intencional”,⁶⁵ e acreditamos que o mesmo pode ser dito com relação a certos eufemismos. “Tonto” e “pipi” podem ter sido palavras aprendidas por I2 num contexto de sala de aula, já ensinadas com teor eufêmico por livros didáticos ou professores. Alguns estudos, como o de Dewaele (2004), corroboram essa hipótese, uma vez que revelaram que a “linguagem tabu raramente é incluída como parte do currículo de línguas estrangeiras”. Outra possibilidade é que essas expressões foram aprendidas e reproduzidas a partir de sua imersão no Brasil e do contato com outros brasileiros que usaram

⁶⁵ L1 users may wonder if the use of taboo words was intentional.

essas palavras e expressões, sem que ele próprio soubesse que se tratavam de vocábulos infantis e/ou eufemismos.

4.3 Especificidades da interação *BrBH2020*

Dedicaremos o presente subtópico às ocorrências de eufemismos na interação entre brasileiros, em português como língua materna.

4.3.1 Forma derivada

Nessa interação, vemos a ocorrência do processo eufêmico de tipo lexical, através de uma forma derivada da palavra “dinheiro”, na linha 391. B4 está comentando sobre como, por enquanto, ela depende financeiramente dos pais, mas que espera um dia ter renda própria e administrá-la corretamente:

```
Sequência 4.28 - BrBH2020 ((09:18-09:22))
389   B4:   =eu dependo do meu PAI da minha mãe;
390       mas eu (.) eu acho que asSIM,=
391       =a partir do momento que eu começar a ter meu
       dinheiRInho e tal;
392       (--) eu vou saber lidar meLHOR assim;
```

Segundo Correia (1927, p. 483), as formas derivadas podem ser múltiplas, sendo o diminutivo uma das variantes mais propícias a eufemizarem um termo. Para Kröll, diversas são as possibilidades de substituição para “dinheiro”, uma vez que a situação financeira é um tabu, inclusive através do termo “dinheirinho” (1984, p. 57).

4.3.2 Tom de voz

O tom de voz, “que as crianças entendem antes de entenderem a palavra, e que os próprios animais, como o cão, compreendem também, é um excelente meio de eufemizar” (CORREIA, 1927, p. 464). Foram encontradas três ocorrências desse eufemismo, considerado “auxiliar de linguagem” pelo autor, na interação *BrBH2020*, nas linhas 69, 277 e 667:

```
Sequência 4.29 - BrBH2020 ((01:47-01:50)) ((06:29-06:34))
((15:58-16:01))
68   B3   (--) cê tem que pensar no auGUSTo porque: o seguinte,
69           <<p> cê morre aGOra,>
      (...)
274   B2:   é e depende com QUEM também né;
275           eu Acho;
276   B4:   e eu Acho,
277   B2:   com faMília <<pp> eu não fico tão confortável não;>
      (...)
667   B2:   não eu às VEzes eu vou em <<pp> igrEja católica;>
```

Tais ocorrências estão presentes em três momentos diferentes da conversa: a primeira, durante o tópico “morte”, a segunda, durante “homossexualidade e homofobia”; e a última, durante “religião”. Em todos os três casos, identificamos um volume mais baixo, transcrito através de <<p>> e <<pp>>, que significam ‘piano’ e ‘pianíssimo’, respectivamente, conforme as convenções do GAT 2. Notamos que o tom de voz muda estrategicamente antes de alguns termos: no primeiro caso, antes de “cê morre”, no segundo, antes de “eu não fico confortável não” e no último, antes de “igreja católica”. São assuntos que podem gerar polêmica, uma vez que se tratam de morte, de conversar sobre sexualidade e de uma vertente religiosa específica.

4.4 Para além de Correia: outros processos eufêmicos

A pesquisa de Correia (1927), tomada como base para a presente análise de dados, foi escolhida por apresentar uma complexa gama de ferramentas linguísticas, funcionando praticamente

como um manual de processos eufêmicos. Nos presentes subtópicos, iremos apresentar algumas ferramentas que consideramos possíveis inclusões em tal listagem.

4.4.1 Reparo

Inicialmente, acreditamos que o processo de reparo da fala pode ser enquadrado como uma possível ferramenta linguística para a formação de um eufemismo do tipo estilístico, por suas semelhanças com outros processos dessa categoria, nomeadamente, os complementos desculpadores e as circunlocuções, que fazem inserções na fala na intenção de amenizar o termo, demonstrando consciência do tabu, sem que seja necessário omiti-lo. Como visto previamente no tópico 2.1 do referencial teórico, o reparo é um processo dentro de uma conversa que consiste em remediar um problema da fala proferida. Para Marcuschi, “corrigimos a nós mesmos ou aos parceiros, fazendo reparos sintáticos, lexicais, fonéticos, semânticos ou pragmáticos” (2003, p. 28). Exemplificaremos com a fala de I1, na linha 1511:

Sequência 4.30 - InBH2019 ((42:16-42:26))

```
1509  I1:  é:: (.) e esse tin tinha o cara tinha DOIS dois
        cachorros;
1510      e um norMAL,
1511      pas norMAL; ((coloca a mão na cabeça e sorri))
1512  I3:  ((ri))
1513  I1:  um <<fazendo sinal de aspas> heterossexuAL,>
        [((ri))]
1514  I2:  [((ri))]
1515  I3:  [((ri))]
1516  I4:  [((ri))]
1517  I1:  isso faz parte do epistEMe,
1518      de a sociedade com a minha FALta; ((ri))
```

Retornamos ao tópico “homossexualidade e homofobia” discutido pelos participantes da interação *InBH2019* e, nessa altura da conversa, I1 está contando a anedota sobre os dois cães machos que tinham práticas sexuais um com o outro. I1 diz que o dono dos cães tinha ainda um outro cão *norMAL* (linha 1510). Rapidamente, sem nenhuma pausa, ele se corrige: *pas norMAL*,

ou ‘não normal’, em francês, o que configura como um autorreparo iniciado por si. Ele ainda coloca a mão na cabeça, sorri e, mais adiante, faz uma correção verbal: um *heterossexual*. É digno de nota que, segundo Bavelas e Chovil (2018), o riso pode ser um elemento adicional ao processo de reparo, tanto por parte do falante que realiza o autorreparo, quanto dos outros participantes.

Entretanto, “normal” não é um termo tabu, de forma que aqui devemos nos atentar ao contexto do momento da conversa. Khaghaninejad, Ahmadi e Shegeft comentam que os tabus podem ser categorizados como os gerais e os de contextos específicos, sendo esses segundos “palavras neutras que são tabuizadas em contextos particulares”⁶⁶ (2020, p. 91). I1 dá a entender que “normal” é sinônimo de “heterossexual” e, por consequência, “homossexual” seria “anormal”. Sabemos que esse é o tipo de discurso muitas vezes utilizados por aqueles que apresentam preconceitos e práticas homofóbicas, ou seja, ativa-se uma categorização implícita e conseqüentemente há a ativação de estímulos, de uma reação (BOUTYLINE; SOTER, 2020). I1, rapidamente, quis desvencilhar-se desse tipo de discurso. É interessante mencionar também que o participante faz o gesto de aspas concomitante à sua fala *heterossexuAL* na linha 1513. Segundo Stiver e Sidnell (2005, p. 16), os gestos de aspas estão sujeitos a diversas inferências, e é por isso que sua utilização na interação pode ser traduzida como “*so-called*”. A utilização das aspas aqui auxilia I1 a amenizar ainda mais sua fala, mas esse tópico específico será discutido de maneira mais aprofundada na próxima seção.

Mais adiante, nas linhas 1517 e 1518, ele inclusive explica que seu erro na fala foi devido a tais discursos de teor homofóbico que são muito disseminados socialmente e que, involuntariamente, acabamos reproduzindo. Consideramos essa ocorrência como um processo eufêmico, pois se encaixa na definição de Correia: “o conjunto de meios linguísticos que servem para disfarçar ou atenuar uma ideia desagradável, odiosa, lúgubre, ou imprudente” (1927, p. 447). Dessa forma, I1 faz uma correção na sua própria fala, trocando “normal” por “heterossexual”, não porque o termo “normal” em si carregue um tabu, mas pelo contexto e pela ideia construída.

Na interação *BrBH2020* o processo do reparo também está presente, como podemos ver nas linhas 671, 673, 674 e 681:

⁶⁶ neutral words which get tabooed in particular contexts.

Sequência 4.31 – BrBH2020 ((16:03-16:17))

669 B3: cê tá aqui há QUATro meses e não vi cê (.) nEm
comentar;
670 B4: ((ri))
671 B2: <<levando as mãos para frente> [O: aí oh respeita;]>
672 B4: [(xxx) TEMpo,]
673 B3: não não tô desrespeiTANdo,
674 só tô asSIM,
(...)
681 B3: nã::o;
682 tô só questioNANdo mesmo;

Nessa altura da conversa, os participantes discutiam o tópico “religião” e B2 comenta que às vezes ele frequenta a igreja. B3, então, faz o comentário visto na linha 669, que indiretamente insinua que B2 está mentindo, uma vez que durante os quatro meses que moram juntos ele nem ao menos comentou sobre suas práticas religiosas. O reparo é, então, iniciado por B2 na linha 671, que lhe diz para respeitá-lo. B3 se defende na linha 673, dizendo que não estava desrespeitando e repara sua fala na linha 681: *tô só questioNANdo mesmo*. Esse processo configura-se como um autorreparo iniciado por outro, uma vez que foi B2 que lhe indicou que sua fala continha erros. O sucesso comunicativo nesse trecho, e nas interações de uma maneira geral, se dá pelo “resultado mutuamente aceitável em vez da correspondência total dos significados dos oradores participantes e das interpretações dos ouvintes em todos os momentos”⁶⁷ (OLSINA, 2002, p. 40 *apud* KASPER, 1997b), uma vez que B2 teve uma interpretação diferente da de B3 com relação a sua fala contida na linha 669, sinalizando/exigindo o reparo, para depois dar prosseguimento ao fluxo da conversa. Consideramos essa ocorrência também como um processo eufêmico, pois, assim como no caso visto anteriormente na interação *InBH2019*, os participantes produzem discursos permeados de preconceitos em meio a tópicos sensíveis, nesse caso sendo a uma crítica contra a forma como B2 escolhe demonstrar sua devoção, e posteriormente acrescentam complementos e/ou modificam sua fala.

4.4.2 Discurso reportado

⁶⁷ mutually acceptable outcome rather than the total match of participants’ speaker meanings and listener interpretations at all times.

Segundo Bakhtin (1990, p. 144), o discurso citado, ou reportado, é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso. Assim sendo, o narrador de uma história faz uso do discurso reportado quando decide proferir aquelas que seriam as palavras do outro (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2014). Levantamos a hipótese desse recurso linguístico também se enquadrar como um processo eufêmico, pois distancia as palavras de quem as profere, ou seja, aquele que está falando sobre termos ou ideias tabus é apenas um intermediário e não o produtor de tal discurso, ficando livre das consequências dessa autoria.

Na interação *InBH2019*, vemos vários trechos que apresentam o discurso reportado, como por exemplo na linha 1329:

Sequência 4.32 – *InBH2019* ((36:50–36:52))

1327 I2: um país TÃ:O,=

1328 [=homofóbico;]

1329 I1: [<<fazendo sinal de aspas> homoFóbico;>]
teoricamente;



Figura 10: *Stroke* do gesto produzido por I1, referente à linha 1329

I1 e I2 comentam que é peculiar a quantidade de pessoas abertamente homossexuais no Brasil, uma vez que aqui é um país tão homofóbico. I1, entretanto, distancia-se da própria fala através do gesto manual – um sinal de aspas – ao falar “homofóbico”. Tal gesto encaixa-se no que

Arzarelo e Edwards (2005), com base na categorização inicial de McNeill (1992), consideram como “icônico-simbólicos”, uma vez que representam convenções da língua escrita. As aspas são recursos gráficos que têm como uma de suas funções marcar o início e término de uma citação. Segundo Lampert (2013, p. 47) o gesto feito com as mãos sinalizando as aspas (*air quotes*) são “gatilhos gestuais agindo como equivalentes [...] às aspas por escrito”⁶⁸ e ele “adapta uma convenção própria do modo visual da linguagem escrita para contexto de face-a-face”⁶⁹. Nesse momento, ao fazer o sinal de aspas com as mãos enquanto profere uma expressão verbal, I1 garante que a postulação de “o Brasil é um país tão homofóbico” não é realmente de sua autoria, sendo ele apenas um mero reproduzidor da mensagem. Ainda conforme Lampert,

o sinal de aspas serve especialmente ao propósito sociopsicológico e/ou comunicativo de permitir ao falante que, como observa Lawler, não está disposto a ‘responsabilizar-se pela exatidão de qualquer descrição, de distanciar-se da respectiva citação’⁷⁰ (LAMPERT, 2013, p. 53).

Dessa maneira, I1 garante afastamento das consequências de tal acusação. Esse é um processo parecido com o que foi visto no subtópico 4.2.5 na fala de I2, que foi acrescida de um eufemismo do tipo redução. Em ambos casos, temos falas que revelam críticas direcionadas a um país estrangeiro, e conseqüentemente a uma comunidade, mas que foram amenizadas. Salientamos que não apenas as aspas desempenham esse papel amenizador, mas também a palavra “teoricamente”, na linha 1329, indicando que na prática a realidade pode ser diferente. Outra informação que demonstra cautela por parte de I1 em fazer tal crítica é o fato da pesquisadora, que é brasileira, estar presente na mesma sala, por trás das câmeras. Vemos que I1 profere a fala da linha 1329 olhando para ela e não para seus interlocutores, como pode ser visto na Figura 10, como se a pesquisadora fosse uma representante da comunidade brasileira como um todo e a crítica pudesse ser direcionada a ela num nível pessoal.

Na interação entre brasileiros também há momentos em que é possível identificar o discurso reportado, como nas linhas 269 e 270:

Sequência 4.33 – BrBH2020 ((06:22-06:27))

267 B1: eh CHoca e por causa de vÁrias coisas,=

⁶⁸ gestural triggers acting as equivalents of [...] quotation marks in writing.

⁶⁹ adapting a convention native to the visual mode of written language to face-to-face contexts.

⁷⁰ Air-quotes especially serve the sociopsychological and/or communicative purpose of allowing speakers who are, as Lawler observes, not willing to ‘take responsibility for the correctness of any description to distance themselves from the respective quotes’ [...].

268 =mas conFORto,
 269 tipo assim <<sorrindo> ah gente e aí tão saBENdo,
 270 B4: QUANtos morrERam,

Aqui, B1 e B4 comentam que não é necessariamente confortável falar sobre os crimes homofóbicos que ocorrem no país. Para tanto, B1, de maneira irônica, encena na linha 269, a partir da construção quotativa (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018) “tipo assim”, alguém contando uma novidade referente aos crimes cometidos de forma banal. Segundo Lampert (2013, p. 50), em inglês as expressões *be like* e *like*, correspondentes ao “tipo” e/ou “tipo assim” do português, podem exprimir uma “(re-)performance de um evento de fala prévio (atual ou imaginário)”.⁷¹ B4 completa sua fala com “quantos morreram”, como se essa cena fictícia, pelo seu teor absurdo, demonstrasse que esse tipo de discussão não é, de fato, rotineiro e que é chocante de várias maneiras, demonstrando que “conforto” e “banalização”, aqui, seriam sinônimos.

4.4.3 Gestos faciais

Correia (1927) contempla os gestos ao classificá-los como uma ferramenta possível para a formação de eufemismos, sendo esse processo do tipo auxiliar de linguagem (uma classificação de Correia que não corresponde à atual nomenclatura dentro dos estudos sobre interação). Entretanto, ao dissertar sobre o assunto, o autor diz que

os gestos - especialmente os de mão - são de uso bastante corrente como meios atenuadores. Assim, para não se arriscar uma palavra imprudente, encolhem-se os ombros; para significar que alguém é tolo toca-se algumas vezes a testa com o indicador ereto; e para indicar roubo fazer-se uma rotação com a mão para fora (CORREIA, 1927, p. 404).

O autor dá ainda alguns outros exemplos, mas todos referentes às mãos, braços e tronco. As expressões faciais, ou gestos faciais, parecem não ter ganhado espaço na classificação de

⁷¹ [...] (re-)performance of a previous (actual or imagined) speech event.

Correia. Por essa razão, acreditamos que as expressões faciais, nomeadamente o riso, merecem ser estudadas, uma vez que podem também configurar um processo eufêmico.

Analisemos a sequência abaixo da interação *BrBH2020*:

Sequência 4.34 - BrBH2020 ((02:52-03:15))
109 B4: (--) hum se eu penso hoje se eu for trabaLHAR, ((ri))
110 <<rindo> no meio da pandeMIa [mas tá tudo bem>;]
(...)
121 B3: eu lembro eu lembro que eu ficava penSANDO,=
121 =mas isso eu era bem mais NOvo;
122 como seria o me meu veLÓrio;
123 pra eu saber se as pessoas gostaRIam de mIm, ((ri))
124 [ou NÃO;]
125 TR: [((B1, B2 e B4 riem))]



Figuras 11 e 12: Gesto facial de B4, referente à linha 109



Figuras 13 e 14: Gesto facial de B3, referente à linha 123



Figura 15: Gestos faciais de B1, B2 e B4, referentes à linha 125

Nesses dois exemplos, os participantes discutem acerca do tópico “morte”; vemos que na primeira sequência B4 diz que pensaria na própria morte caso tivesse que sair de casa para trabalhar durante a pandemia. Ainda que seja um assunto sério e que envolva um estado de calamidade pública que tem, de fato, levado muitas pessoas à óbito, B4 faz esse comentário em meio a risos e sorrisos. Já na segunda sequência, B3 conta, em tom leve e humorístico, uma anedota de quando era mais jovem e pensava sobre como seria o próprio velório. Segundo Ruusuvuori and Peräkylä (2009), “as expressões faciais podem transgredir as avaliações

verbais, proporcionando amplas oportunidades de afiliação”⁷². Aqui, tal expressão facial é sorriso, que o próprio falante mantém enquanto faz o comentário, e seus interlocutores se afiliam a ele rindo em uníssono após sua fala. Segundo Hay (2000), o humor pode ser usado como autodefesa ou como mecanismo para lidar com um problema, contextual ou não. Uma das funções do humor é o chamado *coping humor*, que, num problema não-contextual, é o “humor usado para lidar com problemas mais gerais, como doenças e morte. Brincar com algo visceral, assustador ou deprimente”.⁷³ Logo, a presença dos risos em todos os trechos mencionados configura um processo eufêmico, uma vez que são um mecanismo para lidar com algo desagradável e visam amenizar a atmosfera da conversa, mesmo que não removam os itens verbais que geram desconforto, apenas os acompanham e auxiliam a remediá-los, quando necessário.

4.5 Os tabus próprios e os impróprios

Procuramos, através da análise de conversas eliciadas, entender como o surgimento dos eufemismos ocorre ao tratar de temas tabus, levando em consideração toda a gama de possibilidades levantadas por Correia (1927), que vão além daquelas apresentadas nos estudos gramaticais. Neste campo de estudos, os eufemismos são tratados como figuras de linguagem, floreios puramente opcionais e com objetivo claro tanto na língua escrita quanto na língua falada. Essa ideia remete a uma clara consciência daquilo que se diz ou escreve, ou seja, quem produz determinado discurso eufemizante está consciente do peso das palavras e de como elas necessitam ser amenizadas.

Por outro lado, segundo premissas da Linguística Cultural, os comportamentos linguísticos presentes num grupo social, que derivam do “banco coletivo de memória” que é a língua, são moldados ao longo do tempo e do espaço a partir de inferências das diversas práticas culturais. Dessa forma, crer que a produção de eufemismos se dá mediante uma consciência aguçada e com objetivos claros não condiz completamente com o funcionamento de uma conversa natural. No fluxo de uma interação, ainda que a fala possa ser revista e remodelada, por exemplo através dos reparos, não existe um roteiro a ser seguido, tampouco é possível realizar uma preparação

⁷² [...] facial expressions can transgress verbal assessments, providing extended opportunities for affiliation.

⁷³ [...] humor used to cope with more general problems such as sickness or death. Joking about something gory, scary or depressing [...].

prévia de tudo que será dito, já que os interlocutores estão constantemente negociando turnos e fazendo inserções.

Notamos nas interações que, para além do surgimento dos eufemismos, temos outras pistas que nos mostram determinada cautela em algumas falas. Por exemplo, podemos atentar-nos para algumas ocorrências de pausas e hesitações que precedem palavras ou expressões tabus. Numa interação, as pausas têm a função de organizar os pensamentos e planejar o próximo turno, dando tempo ao falante para se preparar (MARCUSCHI, 2003, p. 27). Entretanto, em conversas cotidianas, notamos que “pausas, silêncios e hesitações um pouco mais prolongados causam certo desconforto, principalmente àquele que espera uma resposta” (RICIOLLI, 2013, p. 6). Tais hesitações não somente podem causar desconforto aos interlocutores, como também podem ser causadas exatamente pela mesma razão. Na interação *InBH2019* notamos pausas prolongadas durante a discussão do tópico ‘morte’, como na linha 1089:

Sequência 4.35 - *InBH2019* ((30:42-30:53))

1087 I4: mas pra MIM é isso (xxx) também mas com os meus
pais por exemplo,
1088 o:u o meu (.) irMÃO;
1089 que eles (-) [podem] (---) morRER né,

Uma ocorrência semelhante pode ser vista na linha 242 da interação entre brasileiros, discutindo o mesmo tópico:

Sequência 4.36 - *BrBH2020* ((05:48-05:51))

241 B2: sim;
242 (--) é e é um negócio assim né vei MORte né,

Pausas mais longas que precedem as palavras “morte e “morrer” não se configuram como processos eufêmicos, mas podem nos indicar cautela na fala dos participantes e, em algum nível, a consciência de que tais termos não são de fácil trato.

Nessa pesquisa, incluímos tópicos dos dois tipos de tabus tratados por Guérios (1979, p. 5) – os próprios (superstição) e os impróprios (decência e delicadeza). Sobre o primeiro caso, os dois temas escolhidos para representá-los foram “morte” e “religião”. Já no caso dos tabus

impróprios, os dois tópicos selecionados foram “homossexualidade e homofobia” e “condição financeira”, o primeiro – um tabu de decência – foi o que mais gerou a produção de eufemismos de vários tipos, e o segundo – um tabu de delicadeza – foi o que gerou a maior quantidade de substituições lexicais mais tradicionalmente conhecidas por brasileiros (estar na pindaíba, estar na merda, passar aperto). Veremos abaixo um trecho da interação *InBH2019* durante a discussão do tópico “homossexualidade e homofobia”:

Sequência 4.39 – InBH2019 ((36:30–36:34))

1308 são (--) quaREnta por cento das pessoas parece,

1309 I1: [((ri))]

1310 I3: [((ri))]

1311 I4: <<sorrindo> não não EU gosto mas,>



Figuras 16, 17 e 18: Gestos faciais de I1 e I3, referentes às linhas 1309 e 1310



Figuras 19 e 20: Gesto facial de I4, referente à linha 1311

Nesse momento da conversa, I4 comenta que acredita que quarenta por cento da população do Brasil seja homossexual, segundo sua vivência aqui. Os outros participantes acham o comentário engraçado, sendo que I1 e I3 riem, como visto nas linhas 1309 e 1310. I4, então, vê a situação como necessária de ser remediada. Há uma pausa na progressão de ideias para remediar o problema, fenômeno chamado *retrosequence* (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2018) e o reparo ocorre na linha 1311, em que ela deixa claro que isso não é um problema e que ela gosta da situação. Todo esse trecho da interação é permeado de risos e sorrisos, tanto de I4 quanto de seus interlocutores. Conforme mencionamos anteriormente, o riso pode ser um desencadeador de um reparo ou autorreparo, como vemos aqui. Vimos o primeiro caso, na sequência 4.33 do tópico 4.4.1, nas linhas 1511 e 1513, quando I1 nota uma falha na própria fala e, como reflexo, ri da própria atitude antes e durante seu reparo. Também vemos aqui, na linha 1311, que I4 tem o mesmo comportamento de sorrir durante o autorreparo. O *coping humor*, uma vez mais, é aquele que “inclui qualquer humor que seja usado para lidar com um problema que surja no decorrer da conversa. O problema pode variar desde uma gafe social de algum tipo até o transbordar de uma panela fervendo”⁷⁴ (HAY, 2000, p. 725).

Para entendermos melhor o fenômeno do reparo nesse trecho, bem como o uso do humor, devemos nos atentar a alguns outros momentos da interação. Logo após a sequência anterior, temos as seguintes falas de I1:

```
Sequência 4.40 - InBH2019 ((36:42-36:56))
1318 I1:  fiquei fiquei cho fiquei choCAdo,
1319      [(xxx) não NÃO          ] de um jeito mau,
1320 I2:  [si:m, eu tamBÉM, ((ri))]
1321 I1:  [mas do: DA:, ]
1322 I3:  [surpreenDido;]
1323 I1:  surpreenDido que que:: eh:,
1324      [não SEI,      ]
1325 I3:  [(xxx) TANTas,]
1326 I1:  TANTo tão <<levantando os braços, palmas para cima>
      mas não de um jeito mau;>
```

I1 comenta que, quando chegou no Brasil, ficou chocado de ver tantos casais homossexuais demonstrando afeto publicamente, mas “não de um jeito mau” (linha 1319). Mais adiante, ele

⁷⁴ [...] includes any humor which is used to cope with a problem arising in the course of the conversation. The problem could range from a social gaffe of some sort to a pot boiling over [...].

reafirma seu choque, comentando que a quantidade de pessoas homossexuais é alta, mas, novamente, “não de um jeito mau” (linha 1326). Os outros participantes tomam o turno para fazer alguns comentários e I1 volta a falar na linha 1339 sobre essa mesma experiência:

Sequência 4.41 – InBH2019 ((37:13–37:25))

1339 I1: mas no iNÍcio foi,
1340 eu fiquei O:, ((ri))
1341 eu cheguei na minha repúbLIca e tipo,
1342 [(xxx) DOIS] acho que deve,
1343 I2: [what the FUCK;]
1344 I1: <<rindo> NÃO não é isso;>
1345 I2: NÃ:O não (-) [não é mau;]
1346 I1: [mas tipo] É sim,

I1 comenta que o primeiro momento de choque foi logo que chegou na república onde moraria em Belo Horizonte. Ele descreve a própria reação como o: (linha 1340) – uma interjeição de surpresa, que é “traduzida” por I2 na linha 1343 como *what the FUCK* do inglês. Rapidamente I1 ri e o corrige: NÃO não é isso (linha 1344) e I2 explica, na linha seguinte, que NÃ:O não (-) não é mau; ou seja, ele não quis denotar nada negativo com relação à fala de I1, inclusive ele fala de maneira enfática, uma vez que o acento focal está no primeiro “não” acrescido ainda de um prolongamento da primeira vogal.

É interessante ressaltar como esse trecho entra em acordo com o que vimos no tópico 2.4.2 do referencial teórico com relação à polidez. A palavra *fuck* do inglês é inclusive o exemplo utilizado por Culpeper (2011) para indicar um intensificador que, mesmo não fazendo referência direta a seu conteúdo semântico (o ato sexual – *to fuck*), que é o tabu propriamente dito, é capaz de prover um acréscimo emocional no que é dito (positivo ou negativo). Aqui, a expressão de surpresa *what*, inicialmente podendo ser neutra, ganha uma maior carga emotiva pelo acréscimo *the fuck*. Dessa maneira, no caso acima, I1 entendeu inicialmente que se tratava de um comentário negativo, por isso contrapõe-se à fala de I2. Já I2 rapidamente identifica o mal-entendido e explica-se na linha 1345. É interessante também ressaltar que inglês não é a língua nativa de I2. Conforme Dewaele (2004, p. 87) “falantes bilíngues geralmente relatam uma maior intensidade emocional quando usam palavrões ou palavras tabu em sua primeira (ou

dominante) língua, em comparação com sua segunda língua”.⁷⁵ Sob essa ótica, é possível que I2 não tenha antecipado que suas palavras carregariam de fato esse acréscimo negativo que foi experienciado por I1. Por outro lado, Correia considera o uso de língua estrangeira como uma ferramenta eufêmica, de forma que, antes de seu reparo e explicação na linha seguinte, é possível também entender a fala *what the fuck* como uma crítica negativa à situação, mas amenizada pelo uso de L2.

De maneira geral, o que as sequências 4.45, 4.46 e 4.47 têm em comum são reparos feitos pelos participantes, sempre começando pela palavra negativa “não”, logo após falarem sobre suas percepções acerca da comunidade gay no Brasil. Não identificamos nenhum tabu propriamente dito referente à homossexualidade ou sexualidade no geral nessas falas, tampouco críticas explícitas que necessitassem ser amenizadas – I1 fala, por exemplo, que ficou surpreso não de um jeito mau e I4 fala que quarenta por cento das pessoas parece [ser gay], e logo em seguida diz “não, eu gosto”. Esse tipo de autorreparo, classificado por Couper-Kuhlen e Thompson (2005, p. 9) como um reparo concessivo (*Concessive Repair*), é aquele que utiliza uma negativa para retrair uma declaração afirmativa prévia. Durante a discussão do mesmo tópico, alguns outros turnos de falas, que não constituem reparos, chamam a atenção, nomeadamente nas linhas 1335, 1337, 1338 e 1352:

Sequência 4.42 – InBH2019 ((37:00–37:37))

1331 I4: mas no na festa do lUcas por exemplo,
 1332 tinha um (.) menino e meNIna,=
 1333 =e: de repente menino meNIno menina menina e
 [tudo isso,]
 1334 I2: [sim,] ((mexe as mãos ao lado da cabeça))
 1335 I4: é norMAL né,
 1336 I1: nã::o SIM;
 1337 [não tenho problema por ISso,]
 1338 I4: [super leGAL;]
 (...)
 1348 I1: deveria ter (.) não SEI tipo as as,
 1349 [(---) as SEIS] primeiras pessoas que
 conheço,

⁷⁵ Bilingual speakers report usually experiencing greater emotional intensity when using swear words or taboo words in their first (or dominant) language compared to their second language.

1350 I2: [mas é BOM é bom que,]
 1351 I1: tipo eram GAY;
 1352 mas pra MIM ((levanta os dois dedões)) acho leGAL
 mas,

Os participantes, uma vez mais, comentam sobre terem conhecido casais ou pessoas homossexuais no Brasil. No primeiro trecho, I4 comenta que numa festa haviam casais gays e lésbicos e no segundo trecho I1 comenta que as primeiras seis pessoas que conheceu no Brasil eram gays. Em seus turnos seguintes, os mesmos participantes fazem os comentários: “é normal”, “não tenho problema por isso”, “super legal” e “mas pra mim acho legal”. Essas repetições e reafirmações constantes revelam a maneira como querem ser percebidos por seus interlocutores, ou seja, desejam deixar explícito que eles próprios não carregam nenhuma opinião negativa com relação à comunidade gay. Dessa maneira, os participantes ativam categorias de pertencimento, que são aquelas que operam “nos bastidores” das conversas⁷⁶ (WATSON, 1997, p. 50) e que de uma maneira geral atribuem características a determinados grupos sociais. Além disso, a categorização também envolve questões morais, uma que “quando as pessoas efetuam uma atividade de categorização, elas também estão julgando o mundo ao seu redor e produzindo posicionamentos a respeito dos assuntos” (EGLIN, 2002; STOKOE, 2012 *apud* BRAGA *et al.*, 2016, p. 216). Assim, infere-se que, diferente do agressor responsável pelo crime da manchete, I1 e I4 não são pessoas homofóbicas e também que condenam tais atitudes.

Além desses comentários, é relevante também discutir um outro momento das conversas. Ao inserir nos cartões de perguntas alguns questionamentos como “Você se sente confortável de falar sobre esse tema?” e “Por que você acha que esses crimes acontecem?”, no caso das tragédias por razões homofóbicas, buscamos motivar os participantes a se indagarem acerca das origens desses tabus e talvez tratar do assunto de maneira ainda mais lúcida. O que nos foi revelado é que, ao serem questionados, os participantes buscaram não só explicações para essas mazelas sociais e para o fato de não serem assuntos fáceis de serem tratados, mas também possíveis soluções para esses impasses. Vemos, por exemplo, que no caso do tema “homossexualidade e homofobia”, os participantes da interação *InBH2019* levantaram as seguintes hipóteses sobre as razões para a existência dos crimes:

⁷⁶ [...] they still operate ‘behind the scenes’.

Sequência 4.43 - InBH2019 ((33:52-33:58)) ((39:42-40:15))

1215 I2: ((abaixa os cantos da boca e levanta uma mão com
a palma para cima))
1216 I3: acho que acontece [MUITas vezes mas,]
1217 I2: [coVARde covardia;]
1218 I3: mas muitas vEzes as pessoas não FAlam;
1219 I4: ah isso SIM,
1220 I2: NÃO falam; ((aperta os lábios))
(...)
1424 ah (xxx XXX) ((lendo o papel)) por que você acha
que esse tipo de CRIme aconteEce?
1425 I3: homofoBIa;
1426 I4: porque as pessoas são estÚpidas;
1427 I1: ((suspira)) acho FALta de:::,
1428 I3: de conheciMENTo falta de:,
1429 I1: de resPEIto;
1430 I2: NÃO é falta de conheciMENTo;
1431 I3: ah acho que pode ser tambÉM;
1432 falta de educaÇÃO e:,
1433 I2: porque você vai perguntar vai pergunTAR;
1434 por que (.) você (.) é GAY,
1435 hm por que você não GOSTa dos gays,
1436 e: (.) na maioRIa dos casos vai te falar,=
1437 =eh hm [vai falar em relacionamento] com a
religiÃO;
1438 I4: [deus NÃO quer isso;]
1439 I2: [vai faLAR,]
1440 I4: [é deus NÃO quer isso;]
1441 I2: isso não é natuRAL;

No caso da interação *BrBH2020*, tivemos as seguintes falas:

Sequência 4.44 - BrBH2020 ((05:07-05:51))

216 B4: (--) por que você acha que esse TIpo de crIme
acontece,
217 B3: homofoBIa,
218 B2: galEra é homoFóbica;
219 B4: é:: homofoBIa;

220 B1: por FALta [de::,]
 221 B4: [a cultUra;]
 222 B3: (xxx XXX)
 223 B1: diFUNdir (-) é:: (.) iDEIas discussões sobre isso,=
 224 =pras pessoas não se torNarem isso;
 225 uma cultUra extremaMENTe:,
 226 (---) [seXISTa,]
 227 B4: [machista] mesmo;
 228 B1: elegebetêFóbica;
 (...)
 241 B2: sim;
 242 (--) é e é um negócio assim né vei MORte né,
 243 [TIpo,]
 244 B1: [a FALta] de discussão;

Nessas sequências, os participantes apresentam-se conscientes de que os assuntos se tratam de tabus, ainda que não tenham dito de maneira explícita, uma vez que apresentam a primeira característica geral dos tabus – a falta de fundamentação lógica, em conformidade com os estudos de Guérios (e também de Freud, acerca das psicoses). Segundo os participantes da interação *InBH2019*, a homofobia ocorre porque “as pessoas são estúpidas” (linha 1426), por “falta de conhecimento” (linhas 1427 e 1428), e, na interação *BrBH2020*, por “falta de discussão” (linha 244). Temos ainda uma segunda hipótese, levantada pelo participante I2, que é a da religião, complementada por I4, uma vez que “Deus não quer isso” (linhas 1438 e 1440) e que “não é natural” (linha 1441). Essa segunda ideia também entra em conformidade com os estudos dos tabus, uma vez que as superstições, ligadas à religiosidade e ao mundo sobrenatural, são grandes fontes de tabus em todo o mundo.

Dessa forma, depreendemos que, apesar do surgimento dos eufemismos ocorrer em sua maioria de maneira natural e inconsciente ao longo das conversas, já que são motivados pelo contexto sociocultural dos participantes, existem pistas contextuais que revelam determinado cuidado ao tratar de assuntos tabus, como pausas e hesitações. No caso do tabu de decência, relacionado à sexualidade, vimos ainda que os participantes da interação *InBH2019* fazem diversos acréscimos, além do uso de eufemismos, de forma a afastar-se de qualquer discurso com teor homofóbico, deixando sempre claro que não carregam nenhum tipo de preconceito direcionado a essa comunidade. Notamos também que, ao serem indagados de maneira mais direta acerca das origens dos problemas, através dos cartões de perguntas, os participantes demonstraram alto nível de consciência das razões culturais por trás dos tabus que permeiam

os tópicos tratados. Todas essas ocorrências demonstram determinados esquemas morais vindos dos participantes – a galEra é homoFóbica (linha 218, sequência 4.44) e as pessoas são esTúpidas (linha 1426, sequência 4.43), por exemplo, demonstram afastamento desse grupo social ao qual pertencem os que cometem crimes de ódio. Em outras palavras, ‘eles’ são homofóbicos e estúpidos, mas não ‘eu’ ou ‘nós’.

Essas pistas conversacionais, em que todos os oito integrantes das duas interações expõem e criticam as causas dos tabus tratados nos cartões, servem como embasamento para entendermos porque alguns tipos de eufemismos foram mais recorrentes que outros durante as conversas. Os tabus impróprios foram os que mais motivaram a construção de eufemismos, isso é, momentos da conversa em que os participantes tiveram atenção especial em atenuar falas que poderiam demonstrar teor indelicado. Os tópicos solicitados para a discussão são socialmente tabuizados, mas não precisam, necessariamente, serem tabus para os próprios participantes, uma vez que características específicas de uma cultura não são distribuídas de forma homogênea e cada integrante demonstra um nível de sensação de identificação diferente. O fato de terem conversado sobre todos os assuntos, sem desvencilhar-se do tema, de terem confirmado que se sentem confortáveis em debatê-los e de serem capazes de identificar suas causas são indícios de que os tabus não carregam pesos intensos para os participantes. Adicionalmente, as interações contabilizam, juntas, mais de uma hora de filmagem, e a ocorrência de eufemismos não é constante.

Portanto, podemos pensar nessas atenuações, mobilizadas pelos dois grupos, como um mecanismo de polidez frente a assuntos reconhecidos por eles próprios como geralmente sensíveis. Ser polido é manifestar respeito e preocupação em relação à face do outro (WOLFSON, 1989). Dentre as diferentes estratégias de polidez, vimos algumas nas últimas sequências, como o uso de marcadores de identidade social e buscar contornar/evitar desacordos. Ressaltamos ainda que, na interação *InBH2019*, essa preocupação foi direcionada não somente aos interlocutores, mas também à pesquisadora, que se encontrava na sala atrás da câmera durante as filmagens, conforme pode ser notado através do direcionamento do olhar de I1 e I4 nas figuras 10, 19 e 20.

4.6 Discussão dos resultados

Vimos que o conceito de eufemismo é o da ferramenta linguística que visa atenuar uma fala que carrega algum peso negativo. Muitas vezes essa carga advém dos tabus que permeiam determinadas palavras, expressões ou tópicos em geral, podendo ser tabus próprios, relacionados ao mundo sobrenatural, ou tabus impróprios, relacionados às normas sociais. Em oposição às explicações contidas em gramáticas normativas, que consideram os eufemismos uma figura de linguagem opcional, ou quase mesmo um puro floreio da língua, sendo formados por mera substituição lexical, constatou-se que os eufemismos são fenômenos também muito presentes na interação face-a-face. Adicionalmente, essa estratégia linguística pode ser realizada a partir de outras ferramentas verbais, não estando restrita às substituições lexicais, além de também poder ser produzida multimodalmente, no meio visual e prosódico.

A partir da listagem de Correia (1927), que descreve uma vasta gama de possibilidades de formação de eufemismos, foi possível identificar ocorrências nas duas interações que serviram como *corpus* para este trabalho. Aos oito participantes foi solicitada uma conversa acerca de quatro temas tabus: homofobia e homossexualidade, condição financeira, religião e morte. Tais temas englobam os diferentes tipos de tabus (próprios e impróprios), sendo levado em conta também temas que são mais comumente discutidos na vida cotidiana e que recebem atenção diária ou quase diária na mídia. A partir desses tópicos, o grupo de brasileiros e o grupo de estrangeiros, separadamente, mantiveram conversas que englobaram todas as perguntas contidas nos cartões. Todos os participantes contribuíram para a discussão de todos os tópicos, não havendo omissões. Também constatou-se que todos os participantes produziram, pelo menos, um eufemismo ao longo das filmagens.

Inicialmente, identificamos algumas ferramentas linguísticas para a formação de eufemismos presentes em ambas as interações, sendo elas:

- metáfora;
- aliança vocabular;
- termo genérico;
- antífrase;
- mudança de forma proposicional.

Exclusivas da interação *InBH2019*, encontramos as seguintes ferramentas através das quais eufemismos surgiram:

- hipersemia;
- onomatopeia;
- circunlocução;

- redução;
- linguagem infantil.

Já na interação *BrBH2020*, as ferramentas utilizadas exclusivamente por brasileiros foram as seguintes:

- forma derivada;
- tom de voz.

Adicionalmente, outros modos combinaram-se às ferramentas verbais descritas acima. Algumas metáforas verbais contaram com a presença de gestos metafóricos coocorrentes; outros fenômenos, como as antífrases e as mudanças de forma proposicional, contaram com a presença os gestos faciais de riso e sorrisos também coocorrentes.

Após a identificação desses fenômenos, que entram em acordo com as descrições de Correia, acreditamos ser válido propor algumas inclusões às possibilidades idealizadas pelo autor. O reparo, tanto o autorreparo iniciado por si quanto o autorreparo iniciado por outro, podem ser ferramentas para a produção de eufemismos, uma vez que visam amenizar o tom da conversa, contornando possíveis situações de desconforto. Essa é uma ferramenta com características semelhantes aos complementos desculpadores, citados por Correia, no sentido de não omitirem a palavra ou expressão desagradável de início, mas assumindo consciência do incômodo possivelmente produzido e buscando contorná-lo. Consideramos também o discurso reportado como outra ferramenta eufemística, posto que esse recurso permite ao falante ser apenas um porta-voz de determinado discurso, abstendo-se das consequências negativas que o autor poderia sofrer. A palavra ou termo desagradável não precisa ser substituída, apenas acrescida por construções quotativas (“tipo assim”) ou por meios visuais (gestos de aspas) que removam do falante a responsabilidade por tais escolhas lexicais. Por fim, avaliamos que os gestos faciais, nomeadamente o riso e o sorriso, também podem auxiliar na atenuação de incômodos que surgem ao tratar de temas tabus. Os exemplos encontrados tanto na interação entre estrangeiros quanto na interação entre brasileiros podem exemplificar o fenômeno do *coping humor*. Esses gestos foram, em sua maioria, concomitantes a outras ferramentas eufêmicas, e serviram para dar à conversa um tom mais leve, mesmo se tratando de temas que geralmente ganham conotação negativa, como a morte.

Reconhecemos que outros aspectos das interações também são importantes ao discutirmos temas tabus. As hesitações e pausas que precedem determinadas expressões demonstram

cautela na fala. Ainda, foi possível verificar que os tabus impróprios, em especial o tópico “homossexualidade e homofobia” na interação *InBH2019*, foram os que mais propiciaram o surgimento de eufemismos de maneira geral. Adicionalmente, no caso da interação entre estrangeiros, os participantes diversas vezes demonstraram o desejo de manter a conversa sob uma luz positiva, fazendo comentários que os inserissem explicitamente num grupo social não homofóbico. Ademais, levanta-se a hipótese de que tratar do tema com cautela esteja relacionado com o fato da pesquisadora, que é brasileira, ter estado presente na sala durante a gravação e o cartão de perguntas menciona um crime ocorrido no Brasil. Esse fator desencadeia conhecimentos e julgamentos acerca do Brasil, caracterizando-o como um país homofóbico, mas tendo o cuidado de não proferir a crítica negativa de maneira direta, atenuando-a e frequentemente olhando em direção à câmera, onde a pesquisadora se encontrava. Acreditamos que o intento pode ter sido o de não cometer o ato de generalizar ou basear a crítica em estereótipos (que por si só podem ser tabus), uma vez que, como cidadã brasileira, a pesquisadora receber a crítica de maneira pessoal.

Finalmente, devemos fazer uma reflexão acerca do surgimento de eufemismos comparativamente em L1 e L2. Primeiramente, notamos que as substituições lexicais tradicionalmente conhecidas ocorreram na interação entre brasileiros, mas os equivalentes não foram vistos no caso dos estrangeiros. Entre essas expressões, podemos citar “ficar na pindaíba”, “estar na merda” e “passar aperto” durante o tópico “condição financeira”. A falta dessas ocorrências na interação *InBH2019* poderia ser explicada pelo simples fato dos participantes não terem julgado necessário lançar mão de eufemismos para tratar do tema. Entretanto constatamos que outras ferramentas linguísticas foram utilizadas com objetivo eufemizante durante a discussão desse assunto, de forma que a causa mais possível para a inexistência desse tipo de expressão é uma simples limitação vocabular. Ainda que tenham mantido a conversa quase inteiramente em português e sejam capazes de discutir extensivamente sobre temas complexos em L2, carece aos estrangeiros, como é de se esperar, a proficiência que se vê na conversa em L1. Littlemore e Low (2006), em um estudo voltado para a avaliação da habilidade de aprendizes de L2 com relação às expressões idiomáticas, comentam que o ensino de tais expressões em contexto de sala de aula resulta numa melhor compreensão dos esquemas metafóricos que as compõem. No caso dos provérbios, por exemplo, atividades que exploram a relação entre a literariedade e a metaforicidade foram importantes para que os alunos não se dispusessem apenas de técnicas de memorização e, conseqüentemente, tivessem um uso mais produtivo em L2.

Ademais, segundo diversos estudos acerca da relação entre as palavras tabus e o uso de língua estrangeira (AYÇIÇEGI; HARRIS, 2004; DEWAELE, 2004, 2018), acredita-se que os tabus perdem parte de seu “poder” se forem proferidos em outra língua que não a materna. Correia (1927) inclusive considera o uso de língua estrangeira uma possível ferramenta para um processo eufêmico. Entretanto, na presente pesquisa, os dados não são suficientes para reafirmarem essa teoria. Os estrangeiros, de fato, lançaram mão de eufemismos ao longo das conversas; além disso, não fazia parte dos procedimentos metodológicos desse trabalho uma investigação posterior às filmagens com os participantes, questionando-os diretamente se o uso de L2 proporcionou-lhes alguma facilidade de tratar dos temas. Tampouco fizemos um estudo comparativo entre L1 e L2 utilizando os mesmos participantes, de forma que seria possível, através de uma contagem de ocorrências eufêmicas, por exemplo, identificar se os tabus foram tratados de maneiras mais ou menos diretas dependendo da língua em que a interação se desenrolou. O que nos foi possível notar, a partir de algumas ocorrências, é que a própria formação de eufemismos deve ser analisada mais cuidadosamente em L2, uma vez que, devido às limitações vocabulares que os falantes estrangeiros possuem, há a possibilidade das formações eufêmicas terem sido não intencionais, como o uso de vocabulário infantil pelo participante I2.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viu-se a partir das constatações de Guérios (1979), que “o tabu linguístico nada mais é do que uma modalidade do tabu em geral” (p. 11), de forma que a proibição de uma coisa ou um ato gera a proibição também de sua palavra referente. O autor concebe uma classificação específica para os tabus linguísticos: os próprios e os impróprios (Guérios, 1979, p. 5). No primeiro caso, a interdição é feita com o objetivo de evitar consequências sobrenaturais, como a infelicidade e a desgraça, representando os tabus de superstição. Já o segundo tipo visa interditar expressões imorais ou grosseiras, em respeito aos tabus de delicadeza e de decência. Para contemplar toda essa tipologia, foram escolhidos dois tópicos-tabus próprios e dois impróprios.

Ao compreendermos os pilares do funcionamento dos tabus, vemos que eles são fundamentalmente baseados na estrutura de uma determinada comunidade. Isto é, um grupo social pode considerar determinados tópicos ou palavras como tabus, enquanto um outro grupo não. Essas escolhas se dão a partir de elementos como a polidez e o medo, que por sua vez estão conectados ao espectro emotivo dos sujeitos. Conforme postulado por Baider e Cislaru (2014), a emoção é um elemento essencial para a compreensão do funcionamento das línguas. O mesmo pode ser dito com relação aos eufemismos - comunidades distintas lançam mão de ferramentas linguísticas potencialmente diferentes; além disso, uma expressão eufêmica de um determinado grupo não necessariamente é interpretada da mesma forma em outro. Isso ocorre devido às experiências compartilhadas, comuns a um grupo cultural, consideradas ‘esquemas culturais’ (*cultural schemas*) segundo Palmer (1996). Levando em consideração todo esse aporte teórico, vimos que em ambas conversas, tanto intra quanto interculturais, múltiplos eufemismos foram produzidos, em português como língua materna e como língua estrangeira, revelando determinada cautela ao tratar dos tópicos. Para ambas as interações, os mesmos cartões com tópicos e perguntas foram utilizados e todas as perguntas foram discutidas nos dois grupos. Não houve omissão de nenhum participante na discussão de nenhum dos tópicos, além de que cada participante produziu, pelo menos, um eufemismo ao longo das gravações. Dessa maneira, pudemos alcançar com sucesso o objetivo primário desse trabalho, que era analisar o surgimento dos eufemismos em conversas elicitadas.

Ao longo da etapa de análise dos dados, lançamos mão amplamente da listagem de Correia (1927), que serviu como principal direcionamento no que tange a identificação e classificação dos eufemismos. O autor demonstra como os eufemismos podem ser formados tanto no plano verbal quanto no plano visual e prosódico, sendo essa constatação corroborada pelos dados.

Além disso, o autor enfatiza que as ferramentas utilizadas nos processos eufêmicos são as mais diversas, indo além da mera substituição lexical, no plano verbal, que constitui comumente as definições contidas em gramáticas e materiais didáticos. De fato, quantitativamente falando tivemos a maioria dos eufemismos sendo produzida através de outras ferramentas linguísticas. Trabalhamos também com a hipótese inicial de que brasileiros e estrangeiros produziriam eufemismos de maneiras distintas. De fato, as expressões idiomáticas substitutas (como, por exemplo, “estar na pindaíba”) foram vistas unicamente na interação em L1, entretanto relembramos que vários processos eufêmicos semelhantes foram vistos em ambas interações.

Alguns questionamentos que surgiram ao longo dessa pesquisa não puderam ser respondidos. Primeiramente, a partir dos dados, não podemos identificar qual assunto foi considerado mais ou menos tabu para os participantes. Como dito previamente, a contagem de unidades entonacionais referentes a cada um dos temas não é suficiente para extrairmos uma conclusão acerca da facilidade e conforto em tratar de determinados tópicos. Além disso, tampouco podemos dizer que um determinado grupo se sentiu mais ou menos à vontade durante as conversas, mesmo que as gravações apresentem tempos distintos – a interação *InBH2019* durou mais do dobro do tempo que a interação *BrBH2020*. O que pode ser feito em estudos futuros, potencialmente com os mesmos participantes, é solicitar que eles respondam a uma enquête que os indague diretamente qual sua relação com cada um dos temas. A partir de uma escala, por exemplo que vá desde “muito desconfortável” até “muito confortável”, podemos solicitar que eles exponham de maneira explícita como lidam com esses temas na vida cotidiana. Posteriormente, pode ser feita uma análise comparativa entre as respostas dessa enquête e a produção de eufemismos a nível individual em conversas cotidianas.

É igualmente difícil determinar, em nossos dados, se a produção de eufemismos a nível individual foi distinta em termos de gênero e idade, como postula Correia. De fato, esse tipo de observação não fazia parte dos objetivos da pesquisa, uma vez que o objetivo principal era descrever, especificar e classificar as ferramentas linguísticas utilizadas para a criação dos eufemismos, bem como investigar quais são as maiores discrepâncias no uso de eufemismos nos dois grupos distintos. Mas de qualquer forma seria inviável fazer esse tipo de afirmação referente a gênero e idade – inicialmente, porque todos os participantes têm idades próximas, mas também porque a contabilização de eufemismos produzidos pelas participantes do sexo feminino (que, em teoria, seriam mais propensas a lançar mão dessa ferramenta, conforme argumenta Correia (1927)) não apresentou diferença relevante com relação aos participantes do sexo masculino. Para responder a esse questionamento específico, seria necessário, em

pesquisas futuras, solicitar a participação de um grupo mais diverso em termos de idade, além de potencialmente ser necessário um número mais alto de participantes, com a intenção de realizar um estudo quantitativo.

Ao longo da presente dissertação, tencionamos contribuir para pesquisas dos campos da Linguística Interacional e da Análise da Conversa, ao mesclar diversas postulações dessas áreas a uma perspectiva cognitiva. Como ferramenta metodológica, as diversas ferramentas que possibilitam a construção e organização de uma conversa nos foram caras ao analisar os dados, e visamos demonstrar como diversos fenômenos conversacionais, como o reparo, a afiliação e o riso, revelam como os interlocutores procuram lidar com os tópicos tabus a nível cognitivo. Adicionalmente, visamos inserir essa pesquisa nos estudos da Linguística Cognitiva e da Linguística Cultural, proporcionando dados autênticos de uma conversa cotidiana na investigação dos esquemas cognitivos, uma vez que a comunicação face-a-face é um meio de coconstrução dos modelos culturais e representa a interação social mais basilar. Os dados podem indicar que nas gerações mais jovens, como é o caso dos participantes, há uma gradual reconceptualização dos temas discutidos, de forma que os tabus não representam “pesos” tão grandes a ponto de serem completamente omitidos e/ou substituídos na conversa – visto que responderam positivamente ao serem indagados se se sentem confortáveis em discutir determinados assuntos, além de não termos ocorrências massivas de eufemismos durante as interações. Ainda, buscamos também colaborar nos estudos acerca dos tabus, dos eufemismos e sua produção tanto em L1, quanto também, e especialmente, em L2. A partir de filmagens com participantes estrangeiros imersos na sociedade brasileira, buscamos identificar como os processos eufêmicos se dão ao tratar de tópicos recorrentes na vida cotidiana. Acreditamos que as conversas naturais são essenciais para a compreensão desse fenômeno, que muitas vezes fica restrito à linguagem escrita, especialmente à literatura. Especificamente quanto aos estudos dos tabus em L2, buscamos colher dados que revelem o uso produtivo da língua fora da sala de aula, em contexto de imersão em outra cultura e sem o direcionamento de, por exemplo, exercícios didáticos ou entrevistas com os aprendizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAN, Keith (Ed). *The Oxford Handbook of Taboo Words and Language*. Oxford University Press, 2018.

ALVAREZ, Maria Luisa. *Expressões Idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada na área de ensino/aprendizagem de segunda língua e língua estrangeira) - Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2000.

ARDOSO, Thais. *Educação financeira é fundamental no atual cenário econômico*. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/educacao-financeira-e-fundamental-no-atual-cenarioeconomico>. Acesso em 01 out 2019.

ARZARELLO, Ferdinando; EDWARDS, Laurie. Gesture and the construction of mathematical meaning. In: CHICK, H.; VINCENT, J. (Eds.). *Proceedings of the 29th Conference of the International Group for the Psychology of Mathematics Education*, 1, 2005, p. 123-127.

AUER, Peter; COUPER-KUHLEN, Peter; MÜLLER, Elizabeth. *Language in Time - The Rhythm and Tempo of Verbal Interaction*. Oxford, 1999.

AVERILL, James. The Social Construction of Emotion: With Special Reference to Love. In: GERGEN, J; *et al.* (eds.) *The Social Construction of the Person*, 1980, p. 89-109.

AYÇIÇEĞİ, Ayşe; HARRIS, Catherine. Brief Report: Bilinguals' recall and recognition of emotion words. *Cognition and Emotion*, 18(7), 2004, 977-987.

AZEREDO, José. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

_____. *Português brasileiro: nova gramática*. Matruga, Rio de Janeiro, v.17, n.26, 2010.

BAIDER, Fabienne; CISLARU, Georgeta. Linguistic approaches to emotions in context. In: *Pragmatics & Beyond new series*, n 241, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 5.ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. *Folha de São Paulo* [online], 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml> Acesso em 10 abr 2020.

BAPTISTA, Carlo. Gramática completa da língua portuguesa. Salvador: Faculdade de Tecnologia e Ciências, 2013.

BARTH-WEINGARTEN, Dagmar; REBER, Elisabeth; SELTING, Margret. *Prosody in Interaction*. John Benjamins Publishing Company, 2010.

BAVELAS, Janet; GERWING, Jenifer; HEALING, Sara. *Doing mutual understanding. Calibrating with micro-sequences in face-to-face dialogue*. Journal of Pragmatics, 121, 2017, p. 91-112.

_____; CHOVIL, Nicole. Some pragmatic functions of conversational facial gestures. In: *Gesture*, 17(1), 2018, p. 98–127.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual, conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENCZES, Reka; BURRIDGE, Kathryn; Allan, KEITH; SHARIFIAN, Farzad. Old Age Revolution in Australian English: Rethinking a taboo concept. In: *Linguistic Taboo Revisited*. Berlin: Walter de Gruyter, 2018.

BÍBLIA, A. T. Êxodo 20:7. In: *Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

_____. João 1:14. In: *Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

_____. João 1:1. In: *Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

_____. Números 16:30. In: *Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BONHOMME, Marc. *Les figures clés du discours*. Paris: Seuil, 1998.

BOUTYLINE, Andrei; SOTER, Laura. *Cultural Schemas: What They Are, How to Find Them, and What to Do Once You've Caught One*, SocArXiv, 2020.

BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison; GUIMARÃES, Juliana. *Membership Categorization Analysis on Communication Studies: An Essay of Applied Methodology*. Brazilian Journalism Research, V. 12, N. 2, 2016.

BRANDÃO, Roberto. *As Figuras de Linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.

BRASIL, Ministério da Educação. *Exame para Certificação de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros - Celpe-Bras*. Brasília, MEC/SEF, 2006.

BRAY, Jamieson. *Cultural Cognition and Climate Change: Communicating Climate Science across Potential Divides in Sweden*. Master thesis in Sustainable Development, Uppsala University, Uppsala, 2015.

BROWN; Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language and usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CALDAS AULETE, Francisco. *Minidicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira, 2004.

CAMPANHA, Danilo; SCHRÖDER, Ulrike. Categorização e Generalização em atividades de comparação cultural na interação entre brasileiros e alemães. *Anais do 1º Congresso da 239 Associação Brasileira de Estudos Germanísticos (ABEG)*, 09-11 de novembro 2015 – USP São Paulo, 2016, p. 377-384.

COOK, James. *Log of H.M.S. Endeavour, 1768-1770* [manuscrito]. Disponível em: <<https://nla.gov.au/nla.obj-517532598/view?partId=nla.obj-558508794#page/n123/mode/2up>>. Acesso em 20 dez 2020.

CORREIA, João. *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa*. Arquivo da Universidade de Lisboa, vol. XII. Lisboa, 1927, p. 445-787.

CORREIA, Margarita. *Produtividade lexical e ensino da língua*. Língua portuguesa: descrição e ensino. São Paulo: Parábola, 2011.

COUPER-KUHLEN, Elizabeth; THOMPSON, Sandra. A linguistic practice for retracting overstatements. In: *Syntax and Lexis in Conversation*. 2005, p. 257-288.

_____. SELTING, Margret. *Studies in Interactional Linguistics*, 2001.

_____. *Interactional Linguistics: Studying Language in Social Interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

CULPEPER, Jonathan. Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link. *Journal of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture*. Berlin, v. 1, n. 1, 2005, p. 35-72.

_____. *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

DEWAELE, Jean-Marc. The Emotional Force of Swearwords and Taboo Words in the Speech of Multilinguals. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 2004, p. 204-222.

_____. Linguistic taboos in a second or foreign language. In: ALLAN, Keith (Ed). *The Oxford Handbook of Taboo Words and Language*. Oxford University Press, 2018, p.218-232.

Dicionário Cambridge. Cambridge University Press. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/portugues-ingles/eufemismo>>. Acesso em 30 ago 2020.

DIJK, Teun. Movimentos sociais, frames e cognição: uma revisão crítica. *Revista Investigações*, Recife, v. 30, n. 2, 2017, p. 173-219.

DOMÍNGUEZ, Pedro. La función social y cognitiva del eufemismo y del disfemismo. *Panace@*. Espanha: Tremédica, v. 5, n. 15, 2004, p. 45-51.

_____. Ambiguity and vagueness as cognitive tools for euphemistic and politically correct speech. In: *Linguistic Taboo Revisited*. Berlin: Walter de Gruyter, 2018.

EKMAN, Paul. *Expression or communication about emotion*. In: Segal, N.; Weisfeld, G; Weisfeld, C. (Eds.). *Uniting psychology and biology: Integrative perspectives on human development*, 1997, p. 315–338.

ENDO, Paulo César. A ambivalência como problemática particular no debate entre psicanálise e política. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, IX, 3, 2006, p. 423-432.

Estado Conteúdo. *Governo de São Paulo aprova lei que pune discriminação religiosa*. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/governo-de-sao-paulo-aprova-lei-quepune-discriminacao-religiosa/>> Acesso em 01 out 2019.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics*: na introduction. Edinburgh University Press, 2006.

FERNÁNDEZ, Gretel. Linguística contrastiva e ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras na atualidade: algumas relações. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*. Londrina, n. 6/2, p. 101-118, 2003.

FERREIRA, Aurélio. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 470.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos, 1913*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972 [1932].

GIBBS, Raymond. The social nature of embodied cognition: A view from the world of metaphor. *Intellectica*, 2012, p. 81-98.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011 [1967].

GOODWIN, Marjorie *et al.* Emotion as Stance. In: PERÄKYLÄ, Anssi; SORJONEN, Marja-Leena (Eds). *Emotion in Interaction*. Oxford University Press, 2012, p.16-40.

GRADY, Joseph. *Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes*. University of Berkeley, 1997.

GUÉRIOS, Rosário. *Tabus lingüísticos*. São Paulo: Nacional, 1979.

HARRÉ, Rom. *The Social Construction of Emotions*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

HAY, Jennifer. Functions of humor in the conversations of men and women. *Journal of Pragmatics*, n. 32, 2000, p. 709-742.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HYMES, Dell. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B; HOLMES, J. *Sociolinguistics*. England: Penguin Books, 1972.

JAMET, Denis. *The Neological Functions of Disease Euphemisms in English and French: Verbal Hygiene or Speech Pathology?* Journal in English Lexicology, V. 12, 2018.

JEFFERSON, Gail. A technique for inviting laughter and its subsequent acceptance/declination. In: PSATHAS, George. (Ed.). *Everyday language: Studies in ethnomethodology*. New York, NY: Irvington Publishers, 1979.

JUNQUEIRA, Camila; JUNIOR, Nelson. Freud e as neuroses atuais: as primeiras observações psicanalíticas dos quadros borderline?. *Psicol. clin.* [online], vol.18, n.2, 2006, p. 25-35.

KASPER, Gabriele. The role of pragmatics in language teacher education. In: BARDOVI-HARLIG, K; HARTFORD, B. (Eds.) *Beyond methods: components of second language teacher education*. New York: McGraw-Hill, 1997b, p. 113-136.

KENDON, Adam. Some relationships between body motion and speech. In: SIEGMAN, A; POPE, B. (Eds.). *Studies in Dyadic Communication*. Pergamon, New York, 1972, p. 177-210.

_____. Language's matrix. *Gesture*, v. 9, n. 3, 2009, p. 355-372.

KHAGHANINEJAD, Mohammad; AHMADI, Alireza; SHEGEFT, Tanaz. *An Investigation into the Effect of Foreign Language Learning on the Use of Taboo Words in the Learners' First Language Discourse*. Teaching English Language, Vol. 14, No. 1, Winter & Spring, 2020, pp. 91-117.

KING, Stephen. *Carrie*. United States: Doubleday, 1974.

KRÖLL, Heinz. *O Eufemismo e o disfemismo no português moderna*. Ministério da Educação e Cultura. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

LADO, Robert. *Linguistics across cultures: applied linguistics for language teachers*. Michigan: University of Michigan Press, 1957.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 2002 [1980].

_____.; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. New York: University of Chicago Press, 1989.

_____. The Contemporary Theory of Metaphor In: ORTONY, Andrew (ed.) *Metaphor and Thought* (2. ed), Cambridge University Press, 1992.

LAMPERT, Martina. Say, be like, quote (unquote), and the air-quotes: Interactive quotatives and their multimodal implications. *English Today*, 2013.

LANGACKER, Ronald. Culture, cognition, and grammar. In: *Language Contact and Language Conflict*. University of Duisburg, 1994, p. 25–53.

_____. Discourse in Cognitive Grammar. *Cognitive linguistics*. vol. 12(2). Walter de Gruyter, 2001, p. 143-188.

_____. On Grammatical Categories. *Journal of Cognitive Linguistics*, 2015, p. 44-79.

LITTLEMORE, Jeannette; LOW, Graham. *Figurative thinking and foreign language learning*. Hampshire and New York: Palgrave Macmillan, 2006.

MACLEOD, Chris. *The Social Skills Guidebook*. Chris MacLeod (Publisher), 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Introdução à Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 2003.

MCNEILL, David. So You Think Gestures are Nonverbal?. *Psychological Review*, 1985.

_____. *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

_____. Gesture and language dialectic. *Acta Linguistica Hafniensia: International Journal of Linguistics*, v. 34. 2002, p. 7-37.

_____. *Gesture and Thought*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

_____; TEßENDORF, Sedinha (Org.). *Body – Language – Communication*. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. v. 1, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton 2013, p. 202-217.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *La prose de monde*, Paris, Gallimard, 1999.

MESQUITA, Roberto. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2014.

MITTELBERG, Irene; WAUGH, Linda. Gesture and metonymy. In: MÜLLER, Cornelia *et al.* (eds.), *Body Language Communication*. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction (Handbooks of Linguistics and Communication Science 38.2.). Berlin: De Gruyter Mouton, 2014.

MONDADA, Lorenza. The conversation analytic approach to data collection. In: SIDNELL, Jack; STIVERS, Tanya (eds.), *The Handbook of Conversation Analysis*. Oxford, U.K., Wiley-Blackwell, 2012, p. 32–56.

MÜLLER, Cornelia. *Metaphors Dead and Alive, Sleeping and Waking*. A Dynamic View. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

NUNES, Lúcio. *Cresce Mercado de Seguros de Vida no 1º Semestre de 2019*. Disponível em: <<https://www.segs.com.br/seguos/196838-cresce-mercado-de-seguos-de-vida-no-1-semester-de2019>> Acesso em 01out 2019.

OLIVEIRA, Lívia; OLIVEIRA, Mônica. O uso do discurso reportado direto por uma pessoa com afasia na construção de uma narrativa. *Revista CEFAC*, vol. 16, núm. 1, 2014, p. 131-146.

OLIVEIRA, Roseli. *Dicionário de eufemismos da língua portuguesa*. Foz do Iguaçu: Editares, 2015.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.

PACHECO, Denise. *Português para estrangeiros e os materiais didáticos: um olhar discursivo*. Rio de Janeiro, 2006.

PALMER, Gary. *Toward a theory of cultural linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1996.

PEDRAZA, Andrea. *Linguistic Taboo Revisited*. Berlin: Walter de Gruyter, 2018.

Redação Pragmatismo Político. *Jovem gay fica 10 dias em coma induzido após ser espancado no seu aniversário*. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/10/roger-passebom-jovem-gayespancado.html>>. Acesso em 28 set 2019.

REGMI, Lok. Analysis and Use of Figures of Speech. *Journal of NELT*, 2015.

RICIOLLI, Ana Maria. Como acontecem as pausas, silêncios e hesitações entre pares adjacentes em uma entrevista sob a ótica da análise da conversação. *Anais do SILEL*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

ROBINSON, Crystal; ALTARRIBA, Jeanette. *The interrelationship between emotion, cognition, and bilingualism*. Yearbook of the Poznan Linguistic Meeting, 2015.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

ROSSANO, Federico. Gaze in Conversation. In: SIDNELL, Jack; STIVERS, Tanya (eds.), *The Handbook of Conversation Analysis*. Oxford, U.K., Blackwell Publishing Ltd, 2013.

RUUSUVUORI, Johanna. & PERÄKYLÄ, Anssi. Facial and verbal expressions in assessing stories and topics. *Research on Language and Social Interaction*, 42(4), 2009, p. 377–394.

SACKS, Harvery; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. In: *Language*, Vol. 50. No. 4, Part 1. Dec, 1974, pp. 696-735.

SAMOŠKAITĖ, Laura. *21st century political euphemisms in english newspapers: semantic and structural study*. MA Paper. Vilnius, 2011.

SAPIR, Edward. *Language, an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1921.

SCHANK, Roger; ABELSON, Robert. *Scripts, Plans Goals and Understanding: An Inquiry Into Human Knowledge Structures*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1977.

SCHMIDT, Thomas; WÖRNER, Kai. EXMARaLDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research. *Pragmatics*, 19, 2009, p. 565-582.

SCHRÖDER, Ulrike. A construção metafórica de palavras-chave para a descrição de experiências interculturais: um estudo a partir da análise da conversa multimodal. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 59 (1), 2017, p. 111-133.

SELTING, Margret; AUER, Peter; BARTH-WEINGARTEN, Dagmar et al. *Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2*. Traduzido para o português por Ulrike Schröder et al., com revisão técnica de Paulo Cortes Gago. Veredas v. 20, n. 2, 2016, p. 6-61.

SEMINO, Elena. '*A fire raging*': Why fire metaphors work well for Covid-19. ESRC Centre for Corpus Approaches to Social Science (CASS), 2020.

SESI. Portal SESI Educação. *Figuras de Linguagem*. Disponível em: <<https://www.sesieducacao.com.br/downloads/4b1accab8f0371b4dfc1f93089f1bc5d.pdf>>. Acesso em 01 de agosto de 2020.

SHARIFIAN, Farzad. *Cultural Conceptualisations and Language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2011.

SPENCER-OATEY, Helen; KÁDÁR, Dániel. The Bases of (Im)politeness Evaluations: Culture, the moral order and the East-West divide. *East Asian Pragmatics*, v.1, 2015.

_____, et al. *The Routledge Handbook of Language and Culture*. New York/London: Routledge (Taylor and Francis Group), 2015.

STATISTA, Research Department. *Forecasted population in France in 2020, by religious affiliation*. 2020. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/459982/population-distribution-religion-france/>. Acesso em 10 out 2020.

STIVERS, Tanya; SIDNELL, Jack. Introduction: Multimodal interaction. *Semiotica*. 1-20, 2005.

THE GOOD PLACE. SCHUR, Michael. Estados Unidos: NBC. 2016-2020. Programa de TV.

ULLMANN, Stephen. Words and Their Use. *Philosophy of Science*, vol. 19, No. 3, 1952.

_____. *A Semântica*. Uma introdução ao estudo do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

WALTON, Douglas. *Ethical Argumentation*. Lexington Books, 2003.

WATSON, Rod. Some general reflections on 'categorization' and 'sequence' in the analysis of conversation. In: EGLIN, Peter; HESTER, Stephen (Eds). *Culture in Action: Studies in*

Membership Categorization Analysis. Washington, D.C., University Press of America, 1997, p. 49–76.

WEISS, Denise et al. *Português para estrangeiros: Curso introdutório*. Juiz de Fora, 2015.

WOLF, Hans-Georg. Language and culture in intercultural communication. In: SHARIFIAN, Fazard. *The routledge handbook of language and culture*. London / New York: Routledge, 2015, p. 445-459.

WOLFSON, Nessa. *Perspectives: Sociolinguistics and TESOL*. New York: Newbury House, 1989.

APÊNDICE I

Seguem abaixo as convenções do GAT 2 (SELTING et al., 2011)⁷⁷ utilizadas nas transcrições que se encontram nos apêndices II e III.

1) Sobreposições e fala simultânea:

[]

[]

Colchetes abertos são inseridos no ponto exato da fala em que começa a sobreposição e colchetes fechados, no lugar em que ela termina. Os respectivos colchetes são alinhados uns com os outros.

2) Pausas

Pausas curtas podem ser ou medidas ou estimadas.

(.) micro pausa estimada até aproximadamente 0,2 seg de duração

(-) pausa curta estimada em aproximadamente 0,2 – 0,5 seg de duração

(--) pausa intermediária estimada em aproximadamente 0,5 – 0,8 seg de duração

(---) pausa longa estimada em aproximadamente 0,8 – 1,0 seg de duração

(0.4) mensuração da pausa de 0,4 segundos

Pausas longas são sempre indicadas em segundos (notação até o décimo de segundo).

(2.0) Pausa mensurada ou estimada de 2,0 e 2,3 segundos,

(2.3) respectivamente

3) Evento não linguístico

((ri)), ((chora)) caracterização de evento não linguístico

((funga)), ((tosse)) caracterização de ações e eventos vocais não verbais

<<rindo> então> fala entremeada com evento não linguístico é notada por meio de uma descrição dentro de um conjunto de parênteses angulares. A duplicação do parêntese angular indica a extensão do fenômeno.

⁷⁷ As terminologias utilizadas aqui se encontram na tradução do trabalho “Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2” para o português, feita por Ulrike Schröder, Mariana Carneiro Mendes, Caroline Caputo Pires, Diogo Henrique Alves da Silva, Thiago da Cunha Nascimento e Flavia Fidelis de Paula, com revisão técnica de Paulo Cortes Gago. Veredas v. 20, n. 2, p. 6-61, 2016. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2016/12/GAT_Completa_Final_11_2016-corrigido-PDF.pdf>, acesso em junho de 2020.

4) Inteligibilidade

(xxx xxx xxx) trecho incompreensível com indicação da duração em sílabas, sendo que cada 'xxx' representa uma sílaba

5) Acento Focal

O acento focal é o acento semântica e pragmaticamente mais relevante dentre as proeminências fonéticas reais na unidade entonacional. Ele indica e destaca o foco da elocução, podem ser o (ver abaixo):

1. com vogais tônicas orais: CA^sa, PE^so, PO^sSa
2. com ditongos/tritongos: PAI, linG^UIça, UruG^UAI
3. com vogais tônicas nasais: RIM, aT^UM

Outros acentos dentro de uma unidade entonacional (que, por definição, não são acentos focais) não precisam ser indicados na transcrição básica. Se eles precisarem ser marcados, só o elemento vocálico da sílaba é que deve ser escrito em letras maiúsculas (e.g.: este tExto).

6) Movimentos entonacionais no final das unidades entonacionais

? alto ascendente

, ascendente

– nivelado

; descendente

. baixo descendente

7) Falas engatadas (Latching das unidades entonacionais)

= Fala engatada, ou seja, mudança imediata para uma nova unidade entonacional (pelo mesmo falante ou por outro) sem a micropausa comum.

8) Alongamento

Os dois pontos são usados como seguem:

: alongamento de aproximadamente 0,2 até 0,5 segundos.

:: alongamento de aproximadamente 0,5 até 0,8 segundos.

::: alongamento de aproximadamente 0,8 até 1 segundo.

9) Pulos entonacionais

↑ pequeno pulo entonacional para cima

↓ pequeno pulo entonacional para baixo

10) Mudanças de volume e velocidade

<<f> > forte, alto

<<ff> > fortissimo, muito alto

<<p> > piano, baixo

<<pp> > pianissimo, muito baixo

<<all> > allegro, rápido

<<len> > lento, devagar

<<cresc> > crescendo, aumentando o volume

<<dim> > diminuendo, diminuindo o volume

<<acc> > acelerando, aumentando a velocidade

<<rall> > rallentando, diminuindo a velocidade

11) Marcadores de hesitação

Os marcadores de hesitação são chamados de “pausas preenchidas”, como por exemplo: eh, ãhm, ãhm etc.

(Texto adaptado)

APÊNDICE II

Interação 1: InBH2019

Nome do projeto: TABUS LINGUÍSTICOS E O SURGIMENTO DE EUFEMISMOS NA FALA-EM-INTERAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA COMO L1 E L2

Breve descrição: Quatro estudantes intercambistas em Belo Horizonte discutem sobre temas tabus atuais.

Número de participantes: Quatro

Sexo dos participantes: dois homens, duas mulheres

Idade dos participantes: entre 20 e 30 anos

País de origem dos participantes: França e Alemanha

Língua predominante na interação: Língua Portuguesa

Línguas complementares: Língua Inglesa e Língua Francesa

Local da coleta de dados: Belo Horizonte

Data da coleta de dados: 22 de outubro de 2019

Pesquisadores responsáveis pela coleta de dados: Fernanda Roque Amendoeira e Thiago da Cunha Nascimento

Data de término da transcrição: junho de 2020

Transcritora: Fernanda Roque Amendoeira

Revisora: Fernanda Roque Amendoeira

InBH2019

Nome do projeto: TABUS LINGUÍSTICOS E O SURGIMENTO DE EUFEMISMOS NA FALA-EM-INTERAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA COMO L1 E L2

Convenção de transcrição: GAT2

Participantes

I1

Sex: m

Línguas usadas: por; fra; eng

L1: fra

L2: por, eng

I2

Sex: m

Línguas usadas: por; fra; eng

L1: fra

L2: por

I3

Sex: f

Línguas usadas: por; fra

L1: fra

L2: por

I4

Sex: f

Línguas usadas: por, fra

L1: ale

L2: por, fra

BR

Sex: f

Línguas usadas: por

L1: por

TR

Sex: f

01 I4: educação financeira é fundamentAL no atual
cenário econômico;

02 no seu país de oRIgem,

03 (.) existem aulas nas escolas sobre educação
finanCEIra?

04 (---) na sua vida adulta como você aVA,
05 avaLIa a sua capacidade de lidar com dinhEiro?
06 e você já precisou de ajuda para contro
controlar sua ren RENda?

07 se sim para quem você pediu aJUda,
08 (2.2)

09 I3: ((olha para I1)) não (-) na FRANça,
10 quando <<apontando com o dedo indicador para a
palma da mão> você faz (.) o ensino MÉdio,>
11 você <<levantando as mãos, apontando para frente
com dois dedos esticados> te:m que escolHER
entre> primeiro,=
12 =se você vai numa <<apontando para a esquerda
com as duas mãos, palmas unidas> escola (-) eh
tecnoLÓgia,>
13 o::u, ((faz movimentos com uma das mãos, palma
para baixo, olha para I1))

14 I1: tecnoLógica,

15 I3: <<fazendo movimentos circulares com uma das
mãos, palma para baixo> geRAL,>
16 <<olhando para I1 e I2> (inaudível 1.3)>
17 <<olhando para I4> e::hm:.,
18 e quando você escolhe a (.) escola (.) geRAL,
19 você tem <<levantando três dedos de uma mão>
TRÊS tipos de:: (.) de::, ((olha para I1))

20 I1: de inscriÇÃO;

21 I3: de inscriÇÃO; ((abaixa os cantos da boca))

22 I1: inscriÇÃOOS; ((abaixa os cantos da boca))

23 I4: uhum,

24 I3: aham,

25 em <<segurando o dedo indicador> primeiro vem a
literaTUra,>
26 <<segurando o dedo do meio> o segundo é
ecoNÔmia,
27 cien ciências ecoNômicas e sociAis,>

28 e o terceiro é (.) <<levando as mãos para
frente, palmas para frente> ciências PURas,>

29 I4: uhum;

30 I3: então quando quando você faz ciências
ecoNômicas,

31 você aprende MUIto sobre o:,

32 (-) a educação finanCEIra;

33 [(inaudível 0.4)]

34 I4: [uhum,]

35 I2: [mas são É,] ((leva as mãos na direção de I1))

36 I1: [aQUI,]

37 I1: <<levando uma mão em direção a I2> desCULpa
mas,>

38 tipo educação finanCEIra tipo:,

39 (-) pra (.) eduCAR as pessoas a:,

40 a gerar o seu <<apontando para si mesmo> PRÓprio
dinheiro,>

41 [é ISso] tipo,

41 I2: [uhum,]

42 I1: [é uma É uma,]

43 I4: [((olha para o papel)) eu NÃO sei;]

44 TR: ((vozes sobrepostas))

45 I1: é como se fosse <<levantando as duas mãos,
palmas para cima> uma AUla de (-) não sei,>

46 limpe (.) pra limpar o: [uma aula xxxx;]

47 I4: [eu acho QUE,]

48 I3: [limpar diNHEIro?]

49 I2: [NÃO não;]

50 I1: [((coloca uma mão na testa))]

51 I4: [no caso é DAS,]

52 I2: [prepaRAR as,=]

53 I4: [controlar a sua RENda;]

54 I2: =as pessoas à realiDAde do:, ((faz movimento
circular com a mão para frente))

55 I4: [acho que ISso,]

56 I2: quando eles faz a enfrentAR a:,

57 (.) o que faZER com o dinheiro,

58 e na FRANça não tem isso;

59 I1: [isso seria uma AUla,=]

60 I3: [((abaixa os cantos da boca))]

61 I1: [pra de verDAde (xxx xxx),]

62 I2: [tem aula AUla de economia,]
63 e só teoRIa (.) não vá,
64 a gente não vai aprendER,
65 I4: por exemplos os imPOSTos,
66 I2: você VAI,
67 I3: sim;
68 I4: NÃO tem?
69 I3: <<erguendo a mão na direção de I4, olhando para
I2> não você aPRENde sobre os impostos nessa
aula;>
70 I2: [é mas não não é só teoRIa;]
71 I1: [((abaixando os cantos da boca))]
72 I2: e COmo, ((bate a lateral de uma mão na palma da
outra))
73 [que aQUEle imposto,]
74 I4: [que TEM;]
75 I2: a que serve esse imPOSTo;
76 isso bem acaDÊmico;
77 se você (.) quiser (.) ter MAIS,
78 educação em isso é (.) tem que se (.)
especializAR;
79 [não não TEM,]
80 I4: [na <<tocando o próprio ombro> aleMANha
também;>]
81 I2: porque EU no meu caso,
82 na na nas aulas do (-) da ciências ecoNômicas,
83 era Como,
84 (-) ler TEXto:s (.) sobre economia,
85 <<colocando uma mão para frente, dedo indicador
e dedo polegar juntos> fazer cálculos do pê i
BÊ,>
86 [na na nanaNAN do: disso,]
87 I4: [é;]
88 I3: sim mas ainda ISso,
89 te faz tiPO:,
90 entender muito mais é muito mais o sistema o
sistema: finanCEIro,=
91 =que uma pessoa que fez literaTUra;
92 I1: [verDAde:;]
93 I2: [LÓgico;]

94 I1: mas <<levando a mão na direção de I3> aQUI
(xxxx),>

95 I2: mas não é TÃ:O (-) prático pra mim não é só,
96 <<fazendo um movimento quadrangular com as mãos>
é BEM acadêmico teórico;>

97 TR: ((sobreposição de vozes, 0.5))

98 I4: não é tão pesSOal né,
99 TR: ((sobreposição de vozes, 0.5))

100 I4: pra controlar sua RENDa,
101 I1: esse tipo não é uma questão tipo de saber sobre
a econoMia,
102 ou ciências econÔmicas,
103 é sobre uma aula pra você pra sua vida gerar seu
próprio diNHEiro,

104 I2: uhum;
105 I1: e na FRANça é muito (xxxx) de ter Aula que te:
ensina a:,
106 (---) não sei sobre COIsas que você vai,
107 viVER (-) tipo coisas pessoais,

108 I4: [não tem né segurança imPOstos]
109 I1: [tem SObre (--) isso;]
110 I3: [sim;]

111 I1: você tem que aprender soZinho,
112 então na <<levantando os ombros> na FRANça,>
113 pessoalmente meu di diNHEiro da::,
114 (-) minha mãe sempre disse que meu dinheiro
<<levantando uma mão, palma para cima, dedos
para cima> QUEima na minha mão,

115 I3: <<levando o braço na direção de I1> mas isso é
(.) isso é sua FALta>

116 TR: ((todos riem))

117 I1: você vai ficar PObre kevin;
118 sempre dizendo asSIM;

119 I4: [<<rindo> ah paraBÉNS;>]
120 I1: [mas eh eh eu teRIa,=]
121 =querido muito tipo de TER essas:,
122 esse tipo de aulas pra (.) saber controlar o
diNHEiro porque,
123 a primeira vez que eu receBI uma uma,
124 uma BOLsa uma bol uma: muito boa bolsa,
125 tipo: não sabia gerar o meu diNHEiro,

126 porque a primeIra vez que eu tive uma:,
127 uma um cartÃO,
128 quinhentos euros por MÊS,
129 sem pagar [NAda,]
130 I4: [é;]
131 I1: tipo sem aluGUEL sem nada,
132 e: todo dinheiro <<levando os braços para cima>
SHH;>
133 [desapareCEU; ((ri))]
134 I4: [eu tamBÉM,]
135 I2: pra MIM,
136 eu recebi essa <<apotando para o papel> educação
mas não na esCOla,>
137 é com (.) é com meus PAIS;
138 I4: <<balançando a cabeça para cima e para baixo> AH
é sim;>
139 I2: [porque eles sempre eles SÃO,]
140 I1: [em geRAL é isso;]
141 I2: ((bate a lateral de uma mão na palma da outra))
142 meu pai é muito BOM pra: fazer isso,
143 I4: [aham,]
144 I1: [((ri))]
145 I2: então me me explicou TOdo (.) tudo o: processo;
146 I4: mas também eu acho na aleMANha,=
147 =falta eh (.) educação de seguRANças por
exemplo,
148 porque quando EU <<levantando os ombros> mudei,>
149 não fazia nenHUma <<levanta uma mão, palma para
cima> ideia sobre,>
150 [não SEI,]
151 I3: [o que você tinha que faZER,]
152 I2: [((balançando a cabeça para cima e para baixo))]
153 I4: quantas [seguRANças] eu preciso e tudo,
154 I3: [tamBÉM;]
155 I4: e eu achei a mesma COIsa com os impostos;
156 I1: essas coisas administraTivas,
157 I4: né,
158 I1: [quando você TÁ:,]
159 I2: [é tão CHAtO,]
160 I1: tirando dúvida de (.) aDULto,

161 ((fecha os olhos, une as mãos na frente do
rostro, levanta uma)) que ISSO?

162 I2: isso PASSa <<colocando uma mão na frente da
outra, palmas viradas para si> passa um para o
Outro,

163 I1: vou fazer vou fazer amANHã;
164 tipo (-) SEMpre é assim para mim;

165 I4: mas você Acham que é (-) a: a: ,
166 (--) o exercício de escola de ensiNAR Isso,
167 <<torcendo o nariz> ou os PAIS eu não sei;>
168 eu sempre penso sempre PENso sobre isso mas não
sei,

169 I3: TIpo como: ,

170 I4: [eh EH,]

171 I3: [quando] você tá no ensino MÉdio,=
172 =são os <<levantando as mãos em direções
opostas> pais que deCIdeM onde você vAi?>

173 I4: [não NÃO,]

174 I2: [não o paÍS;]

175 I4: eh ensinam sobre <<olhando para o papel> sobre
A::S,>
176 coisas finanCEIros;
177 é: o <<fazendo sinal de aspas com uma mão>
exercÍcio> não sei como se fala;

178 I1: [xxx xxx para a esCOLa,]

179 I4: [é da escola ou dos PAIS,]

180 I3: acho que deveria ser da esCOLa,=
181 =porque ninguém sabe se os PAIS de uma pessoa
[vão,]

182 I1: [uhum;]

183 I3: realmente ensiNAR,
184 minha mãe nunca me ensiNOU,
185 até eu um dia <<colocando as mãos no colo,
palmas para baixo> um dia e faLEI,>
186 <<movendo a cabeça para o lado, mãos à frente,
palmas para cima> ok agora [você TEM]
porque (.) que fazer> isso,=

187 I4: [<<sorrindo> CLArO;]

188 I3: porque não sei como faZER;

189 I1: (--) uhm mas acho QUE:,

190 <<olhando e movendo a mão na direção de I2>
desculpa voCÊ (xx xx),

191 I2: não; ((leva a mão na direção de I1))

192 I1: que:: (.) a esCOla dev devia:,

193 (--)) ((olha para cima e sorri)) deverIa,

194 deveria ter esse paPEL de:,

195 de educação não SÓ tipo:,,=

196 =pra (xxx) matérias acaDÊmicas,

197 mas, ((mexe as mãos num movimento circular))

198 (.) também uma educaÇÃO,((levanta os ombros))

199 I3: [pra VIIda;]

200 I4: [((balança a cabeça para cima e para baixo))]

201 I1: eh porque os aLUnos sã:o,

202 (.) os cidaDÕES e:, ((coloca palmas das mãos
para cima no colo))

203 os futuros aDULtos,

204 e: e como <<levando mão na direção de I3> você>
já DISse,

205 tipo não nã:o (.) ninguém sabe se os PAIS vã:o
(.) vão desempenhar esse papEl,

206 então acho que a esCOla deverIa,

207 (-) deveria fazer isso tamBÉM; ((balança a
cabeça para cima e para baixo))

208 pra: preparar os joVENS tipo,=

209 =a [vida] aDULta.

210 I2: [sim;]

211 deveriam se focar mais em coisas mais
<<mãos para frente, uma palma de frente para a
outra, dedos arqueados> conCRETas,>=

212 =como <<aponta para baixo> ISso,>=

213 =isso é BEM concreto,

214 e vai [(.) e vai preciSAR] dIsso,

215 I3: [vai aJUdar muito;]

216 I2: mas tamBÉM,=

217 o paPEL dos pais vai também,=

218 <<levantando e abaixando cada mão de uma vez,
palmas para cima> complementAR sabe,

219 não é <<levando os braços para o lado esquerdo>
TOda a esco você não tEm que aprender todo na
escola,>=

220 =porque a educação também [vem dos pais] CLArO,

221 I3: [de CAsa;]
 222 I2: (--) <<levantando e abaixando cada mão de uma
 vez, palmas para cima> é:,
 223 I1: eu vi que no jaPÃO,
 224 tem por exemplo: (.) no liCEU,
 225 tem aulas de <<levantando e abaixo os ombros>
 coZInha;>
 226 pra aprender a [coZInha, ((balança cabeça para
 cima e para baixo))]
 227 I2: [isso é BOM é muito bom;]
 228 I3: [tá nos estados uNIdos também,]
 229 I4: na Alemanha a gente (.) POde escolher isso
 também,=
 230 =mas (.) <<levantando os ombros, cantos da boca
 para baixo> ninGUÉM;>
 231 I3: mas e é: também na FRANça,=
 232 =também <<sorrindo> muito ANtes;>
 233 [seus PAIS,]
 234 I1: [a:::h,]
 235 provavelMENTe fizeram aula de, ((une as mãos,
 uma mão fechada vai para cima e para baixo))
 236 I4: EU preciso, ((ri))
 237 I1: [((ri))]
 238 I3: [((sorri))]
 239 I2: sim?
 240 I4: SIM muito;
 241 I2: não mas gostaRIa porque:,
 242 <<levando as mãos para frente, palmas para
 baixo, abaixando e levantando> são coisas
 PRÁticas,>
 243 são coisas do: (.) dia a DIa,
 244 e: ((levanta os ombros)) isso também SIRve;
 245 não é SÓ tipo,=
 246 =coisas <<levando a mão para a cabeça e depois
 para cima> acadêmicas teÓricas nananan;>
 ((levanta os ombros))
 247 e depois da esCOla não vai, ((levanta os ombros,
 levanta as mãos, palmas para cima, cantos da
 boca para baixo))
 248 não vai saber MAIS;

249 I4: a combinar co:m educação de: <<torcendo o nariz>
nutriÇÃO,>

250 I2: uhm;

251 I4: por exemplo pode ser asSIM;

252 I2: CLAro;

253 I1: [ou TIpo,]

254 I2: [<<abrindo os braços, depois unindo as mãos>
JUNto,>]

255 I1: educação de prevenÇÃO,

256 soBRE: <<abaixando os cantos da boca> (.) não
sei;>

257 DROgas também tudo isso;

258 I2: ((ri))

259 I4: <<rindo> é,>

260 I1: (xx) prevenÇÃO tirar o,

261 I4: [<<balançando cabeça para cima e para baixo> sim
entenDI;>]

262 I1: [educaÇÃO prevenção;]

263 I2: [você preCIsa:,]

264 fazer prevenÇÃO,

265 I1: ah talvez preciSAva sim;

266 TR: ((todos riem))

267 I1: talvez [minha VIda: (.) nã:o, ((ri))]

268 TR: [((todos riem))]

269 I3: (inaudível)

270 I1: não teria: sido sido asSIM;

271 mas (.) ((levanta os ombros) tá BOM;

272 I4: kevin como você avalia sua capacidade de lidar
com diNHEIro,

273 I1: <<apontando um dedo para si mesmo> eu?>

274 I4: <<sorrindo> tô brincANdo;>

275 I1: ((ri))

276 I3: ((ri))

277 I4: porque você faLOU que,=

278 =<<levanta uma mão, palma para cima, dedos
curvados> [que tipo QUEIma (.)]
na sua mão,>

279 I3: [<<levanta uma mão, palma
para cima, dedos curvados>
QUEIma;>]

280 I1: sim,

281 o <<levanta uma mão, palma para cima, dedos
 curvados> dinheiro QUEIma> na minha mão;
 282 I2: ((ri))
 283 I1: sim é ISso;
 284 I4: sim,
 285 I2: mas por QUE,
 286 I1: [pff;]
 287 I4: [DROgas; ((ri))]
 288 I2: você recebeu uma educaÇÃO,
 289 I1: é, ((ri))
 290 SIM tipo:,
 292 meus pais na:: tão fazendo contabilidade para
 seu próprio diNHEIro,
 293 I2: mas,
 294 I1: meu pai tem um exCEL,=
 295 =com ((ri, levanta uma mão para um lado e para o
 outro)) TUdo,
 296 é kevin você tem que fazer um exCEL pra ger ger
 gerar os seus:,
 297 I4: é,
 298 I1: comment on dit dÉPENse,
 299 I2: GASTos;
 300 I1: ah suas seus GASTos,
 301 tipo ahn tipo uma outra questÃO fo:i,=
 302 =ah::m como você evolU evolU,=
 303 =comment dit Évaluer,
 304 I2: evaluAR,
 305 I1: evaluAR;
 306 BR: avaLIa;
 307 I1: <<apontando para a câmera> avaLIa;>
 308 I4: ((olha para câmera, ri))
 309 I2: ((olha para câmera, ri))
 310 I1: evaluAR, ((ri, coloca as mãos nos olhos))
 311 ah oui avaliaÇÃO je (xxx);
 312 ahm: a QUANTo você vai ah:,
 313 você vai avaliAR tipo: o dinheiro que você vai
 gastAr,
 314 pra: coMER;=
 315 =tipo <<levantando o dedão> por um MÊS,>
 316 eu <<levantando os ombros> não sou capaz de de
 diZER; ((ri))>

317 não SEI; ((ri))
 318 I4: [não QUero saber;]
 319 I1: [é QUE:,]
 320 dePENde,
 321 tem momentos onde eu tenho vonTade de de de:,
 322 de comer num restaurante chique que vai ser
 CAro,
 323 (-) out outras vezes NÃO,
 324 <<levantando os ombros, virando as palmas das
 mãos para cima> não SEI tipo:,>
 325 (xx) <<semicerrando os olhos, balando a cabeça
 para os lados> KEvin não (.) não te: (.) eduquEi
 assim kevin;>
 326 I2: <<rindo> KEvin;>
 327 I1: (xxxx) comme ÇA;
 328 TR ((todos riem))
 329 I2: <<apontando para I1> tu as dit ÇA,>
 330 I1: <<apontando para a câmera> (xxXX) l'accent,>
 331 KEvin;
 332 em francês keVIN;
 333 I2: <<rindo> (xxx xxx) KEvin;>
 334 I1: então (.) vamos muDAR de: (.) ((gira as mãos))
 335 I2: (inaudível)
 336 I3: ((ri))
 337 I1: CHANge;
 338 I4: <<apontando para I4> ela NÃO fala francÊs;>
 339 I1: je (xxx) PARle (xx);
 340 I4: oui;
 341 I3: <<lendo papel> governo de são paulo aprova lei
 que pune discriminação religiOsa,
 342 você acha importante que o governo tome el tome
 medidas como EStá,
 343 existem leis assim no seu país de oriGEM,
 344 você tem alguma prática religiOsa,
 345 se SIM,=
 346 =você se sente seguro ao realizar essas
 PRÁticas;
 347 TR: (2.0)
 348 I2: discriminação religiOsa como,
 349 I1: você (xxxx) <<tocando o brinco> ISso,>
 350 [((ri))]

351 I3: [((ri))]
 352 I4: eu não entendo discriminação religiosa;
 353 I3: é tipo faZER (-) fazer,
 354 é ((levanta as mãos, palmas para cima))
 discriminação religiOsa;
 355 se TIpo:,
 356 I4: alguém NÃO,
 357 I3: quando voCÊ-
 358 I4: não recebe um (.) um emPREgo por exemplo por
 causa da religião;
 359 I3: [<<apontando o dedão para I4> por exemplo]
 DISso,
 360 I1: [por eXEMPlo;]
 361 [discriminação em geRAL;]
 362 I4: [ah então NÃO é bom] né,
 363 I3: é ti ((levanta os ombros)) É;
 364 <<abrindo bem os olhos, olhando para I4> NÃO não
 é bom;>
 365 [<<rindo> não é BOM não;>]
 366 I4: [((ri))]
 367 I1: [((ri))]
 368 NÃO porque a última vez que foi isso, ((aperta
 os lábios))
 369 [(inaudível)]
 370 I3: [MAS a,]
 371 I1: c'est pas três BON;
 372 tipo a última VEZ:,
 373 I3: AH ok;
 374 I1: não não é uma brincaDEIra, ((torce o nariz))
 375 I2: foi ruIM;
 376 <<sorrindo> cala a BOca;>
 378 I1: é melhor você não falar francÊS às vezes;
 379 I4: [((ri))]
 380 I2: [((ri))]
 381 I3: [((ri))]
 382 I4: [a discriminação em geRAL,]
 383 I2: [NÃO eu acho que eu Acho muito BOM isso de:,]
 384 I3: [SIM (.) que:,]
 385 [que que um paÍS um governo;]
 386 I2: [de qualQUER coisa que contra,=]
 387 [=a discriminação,]

388 I3: [é; ((balança a cabeça para cima e para baixo))]
 389 I4: ah, ((balança a cabeça para cima e para baixo))
 390 I2: porque:,
 391 I1: normal ((levanta os ombros)) normalMENTe deveria
 ser normal;
 392 I2: mas não: não sabia que havia <<torcendo o nariz>
 esse problema no braSIL,=
 393 =discriminaÇÃO religiosa> tipo::, ((abaixa os
 cantos da boca, coloca a palma de uma mão para
 cima))
 394 (---) talvez nas minoriDAdes nã:o,
 395 I1: <<balançando a cabeça para cima e para baixo>
 uhum;>
 396 I3: <<abaixando os cantos da boca, balançando a
 cabeça de um lado para o outro> a mim tamBÉM;>
 397 I2: eu sei que isso passa muito no MUNdo com as
 minorias muçulmAnas,=
 398 =minoria minoriDA ahm,
 399 I4: [ah não] SEI,
 400 I3: [juDEus,]
 401 I2: [juDEus,]
 402 I4: [eu acho] que no braSIL tem uma:,
 403 I2: mas,
 404 I4: uma comunidade de evangeLISTas [muito grande;]
 405 I3: [GRAnde;]
 406 I4: então isso pode ser um proBLEma;
 407 I2: uhum;
 408 I4: entre evangelistas e caTÓlicos;
 409 I3: [talVEZ;]
 410 I2: [talvez assim] que UM empregador é (.) muito eh
 evangeLISta,=
 411 =[e ((levanta os ombros)) não vai empreGAR] os:,
 412 I2: [sim entenDI,]
 413 I4: [caTÓlicos;]
 414 I2: ele tenha a religião aqui tem um paPEL mUito
 muito importante na:,
 415 [na vida dos Outros;]
 416 I4: [é muito MAIS na verdade;]
 417 [né do que na euROpa;]
 418 I1: [mas não sei se no braSIL,=]

419 =você tem [o: (.) diREItO] de:, ((leva a mão
para frente em movimento circular))

420 I2: [muito MAIS;]

421 I1: de pedir para uma pesSOa,=

422 =se qual é a sua religiÃO durante um uma:,

423 I3: uma conVERsa;

424 I1: uma entrevista de empREgo;

425 [tipo não SEI;]

426 I3: [na FRANça não] pode né, ((olha para I2))

427 I1: normalmente NÃO;

428 I2: [NÃO não acho que pOde;]

429 I1: [tipo na FRANça normalmente:,]

430 [é um proiBido,]

431 I2: [é proiBido;]

432 I1: mas aQUI não;

434 I4: não SEI;

433 I1: aqui tem LEIS também e;

434 na ff tem LEIS que: tipo quem está seguindo,

435 os poLíticos;

436 [(xxxx)] ((ri))

437 I3: [mas,]

438 I2: sim;

439 I1: je PEUX, ((levanta os braços para o lado
direito))

440 I2: [((ri))]

441 I3: [((ri))]

442 I4: [((sorri))]

443 I2: mas tranQUIlo;

444 I3: mas então eh existem leis assim (.) na FRANça,

445 ah pe- já primeiramente a esCOla é: ((estala os
dedos)) laIca,

446 I2: uhum,

447 I1: laIca; ((balança a cabeça para cima e para
baixo))

448 I3: ah se secuLAR, ((olha para a câmera, abaixa os
cantos da boca))

449 I1: ou LAica sim;

450 I3: ((sorri e levanta o dedão))

451 I2: secuLAR,

452 I3: oui;

453 I1: oui;((levanta o dedão na direção de I3))

454 (xxx), ((levanta a mão na direção de I3))
 455 I2: [((ri))]
 456 I3: [((ri))]
 457 I4: [((ri))]
 458 I1: desCULpa;
 459 I3: essa PARte que é primeiramente pra: ah:,
 460 ((olha para I1)) évitEr ((balança a cabeça para
 um lado e para o outro)) eviTAR,
 461 a discriminação religiOsa;
 462 é tipo: você não pode:, ir na esCOLa,
 463 <<apontando para I1> com uMA, ((ri))
 464 I1: ((olha para a câmera e coloca uma mão no
 brinco))
 465 I3: [uma CRUZ (.) aqui,]
 466 I1: [AH sim verdAde,]
 467 I4: [na FRANça?]
 468 I3: na frança você NÃO pode;
 469 I2: [é proiBIdo;]
 470 I4: [Ele não POde,]
 471 ou (.) os profesSOres,
 472 I1: [TOdos os dois;]
 473 I2: [ele os DOIS;]
 474 I3: [TOdo mundo;]
 475 I4: é proiBIdo?
 476 I3: aham;
 477 tipo ISso <<rindo> seria provavelmente
 proibido;>
 478 I1: ((sorri, vira para a câmera)) <<tocando o
 brinco> uma cruz uma CRUZ;>
 479 I3: [tipo você] não <<colocando ambas mãos na
 cabeça> POde vir com a:,>
 480 I2: [SIM (xxx);]
 481 I3: <<olhando para I2> como se CHAma aquilo quepe
 quep,>
 482 I2: QUIpa;
 483 I1: QUIpa;
 484 I3: QUIpa o::u,
 485 I2: [ou as muLHEres] com o <<levando a mão em torno
 da cabeça> hijab;
 486 I4: [ou o hiJAB;]
 487 I1: mas na universiDade sIm;

488 I3: [SIM na universidade;]
 489 I2: [É na universidade sim,]
 490 [mas nas escolas] que são (.) ((bate uma mão na
 palma da outra)) privadas o:u,
 491 I4: [eu não sabia;]
 492 I1: [AH sim;]
 493 I3: [SIM] tem escolas privadas <<colocando uma
 mão na palma da outra> religiosas [também;]>
 494 I1: [também;]
 495 I4: se então um uma menina por exemplo,=
 496 =escolheu ou deci decidiu de (.) eh,
 497 de se vestir com [o hiJAB,]
 498 I3: [hiJAB,]
 499 I1: [((balança a cabeça para os
 lados, aperta os lábios)) não
 pode entrar;]
 500 I3: não pode entrar;
 501 I4: ele tem que (.) retirar,
 502 I3: [aham;]
 503 I2: [((balança a cabeça para cima e para baixo)) não
 pode entrar;]
 504 I1: [((balança a cabeça para cima e para baixo))]
 505 I3: eu tinha tive amigas assim,=
 506 =[desde <<levando a mão para a esquerda> que
 elas] saíam da escola,=>
 507 I2: [Tinha tem mesmo;]
 508 I3: =<<passando a mão na frente do tronco>
 [colocavam] a roupa> (.) o HIjab de novo;
 509 I2: [colocar;]
 510 tinha que sair É:, ((levanta os ombros, levanta
 as mãos, palmas para cima))
 511 é assim mas (xxx);
 512 I1: eles NÃO, ((levanta os ombros, abaixa os cantos
 da boca))
 513 I4: ah na Alemanha tem a mesma coisa,=
 514 =te tem (.) Tinha o: debate sobre o que eh,
 515 o que é proibido mas o gov governo falou que (.)
 não pode ser proibido;
 516 por exemplo o (-) <<passando a mão em torno da
 cabeça> hiJAB hijab;>
 517 I2: uhum;

518 I4: porque (.) as pessoas decidi decidiram de (.)
vestIR com isso;

519 I2: CLARo;

520 I3: mas é então ((olha para cima)) é um assunto
[compliciAdo;]

521 I2: [((balança a cabeça para um lado e para o
outro)) é: um asSUNto,]

522 I4: é <<apontando para o papel> descriMIna
discrimina desculpa,>

523 I2: nunca vai ter FIM;

524 I3: é discriminaÇÃO no final de::,

525 I2: CLARo;

526 I3: de (xxx) as pessoas de: ((passa a mão em frente
ao corpo)) DE:;

527 I2: de priVAR;

528 privação da liberDAdE também;

529 I4: né,

530 I2: então não (.) nah não tem <<balançando as mãos
num jeito circular ao lado da cabeça> muito
senTIdo mesmo (xxx xxx) disso;>

531 I4: mas os professores estão num lugar de influÊncia
sobre os alunos então,

532 eu posso entender o que (-) o goVERno pEnsa
sobre isso;

533 I3: é porque também as criANças são,

534 [(-- méCHANtes,] ((olha para I2))

535 I4: [bem inFLU,]

536 I2: HM hm são má mÁs;

537 I1: MAUS;

538 I3: as crianças são (.) podem ser MUIto más com os
outros,

539 quando quando você tá criANça,

540 I4: ah SIM;

541 I3: você POde <<abaixando os cantos da boca> ser
muito,>

542 I1: mas também tipo na constituição franCEsa,

543 é: a <<levantando dois dedos e fazendo sinal de
aspas> religiÃO,>

544 é consideRAda como:;

545 ah independENTE da esfera esfEra, ((franze o
cenho, olha para I3))

546 I2: es:Fera, ((olha para a câmera))
 547 I1: esFera,
 548 I3: esFera acho,
 549 I1: esFera da esfera privAda;
 550 I4: ah, ((balança a cabeça para cima e para baixo))
 551 I1: então o: a escola que é um espaço PÚBLico,
 552 uma ehm: um espaço republiCano,
 553 que: cê não pode mostRAR sua:,
 554 suas próprias tipo sua própria religiÃO a causa
 disso;
 555 I4: ah entenDI;
 556 I1: mas na rua SIM,
 557 na faculDAde sim também,=
 558 =porque não é:: as faculdades são de um certo
 jeito um pouco privAdas;
 559 [<<fazendo sinal de aspas> ISso a: o,>]
 560 I2: [é isso SIM;]
 561 I1: comment SONT comment sont tipo,
 562 a as universidades são geRADas tipo,=
 563 =dum jeito um pouco privADO tipo;
 564 I3: ((abaixa os cantos da boca))
 565 I1: cada universiDAde tem seu:: seu::,
 566 agréMENT, ((olha para cima))
 567 I2: <<olhando para a câmera> limitaÇÃO,>
 568 I1: a sua limitaÇÃO;
 569 e suas REgras,
 570 mas na FRANça tipo o espaço públco,=
 571 =é espaço onde tem (.) diversiDAde,
 572 e e muitas pessoas de: de: cultos diferenteS,
 573 é <<aproximando as mãos, palmas viradas uma para
 a outra> tipo pra (.) PRA:,> ((olha para cima))
 574 (.) que as crianças tipo escoLHER,
 575 pff não é escoLHER tipo é: como diz oublier;
 ((coloca as mãos nos olhos))
 576 I3: esCOLha,
 577 I2: esqueCER;
 578 I1: é: esqueCErem tipo que (.) que são diferentes
 que são de cultos diferente;
 579 e pra favorizar <<fazendo sinal de aspas>
 normalMENTe tecnicamEnte;>

580 eh: a:: ((estala os dedos)) a (xxx) o: o bom
 <<fazendo movimento amplo e circular com a mão>
 esTAR;>

581 I2: [ah] estupiDEZ;

582 I3: [ah;]

583 I4: [ah;]

584 I2: (--) i ISso;

585 porque (-) a diferença não é coisa ruim;

586 [porQUE os,]

587 I4: [né,]

588 a mesma coisa eu aCHO que,

589 I1: [eu acho isso tamBÉM;]

590 I2: [porque eles FAlam como,] como se fosse uma
 coisa,=

591 I4: [uma coisa muito BOa;]

592 I2: =não nã:o ele é diferente,

593 mas por eXEMplo,

594 um um (.) um caTÓlico que vai com um que tem um
 amigo muçulmAno,=

595 =muito BOM isso isso chama diversidAde chama:,

596 I1: ((balança a cabeça para cima e para baixo)) uhm
 (xxx) [eu gosto MUIto tipo a:,]

597 I2: [entÃO,]

598 então é MUIto:,

599 TONto ((olha para a câmera)) não sei se tem
 tOnto,

600 em espanHOL mas, ((olha para a câmera e levanta
 os dois dedões))

601 TONto;

602 I1: [((ri))]

603 I3: [((ri))]

604 I4: [((ri))]

605 I2: eu TENTo, ((levanta as mãos, palmas para cima))
 é muito tonto (.) diZER isso,=

606 =porque ao conTRÁrio para mim é muito bom e,=

607 I1: [para mim tamBÉM;]

609 I2: [=o menino vai vai crescER] com: (.) ((coloca as
 mãos ao lado da cabeça)) a mente:,

610 I3: MAS (.) mas se as pessoas nã:o,
 não vestiram com coisas religiOsas,=

611 =ainda podem ser aMIgos entre e: eles sabe,

612

613 I2: hm?

614 I3: (---) você fala de um menino caTÓlico e um
menino:,,

615 I1: muçulMAno;

616 I3: muçulMAno estar amigos mas:,,
617 com o fato das esCOLas não serem,=
618 =secuLAR não muda nAda com isso;

619 I1: é tiPO:,,
620 [(xxx xxx)]

621 I3: [a gente ainda vai] ser aMIgos,

622 I2: [NÃO mas é] que não muda nAda,

623 I1: [cê TEM que que:,,]

624 I2: privaÇÃO da das liberdades,=
625 =por que uma um um menino que ir na escOla com
uma <<colocando uma mão na cabeça> QUIpa,>=
626 ou uma meNina com o::, ((passa a mão em torno da
cabeça))

627 I3: ah,

628 BR: hiJAB;

629 I2: hiJAB ah ok hijab nã:o não pode;
630 enTÃO, ((levanta as mãos, palmas para cima))

631 I4: eu acho BOM que mostra a diversidAde;

632 I2: CLAro;

633 I4: das cultURas;

634 I2: e as pesSOas não sei não sei por que,
635 aGOra <<aproximando as mãos num gesto circular>
no no na sociedade de agora,
636 TUdo tá como:,,
637 (---) ähm:: (---) ähm:: como: eles falam da
diversiDade como se fosse algo,
638 nã:o não tem <<separando as mãos> que ter
diversiDade nã:o>
639 [<<colocando as mãos ao lado da cabeça> SÓ
uma:,,>]

640 I4: [eu Acho na que,]

641 eu acho que na verdade que a (.) discusÃO sobre
isso ou a proibição sobre isso,
642 faz esse assunto MAIS importante,=
643 =do QUE:,,

644 I2: não CLAro,

645 I4: o o assunto realMENTe é porque,

646 I2: CLArO;
 647 I4: na verDAde com eu eu eh:,
 648 (---) frequenteI a escola não me importeI muito;
 649 I2: CLArO;
 650 I4: se uma pessoa uma menina uma amiga de mim tem
 <<passando a mão pela cabeça> um hiJAB ou não;
 651 I3: aham;
 652 I2: é SÓ,
 653 I4: [NÃO não foi (xxx),]
 654 I2: [é só FALsos problemas] que vão <<levando as
 mãos para um lado do corpo> escondendo os
 problemas> de verDAde;
 655 I4: SIM [acho também;]
 656 I2: [e ISso pff,]((levanta e abaixa os
 braços))
 657 isso (-) passa também na aleMANha isso,
 658 I4: sim sim SIM,
 659 por que tem a discussão se os professores pode
 podem vestIR com, ((passa a mão pela cabeça))
 660 I2: uhuh;
 661 I4: o hiJAB (.) então, ((levanta os ombros))
 662 I2: profesSOres?
 663 I4: sim;
 664 I3: POdem,
 665 I4: Acho que podem;
 666 mas não tenho cerTEza;
 667 e por exemplo <<encostando no pescoço> CRUZes
 pequenas são (.) eh permitidas;>
 668 mas: <<passando a mão pela cabeça> hijab> é
 muito MAIS,
 669 I3: porque você MOSta,
 670 I4: ÓBvio né,
 671 I3: [é;]
 672 I2: [uhuh;]
 673 (---) sim;
 674 I4: eu NÃO sei;
 675 I1: não sei o que aCHAR realmente;
 676 I3: é (-) eu também NÃO,
 677 é compliCAdo esse assunto;
 678 I2: é um asSUNto (.) não nunca vai ter fim;

679 I4: ah tem hijAb tem esse coisa essa coisa
<<colocando as mãos em torno dos olhos> esses SÓ
com,>

680 I3: sim isso na FRANça acho que (.) [publicamente
proibido;]

681 I2: [NÃO isso é,]

682 I1: [Acho que,]

683 na FRANça é proibido tipo em qualquer lugar;

684 I2: é proiBido na frAnça isso;

685 I4: é: na aleMANha não;

686 I2: não,

687 I4: ((abaixa os cantos da boca, balança cabeça de um
lado para o outro)) não (xxx XXX);

688 I1: uma questão de saúde e seguridade; ((faz sinal
de aspas com uma mão))

689 I4: ((acena na direção de I1)) [mas é ISso;]

690 I1: [é identificaÇÃO;]

691 I4: imagina ir (.) ao BANco com isso;

692 ninguém pode (--) VER,

693 [acho tambÉM;]

694 I1: [o seu ROSTo,]

695 I4: ou diriGIR o carro por exemplo também,

696 I2: mas isso isso de ((passa as mãos em torno dos
olhos)) BURca;

697 I4: AH burca sim,

698 I2: ((aponta a olha para a câmera)) não SEI se se,

699 I1: BURca sim;

700 I2: é:: tem um um deBATE,=

701 =ENTre os muçulmAnos;

702 I4: [AH é,]

703 I2: [porque] tem uns que dizem que SIM tem que
levar,=

704 =e outros que dizem que não NUNca nunca teve
isso,

705 I1: uhum;

706 I2: (.) nos no pasSAdo nun isso não existia;

707 isso foi uma forma de radicalizaÇÃO,

708 e não [não gosto dessa] paLAvra;

709 I1: [uma invenÇÃO;]

710 I2: mas (.) eu não concordo muito com ISso;

711 de dar da da: porque para MIM é al algo que,

712 (-) não fala isso no no no: livro no alCoRÃO,
 713 não fala ISso de <<passando a mãos em torno dos
 olhos> levar>,
 714 o <<passando as mãos ao lado do rosto> o hiJAB
 sim;
 715 I4: é parece uma discriminaÇÃO contra as mulheres
 né,
 716 mas proibir é uma discrimini discrimiNI,
 717 I2: discriminaÇÃO;
 718 I4: <<olhando para o papel> discriminaÇÃO> religioso
 religiosa;
 719 então é muito compliCAdo;
 720 I2: é é muito compliCAdo,
 721 e::,
 722 I1: (---) não pra mim NÃO;
 723 I2: eh,
 724 I1: BURca não; [((ri))]
 725 I3: [((ri))] BURca não;
 726 I4: [((ri))]
 727 I1: (xxx) se se se eu o esCOLha da pessoa mas,
 728 tsc tipo na rua proVOca tipo sentimento não sei
 de,
 729 <<colocando uma mão na frente da outra> como se
 tem uma [paREde> entre essas duas pessoas,]
 730 I4: [é a BURca né,]
 731 I1: tipo como SE::,
 732 (---) não sei a pessoa nã::o (-) queRER,
 733 quiSESse não quisesse não sei:,
 734 tipo [como tava: tava] SUjo,
 735 I4: [às VEzes,]
 736 às vezes nem os Olhos são (-) <<torcendo o
 nariz> viSÍveis né,>
 737 então um pouco esTRAnho;
 738 I2: teve um: uma histÓria disso dum,
 739 um banDIdo na frança <<olhando para I1> redoine
 faid;>
 740 I1: ((balança cabeça para cima e para baixo))
 741 I2: que::,
 742 I1: [((ri))]
 743 I3: [((ri))]
 744 I4: [((ri))]

745 I2: ele fuGIU fugiu [na prisÃO;]
746 I1: [na prisÃO;] ((ri))
747 I2: ele ficou COmo:,
748 <<olhando para a câmera> quando quando você
Fica,=
749 =a poLÍcia tá buscando você como se chama,>
750 BR: fugiTivo;
751 I2: fugiTivo;
752 ele (.) <<passando a mão pela cabeça> uSOU isso
a a bUrca;>
753 I4: é porQUE [(xxx) (xxx)]
754 I2: [pra saIR de uma:,]
755 I1: uma::,
756 I2: pra se escondER da polícia e pra que nã:o,
757 I1: ((ri))
758 I2: <<olhando para I3> não?
759 redoine faID,>
760 I3: não me LEMbro;
761 I2: não,
762 I4: ((ri))
763 I1: sim eu penSEi (inaudível),
764 I2: sim, ((ri))
765 I1: a:h, ((ri))
766 I2: é muito <<apontando para a própria cabeça>
inteliGENTE> o cara;
767 I3: [(inaudível)]
768 I1: [o cara fugiu] da priSÃO co:m,
769 <<fazendo movimentos em espiral com o dedo,
olhando para a câmera> um GIra:,>
770 BR: heliCÓPtero;
771 I2: heliCÓPtero;
772 I1: foi, ((ri))
773 I2: é uma louCUra;
774 eh tipo dois Anos, ((olha para I1))
775 I1: aham [o GRAnde,]
776 I4: [SÓ dois] anos,
777 I3: foi dois Anos,
778 I2: dois Anos;
779 I1: é::,
780 se se xxx,
781 I2: xxx redoIne faid;

782 I1: eu VI ele com,
 783 I4: NÃO ouvi;
 784 I2: não,
 785 I1: tinha uma xxx CAixa,
 786 I2: sim;
 787 I1: do cara do do da pessoa na <<colocando as mãos
 no espaço à frente> FRANça;
 788 I4: ele meREce ser livre;
 789 I3: ((ri))
 790 I1: AH sim;
 791 I2: ele é <<levando as mãos à frente, palmas viradas
 uma para a outra> inteliGENTE>,
 792 mas FOI,
 793 I4: e criaTIvo;
 794 I1: [((ri))]
 795 I3: [((ri))]
 796 I2: é inteligente mas mUito TONto;
 797 porque (.) a poLÍcia arrestou;
 798 I2: <<olhando para a câmera> arrestOU ele?
 799 BR: PRENdeu;
 800 I2: prendeu ele na casa da faMÍlia;
 801 I4: [a:h,]
 802 I2: [ele] voltou na casa da faMÍlia;
 803 I1: a:h <<abaixando os cantos da boca> porque a
 faMÍlia;>
 804 I2: é mas ((ri)) viSIta a,
 805 I1: tipo do NARcos,
 806 I2: é;
 807 I1: [pablo escoBAR;]
 808 I3: [(inaudível)]
 809 I1: vi tipo (.) ficar na mesma na casa da faMÍlia;
 810 <<aproximando as mãos> no FIM;>
 811 I2: ah MAS,
 812 I1: [saBENdo que o cara que] (.) vai morrEr tipo,
 813 I2: [ele xxx xxx terRível;]
 814 I1: verdade bom on <<estando os dedos> CHANge,>
 815 I2: <<passando um dedo na frente do outro> next;>
 816 ah, ((pegando os papéis))
 817 sh sh não Olha sh xxx;
 818 I1: [((ri))]
 819 I4: [((ri))]

820 I2: alors,
 821 educação finanCEira,
 822 não, ((ri))
 823 I1: JÁ fez; ((ri))
 824 I2: cresce cresce mercado de seGUros de vida,
 825 no primeiro semestre de (.) dois mil e dezeNOve;
 826 você pensa na MORte de an (.) Entes queridos,
 827 ((balança a cabeça para cima e para baixo)) NÃO
 não entendo;
 828 com que freQUêNcia;
 829 (--) [você] pensa na MORte de entes <<olhando
 para a câmera> que é Entes,>
 830 I1: [a:h,]
 831 BR: entes queridos são família aMIgos,
 832 I2: [entes queRIdos;]
 833 BR: [qualquer pessoa] que você GOSte uhun;
 834 I2: ah.
 835 [a::h,]
 836 I1: [(inaudível)]
 837 I4: [ah ENte em alemão <<olhando para a câmera> é
 você sAbe;]
 838 I2: [AH ok segUro de vida,]
 839 I4: PAto né, ((ri))
 840 TR: (vozes sobrepostas)
 841 I4: tipo É,> ((ri))
 842 I3: que,
 843 I4: <<esticando a mão para I2> eu POSso ler,>
 845 I2: cresce o mercado da da saÚde;
 846 I1: <<olhando para a câmera> seGUro à saúde;>
 847 I3: a::h,
 848 BR: seGUro de vIda;
 849 I1: [a::h,] é verdade na FRANça também;
 859 I2: [a::h,]
 860 I4: [((ri))] (inaudível)
 861 I2: isso é (--) ((aperta os lábios)) é um BUssiness
 também isso;
 862 I2: [é:,]
 863 I3: [(inaudível)]
 864 I4: [(inaudível)]
 865 I2: eu vi MUITos documentários sobre isso;

866 I3: que JÁ: <<olhando para a câmera> é que já
 morreram antes né,
 867 I4: [ou que VÃO,]
 868 BR: [entes] querIdos é a sua faMÍlia amIgos,
 869 [ou qualQUER pessoa;]
 870 I3: [AH que tá aqui,]
 871 BR: é que (.) se você pensa (.) na MORte deles,
 872 I2: eh,
 873 BR: que algum DIa vai acontecer;
 874 I4: a:h entenDI;
 875 ah dePENde;
 876 às vezes sIm mas normalmente NÃO muito,
 877 I1: não; ((ri))
 878 I4: [((ri))]
 879 I2: [não claro CLArO] que a gente pensa uma vez como
 oh,
 880 imagina (.) eu não sei o que vou faZER,
 881 I1: sem a minha MÃE;
 882 I2: [mas NÃO] não vou pensar de maneira como:,
 883 I1: [ai,]
 884 I2: (--) conCREta;
 885 oh irmão mãe vamos no [BANco no banco] amanhã,
 886 I1: [((ri))]
 887 I2: fazer o seguro de VIda,=
 888 =porque vocês imagina você MORre amanhã;
 889 ainda tem que NÃO;
 890 I1: [((ri))]
 891 I3: [((ri))]
 892 I4: mas (.) você nunca [fica (.) TRISte,]
 893 I1: [vou precisar de diNHEIro]
 mamãe;
 894 I4: penSAR sobre isso,
 895 I3: sim eu SINto,
 896 I4: [às vezes eu] (.) [quando eu assisti]
 asSISto,
 897 I2: [POis (-) pois,]
 898 I3: [o meu GAtO;]
 899 I4: ((ri)) televisão ou algum FILme;
 900 [os pais morrem] eh (-) EU,
 901 I2: [SIM não sIm,]
 902 I4: [fico TRISte;]

903 I2: [é é uma COIsa que:,]
 904 que PEN (-) às vezes penso mas,
 905 (--) pra mim é <<levando uma mão à cabeça e
 afastando-a> imaginÁRIO> mas,
 906 I4: a::h,
 907 I2: se eu penso realMENTe fico nó:, ((coloca uma mão
 na frente da boca))
 908 (inaudível)
 909 I3: ((ri))
 910 I2: não QUero; ((ri))
 911 (--) mas CLArO claro;
 912 mas isso do mercado de seGUros de vida é,=
 913 =é um pouco (-) de dePENde,
 914 porque eu vi como documentos documentÁrios,=
 915 =sobre isso de: (-) de o HOMem,
 916 (--) que Fica que::,
 917 I1: esta isso nos estAdos uNIdos,
 918 I2: NÃO na frAnça;
 919 na FRAnça; ((ri))
 920 I3: [((sorri))]
 921 I4: [((ri))]
 922 I1: [a:h,]
 923 I2: que ficava na na FRAnça e::,
 924 como (.) ele era de marROcos,
 925 (--) e::, (-) encontrava com muLHEres,
 926 (-) ele (.) como era ele era muito seDUtor,
 927 muito CHAT, ((olha para a câmera))
 928 I3: <<rindo> muito CHAT,>
 929 I2: falAva muito BE:M,
 930 e tal tinha as paLAvras então,
 931 I1: [o cara tem a CHAT a chat,]
 932 I3: [((ri)) a CHAT;]
 933 I2: enTÃ:O,
 934 as (.) ficava com muLHEres;
 935 ela (.) uh ficavam apaixonAdas por ele,=
 936 =depois de MEses mEses,
 937 (--) eles (.) ele ele falava ah vamos caSAR uh
 nanan,
 938 (--) e:: ela toda apaixonada SIM sim,
 939 então vamos num lugar vamos no marROcos casar
 te apresentar minha família,

940 (--) e:: ele voltou sempre com com paPÉIS,
941 ((passa o dedo por cima de uma folha de papel))
942 I4: uhum;
943 I2: papeis DISso,
944 do do:: (-) seguro de VIda,
945 (--) e:: apresentou a ela e ela <<levantando os
 ombros> não saBia,>
946 mas firMOU;
947 I4: ah mas é ÓBvio;
948 I2: como como TONta como firmo,
949 ele falou que ah se é pra: é porque não sou
 franCÊS,
950 você tem que (.) que firmar isso para: pra eu
 estar tranQUIlo,=
951 =pode ficar com você aqui na FRANça;
952 então ela Elas:,
953 ele porque eh falou fez muitas VEzes,
954 (-) ah ok meu aMOR nanan,
955 vou firMAR,
956 enTÃO,
957 ela firmou (--) e é: o seguro de VIda,
958 e depois (.) intentava maTAR ela;
959 I1: a::h,
960 I4: ah entenDI;
961 I2: sim,
962 (-) e uma muLHER uma [mulher falou disso por,]
963 I4: [mas muitas VEzes,]
964 I2: ele ele FEZ como,
965 I4: é ÓBvio né,
966 I2: ele fez como TRÊS quatro vezes;
967 I3: [mas ele maTOU;]
968 I4: [mas ele Ele matou,]
969 I2: [mas por exemplo NÃO,]
970 I3: matou TOdas,
971 I2: matou TOdas;
972 I4: [mas não é ÓBvio,]
973 I1: [[(ri)]
974 I4: [que QUATro] namoradas [morrem,=]
975 I2: [(inaudível)]
976 I3: [sim;]
977 I4: =com Ele?

978 I2: eh NÃO não,
 979 I3: pra poLÍcia,
 980 I2: ((levanta uma mão, palma para cima)) não,
 981 I4: eles (.) AH uma tudo bem,
 982 I2: mas,
 983 [mas ficou PREso,]
 984 I3: [que esTRAnho a outra,]
 985 I2: [porque a ÚLtima (-) a Última,]
 986 I3: [<<rindo> você não tem boa SORte;>]
 987 I1: <<levantando as mãos, palmas para cima>
 aconteEce,>
 988 I2: não conseguiu maTAR ela;
 989 ela ela (.) FUge;
 990 I4: a:h entenDI;
 991 I2: FU:ge,
 992 I1: fuGIu;
 993 I2: [fuGIu;]
 994 I3: [fuGIu;]
 995 I2: enTÃO,
 996 pa eh (--) não pode MAIS (--) que ia dizer,
 997 é uma:: é muito compliCAdo,=
 998 =porque ele fe fez uma: (.) <<levando as mãos
 aos lados da cabeça> presSÃO,>
 999 (--) e:h (.) eh mental,
 1000 e elas (xxx) são SEMpre mulheres desesperAdas
 sabe,
 1001 I1: uhm::,
 1002 enTÃO,
 1003 [é é diFícil;]
 1004 I3: [perVER narcissique,]
 1005 I2: ah ISso isso,
 1006 [perVER narcissique,]
 1007 I3: [perVERso,]
 1008 I2: não SEI como se diz isso na no,
 1009 I1: PERverse,
 1010 BR: perVERso;
 1011 I2: perVERso [narCísico,]
 1012 I3: [narCísico,]
 1013 I4: ((ri))
 1014 BR: narciSISta;
 1015 I1: [narciSISta;]

1016 I3: [narcisista;]
1017 I2: perVERso narcisista,
1018 ISso é a palavra ok;
1019 (-) e::,
1020 por isso que:: (-) eu e: diretaMENTe eu pensei
<<apontando para o papel> nIsso,>
1021 do da: do seGUro de vida;
1022 I4: [((ri))]
1023 I3: [((ri))]
1024 então e você pensa na sua MORte,
1025 I2: eu::: acho que se eu morro amANHã,=
1026 =meus pais vão receber (.) como (-) SEte,=
1027 =qui QUINze mil euros;
1028 I1: A:H eu também tipo segurança de saúde,
1029 I2: <<rindo> si:m,>
1030 I3: [nã:o muito MAIS;]
1031 I4: [<<rindo> ah,>]
1032 I2: não acho que não acho (.) QUINze mil;
1033 I3: SÉrio [só isso,]
1034 I1: [(xxx) QUINze,]
1035 I4: a seguRANça [(xxx),]
1036 I2: [eu não] tenho muito vaLOR;
1037 I1: SIM a a (xxx),
1038 I4: a seguRANça brasIl ou (.) segurança [na frAnça,]
1039 I2: [na FRANça]
frança frança;
1040 I4: a::h porque eu tive que fazer um seguRANça,=
1041 =uma seguRANça para ir,
1042 I3: sim,
1043 I2: de VIda,
1044 I4: ao braSIL;
1045 não não é de VIda,
1046 I2: ah,
1047 I4: mas (--) tem na seguRANça de:,
1048 I2: ah SIM,
1049 I4: [(inaudível)]
1050 I2: [eu fiz tan] mas NÃO, ((abaixa os cantos da
boca))
1051 I3: acho que (.) [acho que eu valho MAIS;]
1052 I1: [com com o CAR,]
1053 com o meu CARro (xxx) teve isso também,

1054 tipo vinte mil mil EUros,
1055 I4: a:h,
1056 I1: eu tinha que escolher o beneficiário,
1057 I3: [(inaudível)]
1058 I1: [deste: (.) vinte MIL; ((ri))
1059 tipo eu falei pra minha: minha irmã tipo,
1060 [ei, ((ri))]
1061 I2: [(inaudível) ((ri))]
1062 I1: este (.) <<levantando as mãos, palmas para
frente> se no caso eu MORre tipo,>=
1063 =você vai ganhar VINte mil euros;
1064 a:h leGAL obrigado; [((ri))]
1065 I4: [((ri))]
1066 I3: [((sorri))]
1067 I2: [((sorri))]
1068 que leGAL e ele, ((aperta a lateral do corpo de
I1))
1069 I1: tipo obriGAdo;
1070 é eu (xxx xxx) agora voCÊ irmã (--) depois,
1071 TR: (3.0)
1072 I4: mas em geRAL na minha bo na minha mOrte não;
1073 I2: <<balançando a cabeça de um lado para o outro>
nã:o;>
1074 I3: eu muito mas NÃO é não de maneira (-) tipo
sUicida;
1075 I2: [((ri))]
1076 I4: [((ri))]
1077 I3: suicida suiCídio mas,
1078 quando estou tiPO:,
1079 (--) eu tenho muito <<colocando as mãos no
peito> paraNOIa,>
1080 igual quando <<levando as duas mãos fechadas à frente>
estou de biciCLEta,>
1081 e tem tipo [muito TRÁfego;]
1082 I4: [ah ((ri)) aGOra;]
1083 I3: sempre PENso tipo,
1084 ah (-) uma um carro poderia fazer tipo <<levando
as mãos para o lado> ISso,>=
1085 =e <<fechando as mãos e inclinando o pescoço para o
lado> pff> ((ri)) SÓ isso;

1086 (xxx xxx) ((ri e cobre o rosto com papel))
 1087 I4: mas pra MIM é isso (xxx) também mas com os meus
 pais por exemplo,
 1088 o:u o meu (.) irMÃO;
 1089 que eles (-) [podem] (---) morRER né,
 1090 I2: [sim;]
 1091 sim,
 1092 I3: aham;
 1093 I4: mas não coMIgo;
 1094 I2: com você NÃO;
 1095 talvez seus PAIS são paranoicos com você;
 1096 I3: [uhum;]
 1097 I4: [prova ah] NÃO; [((ri))]
 1098 I1: [são;]
 1099 I4: ((ri)) não SEI;
 1100 I1: um POUco;
 1101 I2: ah eu <<p> NUNca penso (-) na minha morte;>
 1102 I1: (inaudível)
 1103 I2: você pensa na sua MORte,
 1104 I1: e dePOIS,
 1105 I3: (xxx xxx) você se sente confortável em falar
 sobre esse TEma,=
 1106 =explique a sua resPOSTa;
 1107 I4: ah SIM;
 1108 I2: SIM [não tem problema,]
 1109 I4: [obviaMENTe;]
 1110 I2: só que u:::m um TEma que,
 1111 I1: a morte faz parte da VIda,
 1112 I2: [mas tem um tema] <<balançando as mãos em
 círculo aos lados da cabeça> TÃ::O,>
 1113 I1: [((ri))]
 1114 I3: [((ri))]
 1115 I4: [((ri))]
 1116 I2: eu não SEI vai,
 1117 I4: kevin dois mil e [dezeNOve;]
 1118 I1: [((ri))]
 1119 é bem conheCIdo isso;
 1120 I2: KEvin;
 1121 I3: ((ri))
 1122 I2: não não você nunca Ouve ISSo,=

1123 =só (xxx); ((ri))
1124 I1: não;
1125 sim eu vi no faceBOOK ontem;
1126 I3: [((ri))]
1127 I2: [((ri))]
1128 (xxx xxx) como as pessoas que FAlam,=
1129 =AH só temos uma vIda;
1130 [não e a pessoa FAla,]
1131 I1: [<<sorrindo> e É;>]
1132 I4: CARpe diem;
1133 I2: vivemos cada dIa mas morremos Uma VEZ;
1134 I1: a::h ah SIM, [((ri))]
1135 I2: [((ri))]
1136 I3: [((ri))]
1137 I4: [((ri))]
1138 I3: (xxx) faceBOOK,
1139 I4: <<sorrindo> faceBOOK,>
1140 I3: <<sorrindo> faceBOOK,>
1141 I2: <<sorrindo> ah faceBOOK,>
1142 I1: enTÃO,
1143 jovem GAY fica dez dias em coma induzido,=
1144 =após ser espancado no seu <<arregalando os
 olhos> aniverSÁRIO;>
1145 I3: espanCAdo o que é espancado,
1146 I4: é,
1147 I1: <<olhando para a câmera> espanCAdo é, ((fecha a
 mão))
1148 BR: é baTER muito;
1149 I3: é baTER, ((bate no próprio peito, abaixa os
 cantos da boca))
1150 I1: AH espanCAdo é ser,
1151 I2: A::H espancado, ((bate no próprio rosto e na
 barriga))
1152 I1: tipo:: (.) a LOT;
1153 I2: ((ri)) a LOT,
1154 I3: o QUE,
1155 I1: <<rindo> não SEI o que significa isso,
1156 I3: [((ri))]
1157 I2: [((ri))]
1158 I1: às vezes [sai da da minha BOca;]
1159 BR: [(inaudível)]

1160 I1: <<tentando segurar o papel de I2> (xxx xxx)>
1161 I2: NÃO <<sorrindo e soltando o papel> é seu é seu,>
1162 I1: notícias são comuns,
1163 (-) no seu noo: ((fecha os olhos)) no seu país
do de origem,
1164 TR: (1.5)
1165 I3: [acontece,]
1166 I4: [NÃO como no brasil;]
1167 I3: na França acontece tipo,=
1168 uma: <<olhando para cima> não tipo uma duas
vezes por Ano,>=
1169 tipo: GRANdes notícias tipo:,
1170 dois caras que estavam beijando na rua,
1171 I1: ((ri)) uma vez por Ano tipo, ((ri))
1172 I3: e: não [acontece muito] mais mas,=
1173 I1: [não eu sei,]
1174 I3: [=às vezes faz muito] <<levantando as mãos para
frente> barulho> sabe,
1175 I2: [não é muito,]
1176 I4: sim;
1177 I2: acontece muito mais eh (-) como:,
1178 (2.0) vai eles vão falar <<levantando uma mão
para frente, dedo indicador e dedão próximos> só
de um de uma de um evento,>
1179 mas (.) [é verdade que isso (.) acontece muito]
mais;
1180 I3: [aham (.) acontece muito mais;]
1181 I4: [no brasil muito mais;]
1182 I2: [não não é só,]
1183 [claro que:: eh,]
1184 I3: [no brasil acho,]
1185 I2: isso é [muito: (.) grave,=]
1186 I1: [(inaudível)]
1187 I2: =mas também [te:m (.) a pressão psicológica,]
1188 I3: [acho que no brasil é maior,]
1189 I2: que é BEM bem importante,
1190 TR: (vozes sobrepostas de I3 e I4)
1191 I2: e (.) grave também;
1192 mas tem isso na França com o:,
1193 no na pessoa transexual;
1194 e:: que tava: (-) caminhando na rua e,

1195 e encontrou um GRUpO como do de cinco seis
 pessoas,=
 1196 =e: eles empezaram a (.) espanCAR espanca
 <<olhando para a câmara> ou espAncarem,>
 1197 I3: <<p> você já VIU,>
 1198 I2: NÃO haviam nã:o,
 1199 I1: você não fEz NAdA?
 1200 você tava aQUI na frAnça,
 1201 I2: NÃO;
 1202 havia uma noTícia,=
 1203 I3: a:h;
 1204 I2: =na frança que um homem (.) transexuAL,
 1205 (--) tava na RUa,
 1206 (.) e eu ouvi isso no (xxx xxx),
 1207 I3: aham;
 1208 I2: e tava na: na: RUa,
 1209 I3: <<rindo e colocando os braços na cintura> (xxx
 xxx);>
 1210 I2: <<rindo e colocando os braços na cintura> (xxx
 xxx);>
 1211 tava na RUa,=
 1212 =e:: (.) encontrou com (.) um grupo de CINco
 seis pessoas,=
 1213 =e empezaram a espanCAR;
 1214 I3: uhum;
 1215 I2: ((abaixa os cantos da boca e levanta uma mão com
 a palma para cima))
 1216 I3: acho que acontece [MUItas vezes mas,]
 1217 I2: [coVARde covardia;]
 1218 I3: mas muitas vEzes as pessoas não FAlam;
 1219 I4: ah isso SIM,
 1220 I2: [NÃO falam;] ((aperta os lábios))
 1221 I1: [ISso também;]
 1222 mas neste PONto tipo dez dias <<arregalando os
 olhos> de cOma,>
 1223 [em geRAL,]
 1224 I3: [ah;]
 1225 I1: vai ter a noTícia sobre isso;
 1226 I3: [aham;]
 1227 I2: [hum;]

1228 I1: mas tem outros:: outras:: outras formas de
 homofoBIa;=
 1229 =que são MENos violente,
 1230 (.) e [que: NUNca::,]
 1231 I3: [não se FAla tAnto;]
 1232 I1: nunca ISso tipo,
 1233 I3: vai faLAR [(xxx) o cara na rua,]
 1234 I2: [mas CLArO casos] sempre tem;
 1235 sempre TEM;
 1236 I1: mas na FRAnça tem também o::,=
 1237 =o o casamento GAY agora,
 1238 desde dois mil: e [TRÊS;]
 1239 I2: [mas teve] muitas
 manifestaÇÕES,
 1240 I4: a:h que (xxx),
 1241 I1: dois mil e (.) verDAde;
 1242 dois mil e DOze,
 1243 dois mil e TREze ou dois mil e doze,
 1244 I2: dois MIL e:;
 1245 I1: DOze,
 1246 I2: DOze dOze,
 1247 I3: também Acho,
 1248 I4: ah MUIto tempo,
 1249 na aleMANha eu acho dois mil e dez dezoito;
 1250 I3: SÉrio;
 1251 I4: dois mil dezesSEte;
 1252 I3: e agora também tem com a (xxx XXX),
 1253 tipo com a duas mulheres que podem ter (.) um
 beBÊ,
 1254 (-) hm,
 1255 I1: NÃO tem a ver,
 1256 I3: não mas NÃO não não,
 1257 é tipo: agora mesmo na frança é um assunto
 MUIto,
 1258 (.) importANTE nas notícias falam sempre disso,
 1259 tem muitas manifestaÇÕES agora mesmo sobre Isso;
 1260 I1: não é (xxx) Acho,
 1261 I3: ah,
 1262 (xxx) procriaTION,
 1263 I1: procriaÇÃO ah sim procriação,
 1264 [assisTAda,]

1265 I3: [procriaTION] médicalement assistée;
1266 hm procriaÇÃO,
1267 I2: man,
1268 I1: [médicaleMENT,]
1269 I3: [assisTAda] ah,
1270 medicamente assisTAda, ((abaixa cantos da boca))
1271 TR: ((I1, I2 e I3 olham para a câmera))
1272 BR: assisTida;
1273 I1: assisTida é isso;
1274 ahm (XXX xxx),
1275 (xxx XXX),
1276 I3: (inaudível)
1277 I1: ah ok mas aqui no braSIL::,
1278 (---) tipo (.) é meio esTRAnho,=
1279 =porque na (.) por exemplo na na faculDAde,
1280 ou na Áreas onde fica ficamos tudo mais,
1281 não temos sentTido que:,
1282 num paÍS ah,
1283 I2: sim;
1284 I1: não sei um país majoritariamente mas onde tem
muita homofobia;
1285 mas nessas áreas na faculDAde,=
1286 =nas [não sei] nos BAres,
1287 I2: [acho que SE,]
1288 I1: não temos MUIta: muito,
1289 (.) ah muitos (SIGlos) que que:,
1290 porque aqui as pessoas ficam MAIS,=
1291 =não sei (.) orguLHOsos;
1292 e se mostrarão com orGulho que sã:o (.) GAY,=
1293 =ou [ou TRANS;]
1294 I4: [na faculDAde né;]
1295 I3: ((ri))
1296 I1: na faculDAde sempre [nas letras] ou na faFICH;
1297 I3: [no caBRAL;]
1298 I1: ciências huMANas; ((ri))
1299 I2: [no caBRAL; ((ri))]
1300 I3: [((ri)) no caBRAL;]
1301 I1: na fran na euROpa é a mesma coisa;
1302 I4: o que eu acho (xxx XXX) é assim,
1303 na no brasil tem muito (.) homofobia,
1304 mas tem também MUITas pessoas [transexuais;]

1305 I1: [homossexuAIS] meu
deus,

1306 I4: HOMossexuais também na rua,
1307 e (.) NÃO sei,
1308 são (--) quaRENTa por cento das pessoas parece,

1309 I1: [((ri))]
1310 I3: [((ri))]

1311 I4: não não EU gosto mas,
1312 (--) MAS na alemAnha não é muito;

1313 I1: é verDAde,
1314 I3: é verDAde pra gente também era tipo, ((leva o
tronco para trás, vira a cabeça e semicerra os olhos))
1315 [ah OK; ((arregala os olhos e ri))]

1316 I1: [eu,]
1317 I4: [mas enTÃO né,]

1318 I1: fiquei fiquei cho fiquei choCAdo,
1319 [(xxx) não NÃO] de um jeito mau,

1320 I2: [si:m, eu tamBÉM, ((ri))]
1321 I1: [mas do: DA:,]
1322 I3: [surpreenDido;]

1323 I1: surpreenDido que que:: eh:,
1324 [não SEI,]

1325 I3: [(xxx) TANTas,]
1326 I1: TANTo tão <<levanta os braços, palmas para cima>
mas não de um jeito mau;>

1327 I2: um país TÃ:O,=
1328 [=homofóbico;]

1329 I1: [<<fazendo sinal de aspas> homoFóbico;>]
teoricamente;

1330 I2: e TÃ:O, ((levanta e abaixa os braços
alternadamente, palmas para baixo))

1331 I4: mas no na festa do LUCas por exemplo,
1332 tinha um (.) menino e meNIIna,=
1333 =e: de repente menino meNIIno menina menina e
[tudo isso,]

1334 I2: [sim,] ((mexe as mãos ao lado da cabeça))

1335 I4: é norMAL né,
1336 I1: nã::o SIM;
1337 [não tenho problema por ISso,]

1338 I4: [super leGAL;]
1339 I1: mas no iNício foi,

1340 eu fiquei O:, ((ri))
1341 eu cheguei na minha repúbLIca e tipo,
1342 [(xxx) DOIS] acho que deve,
1343 I2: [what the FUCK;]
1344 I1: <<rindo> NÃO não é isso;>
1345 I2: NÃ:O não (-) [não é mau;]
1346 I1: [mas tipo] É sim,
1347 I2: tiPO:, ((mexe as mãos ao lado da cabeça))
1348 I1: deveria ter (.) não SEI tipo as as,
1349 [(---) as SEIS] primeiras pessoas que
conheço,
1350 I2: [mas é BOM é bom que,]
1351 I1: tipo eram GAY;
1352 mas pra MIM ((levanta os dois dedões)) acho leGAL
mas,
1353 I4: uhum,
1354 I1: tipo (levanta as mãos, palmas para cima) na
FRANça,
1355 I2: mas tá mas isso de viver num país a::hm,
1356 (--) ahm que é assim homoFÓ,
1357 é vai pra essa reenforÇAR essa ideia de:,
1358 I1: tamBÉM;
1359 I2: eu sou GAY,
1360 eu sou orGulho de ser gay;
1361 I4: aqui ou na FRANça?
1362 I2: [aQUI;]
1363 I1: [hm aQUI;]
1364 I2: na FRANça é, ((levanta as mãos, palmas para
frente, abaixa os cantos da boca))
1365 I1: na FRANça, ((levanta os ombros, abaixa os cantos
da boca))
1366 I2: é um proBLEma,
1367 TEM homofo homofobIsmo, ((olha para a câmera))
1368 BR: homofoBIa;
1369 I2: homofoBIa;
1370 mas não é TÃ:O,
1371 I3: não é TANTa,
1372 I1: tão ALto,
1373 I2: tanta (.) mas TEM;
1374 I3: porque [aqui o bra] o [brASIL não é o país] com
a,

1375 I4: [CLArO;]
 1376 I1: [depende das regiões;]
 1377 no nas regiões MAIS a::hm,
 1378 I4: na FRANça,
 1379 [mas tem MUITas pessoas gays] ou não,
 1380 I2: [em qualQUER lugar;]
 1381 I3: [acho NÃO] tanto que aqui;
 1382 I2: [tem,]
 1383 I3: mas TEM;
 1384 I2: TE:M tem muita;
 1385 I4: [porque ISso (.) que eu acho estrAnho,]
 1386 I1: [depende que do do BAIRro também;]
 1387 I4: porque tem MUITos ou (.) ah é a consequência,
 1388 que tem MUITos as pessoas são,
 1389 (-) homoFÓ não sei,
 1390 I2: hm mas NÃO na nas universidAdes gays <<coloca os
 braços à frente e balança o corpo> beijando,>
 1391 I3: talvez que,
 1392 I2: no Ônibus NÃO,
 1393 I3: sim; ((abaixa os cantos da boca e balança a
 cabeça de um lado para o outro))
 1394 I4: não na alemanha NÃO,
 1395 nas pessoas em geRAL,
 1396 as pessoas em geral NÃO fazem isso,
 1397 I2: sim,
 1398 I4: no braSIL (.) diferente né,
 1399 I2: difeREnte,
 1400 I1: às VEzes eu vi tipo (.) casal,=
 1401 =como diz dar a MÃO,
 1402 I2: <<leva um braço para a frente, fecha a mão e
 olha para a câmera> dar a MÃO?>
 1403 I1: <<olhando para a câmera> dar a MÃO?>
 1404 BR: dar a MÃO;
 1405 I1: dando a MÃO tipo na rua,
 1406 mas é BEM rAro na frança;
 1407 aconteceu uma vez em paRIS (-) acho,
 1408 é montpellier minha ciDAde,
 1409 I2: ((oferece pão de queijo para I1))
 1410 I1: não obriGAdo;
 1411 (-) onde tipo que: (.) muito orGUlho,

1412 tipo cada um tem a <<fazendo sinal de aspas> GAY
pride,>

1413 e: (.) a ciDAde que organiza tipo::,
1414 a GAY pride na: na minha ciDAde;

1415 I4: a::h nesse ano e no ano pasSAdo;
1416 I1: e tipo que bom que a instituição PÚBLica que
organiza o: a gay pride,
1417 todo Ano;

1418 I4: tiveram muito na euROpa né (.) muitos,
1419 I1: em montpellier tipo: é bem leGAL;
1420 eu fui eu:: (.) eu FUI;
1421 foi: (.) bom eu vi COIsas também um pouco:,
1422 TR: (todos riem)

1423 I1: mas ((ri)) foi muito leGAL muito tipo;
1424 ah (xxx XXX) ((lendo o papel)) por que você acha
que esse tipo de CRIme aconteEce?

1425 I3: homofoBIa;
1426 I4: porque as pessoas são estÚpidas;
1427 I1: ((suspira)) acho FALta de:::,
1428 I3: de conheciMENTo falta de:,
1429 I1: de resPEIto;

1430 I2: NÃO é falta de conheciMENTo;
1431 I3: ah acho que pode ser tambÉM;
1432 falta de educaÇÃO e:,
1433 I2: porque você vai perguntar vai perguntAR;
1434 por que (.) você (.) é GAY,
1435 hm por que você não GOSTa dos gays,
1436 e: (.) na maioRIa dos casos vai te falar,=
1437 =eh hm [vai falar em relacionamento] com a
religiÃO;

1438 I4: [deus NÃO quer isso;]
1439 I2: [vai faLAR,]
1440 I4: [é deus NÃO quer isso;]
1441 I2: isso não é natuRAL;
1442 é DEUS eh eh (.) criou adão e Eve,
1443 I1: isso é MUIto, ((ri))
1444 I2: [não é:: não é] natuRAL;
1445 I1: [no braSIL é assim;]
1446 I2: não mesmo na FRANça,
1447 sempre sempre o assUNto,
1448 [que vai sair mais (.) é (.)] a religiÃO;

1449 I3: [é então isso pra MIM,]
1450 isso pra mim então é uma falta de conhecimento;
1451 porQUE,
1452 (-) relações homossexuais sempre existiram,
1453 mesmo entre os animais então, ((levanta uma mão,
palma para cima))
1454 I1: na verdade que eu vi:: (-) eu vi ISSO,
1455 (---) dos Ursos deux ours (xxx xxx XXX),
1456 I3: [((ri))]
1457 I2: [((ri))]
1458 I1: como se fala tipo two BEARS,
1459 (xxx XXX),
1460 I3: URso;
1461 I1: <<olhando para a câmera> URso,>
1462 dois Ursos que eram homossexuais,
1463 mas ((ri)) é de verdade,
1464 I2: ((ri))
1465 I1: tipos os cienti as cientistas observaram eles
durante,
1466 duas meses TRÊS meses,
1467 no mesmo (-) no mesmo local,
1468 I2: [((ri))]
1469 I3: [((ri))]
1470 I4: [((ri))]
1471 I1: os caras (--) ((ri)) estavam fazendo sexo todos
os DIAS,
1472 tipo num jeito regular,
1473 e ((ri)) então (--) não SEI;
1477 I3: (inaudível)
1478 I1: A:H sim,
1479 ti tinha e no facebook também eu::,
1480 eu compartilhei isso uma VEZ tipo:,
1481 um ((ri)) um homem que acha que achava que seu:,
1482 cachorro (.) era GAY; ((ri))
1483 I2: [((ri))]
1484 I3: [((ri))]
1485 I4: [((ri))]
1486 I1: e acho que (.) ((ri)) sei LÁ por quê;
1487 ele fez o teste com uma: uma:,
1488 como se <<estalando os dedos> diz femELLE,>
1489 I2: ah,

1490 I1: uma:,
1491 I3: uma: <<olhando para a câmera> caCHORra,>
1492 I1: uma cachorRA,
1493 BR: uma caDEla;
1494 I3: que,
1495 BR: caDEla;
1496 I3: caDEla, ((abaixa os cantos da boca))
1497 I1: caDEla,
1498 [uma caDEla que tava:,]
1499 I2: [não se diz caCHORra?]
1500 BR: cachorra pode ser tamBÉM,=
1501 mas o termo: MAIS correto;
1502 I1: [<<balançando a cabeça para cima e para baixo>
a:h,>]
1503 I2: [((balança a cabeça para cima e para baixo))]
1504 I1: é:: e tava num no peRíodo de:,
1505 I3: com os <<balançando as mãos aos lados do corpo>
horMônios;> ((ri))
1506 I1: você enTENde;
1507 I3: fecundaÇÃO;
1508 I1: e de ISso,
1509 é:: (.) e esse tin tinha o cara tinha DOIS dois
cachorros;
1510 e um norMAL,
1511 pas norMAL; ((coloca a mão na cabeça e sorri))
1512 I3: ((ri))
1513 I1: um <<fazendo sinal de aspas> heterossexuAL,>
[((ri))]
1514 I2: [((ri))]
1515 I3: [((ri))]
1516 I4: [((ri))]
1517 I1: isso faz parte do episTEme,
1518 de a sociedade com a minha FALta; ((ri))
1519 tipo: (.) hum <<fazendo sinal de aspas> heTE>,
1520 =não é estranho falar de heterossexual pra um
caCHORro tipo por isso mas,
1521 (-) vou fazer é: que (.) ficaram muito aniMAdos;
1522 sobre a: (.) o OUtro ficava, ((arregala os
olhos))
1523 <<arregalando os olhos> olhando asSIM,>
1524 I2: [((ri))]

1525 I3: [((ri))]
1526 I4: [((ri))]
1527 I3: acho que ele SAIU da sala;
1528 I1: é SAIU da sala;
1529 e escondi escondEU,
1530 e dePOIS,
1531 I4: tipo passeANdo (xxx);
1532 I1: ti tiraram a: (.) caDEla não, ((olha para a
câmera))
1533 I3: caDEla;
1534 BR: [caDEla;]
1535 I1: [caDEla] da: do coiso da pièce,
1536 I3: da SAla,
1537 I1: da SAla;
1538 I2: (inaudível)
1539 I3: caDEla (xxx XXX), ((ri))
1540 I1: e::: (-) e a que e enTÃO,
1541 ele o cachorro fiquei de aniMAdo demais,
1542 tipo com outro caCHORro,
1543 tipo tão TÃO de de,
1544 I2: [((ri))]
1545 I4: [((ri))]
1546 I1: como SEMpre,
1547 tipo porque o propriAto do cachOrro tipo,
1548 vai meu caCHORro tá, ((coloca as mãos do lado da
cabeça))
1549 tipo ho (-) homossexuAL mas,
1550 I4: que FOfo;
1551 I1: tipo TOdo dia tá fazendo isso com outro
cachorro;
1552 tipo ei PAreM (xxx xxx xxx);
1553 I2: tinha FOgo no ((ri, flexiona o joelho e leva o
tronco levemente para frente)) no pipi;
1554 I1: é:: é verdade que com a a caDEla,
1555 (--) o cach primeira vez por MIM tipo,
1556 que faz que alguns anos ANtes,
1557 I2: [((ri))]
1558 I3: [((ri))]
1559 I1: e tipo pra MIM era só uma coisa (.) pra os huma
os humanos;
1560 mas (-) desde esse DIa,

1561 I4: não eu [acho que na natuREza é bem na bem]
normAl né,
1562 I1: [eu fiquei ((leva a cabeça para trás)) o
QUE;]
1563 I3: [e mesmo dos hoMENS também;]
1564 I4: [que as pessoas são BISsexuais;]
1565 I3: os homens tamBÉM tipo: quando:,
1566 na era: dos: roMANos (-) sempre,
1567 I4: e GREgos também né,
1568 I3: aham;
1569 I1: a:hm eles são ale aleXANDre o:,
1570 I3: o GRANde,
1571 I1: ((coloca as mãos acima da cabeça e olha para a
câmera)) o maiOR, ((ri))
1572 não é ISso,
1573 BR: o GRANde,
1574 I2: [o GRANde;] ((ri))
1575 I1: [o GRANde;] ((ri))
1576 I4: ((ri))
1577 I2: o maiOR; ((ri))
1578 I1: [((ri))]
1579 I3: [((ri))]
1580 I1: eu não me lembro desse DIa tão bem,
1581 I4: ah POde ser,
1582 I1: ((faz movimentos giratórios com a mão ao lado da
cabeça)) então minha caBEça fica,
1583 mas sabe e alexandre o GRANde (-) era: (-) gAy,
1584 I2: era SIM eles dizem isso,
1585 I4: sim;
1586 [eu Acho que na:,]
1587 I1: [eu VI ele falar no filme;]
1588 I4: na época de (.) regras de (.) roMANas,=
1589 =foi norMAL [(.) ser] (.) bissexuAl;
1590 I3: [aham,]
1591 I1: hm, ((balança a cabeça para cima e para baixo))
1592 I4: eu acho que NÃO é homossexual mas [BISsexual;]
1593 I1: [BISsexual;]
1594 era BISsexual porque tinha obrigação de:,
1595 de ter uma: uma esPOsa;
1596 I4: [ah mas obrigaÇÃO] [obrigação pode ser,]
1597 I3: [ah mas é MENos,]

1598 I2: [obrigação NÃO é,]
 1599 I1: mas Era porque alexandre tinha,
 1600 (.) se se namorar se namORAR, ((olha para cima))
 1601 I3: com (.) com JOvens;
 1602 I1: namOROU (.) tipo co:m,
 1603 com a: uma REIna do: oriental tipo,
 1604 e tipo do mesmo TEMpo e tinha uma,
 1605 I4: ele teve namORAdos né,
 1606 I3: aham,
 1607 [acho muito JOvens;]
 1608 I1: [muitos namorados MUITos;]
 1609 I4: aham muitos e [muitos JOvens;]
 1610 I3: [JOvens;]
 1611 tipo (.) deMAIS jovens;
 1612 I4: criANças né,
 1613 I3: [coisas asSIM; ((ri))]
 1614 I1: [e durante a: egi ahm] a eGÍPta?
 1615 eGYPT? ((olha para a câmera))
 1616 I3: é eGÍ, ((olha para a câmera))
 1617 I1: eGYPT,
 1618 BR: eGIto;
 1619 I2: [eGIto;]
 1620 I3: [eGIto;]
 1621 BR: O egito;
 1622 I1: [O egito;]
 1623 I3: [O egito ((levanta as sobrancelhas))]
 1624 I1: o antigo Egito era muito comUm com a
 homossexualidade;
 1625 muito (.) norMAL coisa normal;
 1626 I4: HOMossexualidade ou bIssexualidade,
 1627 I1: [os DOIS;]
 1628 I2: [os DOIS;]
 1629 I3: [não tipo relaÇÕES,]
 1630 I1: BIssexuais a::hm,
 1631 eu li textos sobre ISso e:,
 1632 a sociedade a sobre (-) ((levanta a mão acima da
 cabeça)) tipo as classes Ricas tipo,
 1633 não tinha proBLEma:, ((abaixa os cantos da
 boca))
 1634 até (-) [uma meNIIna,]
 1635 I4: [leGAL;]

1636 e [agora] (.) tem um proBLEma muito grANde sobre
isso;

1637 I3: [sim;]
1638 é religiÃO; ((ri))

1639 I4: ah,
1640 I1: (xxx) pas religiÃO;
1641 I4: mas teve [religiÃO na na época dos romanos né,]
1642 I2: [não mas religiÃO (-) a interpretação
da religião;]

1643 I3: sim é (-) tamBÉM;
1644 I2: porque a religiÃO em si mesmo não é um
problema,=
1645 =é a [interpretaÇÃO dela;]
1646 I3: [sim SIM não é:,]
1647 I4: [NÃO sei se se:,]
1648 I3: [então NÃO não faz sentido;]
1649 I2: [porque eu conheço MUITas pessoas religiosas,]
1650 que são muito sa que são muito aBERTas que não
tem problema;

1651 I1: é;
1652 I2: mas (-) a a o problema é a outra PARte que:,
1653 que NÃO quer entender que:,
1654 (.) enTENde mas não quer entender;
1655 I4: mas o luís falou que (.) EU acho também,=
1656 =o a religião é sempre <<fazendo sinal de aspas>
um moTivo> pra ser homofóbico;
1657 (---) não tem uma outra (.) argumentaÇÃO sobre
isso,

1658 I2: uhm,
1659 I4: EU acho;
1660 I2: mas se não (.) pra mim a <<colocando uma mão
para cima> religiÃO,>
1661 I1: proVOca;
1662 I2: NÃO é um problema;
1663 mas pra mim a religião [NUNca nunca é;]
1664 I4: [ah entenDI é;]
1665 é a interpretaÇÃO né,
1666 I2: é é ISso;
1667 o proBLEma é as pessoas (.) que que usam a
religiÃO,
1668 como escus (.) mas a religião NUNca falou que,

1669 (.) tem que homofóbico ao conTRÁrio;
1670 (.) ao conTRÁrio;
1671 I1: não sei se na Bíblia tem:,
1672 (.) palavras sobre ISso;
1673 I3: NÃO tem; ((levanta as mãos, palmas para frente))
1674 I1: isso deveria só tipo você va:i você vai se casar
com uma muLHER;
1675 I2: A:H tsc, ((ri))
1676 I1: não sei não sei se tem verdadeiraMENTe esse:
esse tipo,
1677 [mas sim (--) deVIA ter,]
1677 I4: [mas acho que na iGREja (.) eu acho que é
proibido casar] dois homens,=
1678 =ou duas muLHEres né,
1679 I2: na I,
1680 I4: na iGREja;
1681 I2: na iGREja,
1682 I3: acho que NÃO pode se casar;
1683 I1: [a::h boa questão acho que NÃO;] ((ri))
1684 I3: [nem bissexuAIS acho que,]
1685 I4: né (-) então é a religião né;
1686 I2: não a religião,
1687 I1: é acontece;
1688 I2: qual,
1689 I1: já acontece na FRANça tipo uma: [um casal gAy,]
1690 I4: [numa iGREja,]
1691 I1: numa: numa iGREja;
1692 I3: SÉrio,
1693 I4: tem certeza caTÓlica,
1694 I2: por exemplo na religião muçulMANa,=
1695 =tem eu eu VI,
1696 I4: oh,
1697 I2: iMAM (.) gay;
1698 I1: o::h,
1699 I3: SÉrio,
1700 I2: [uma mesQUIta] gay;
1701 I1: [eles FAlam,]
1702 I2: que é só <<aproximando as mãos> pra GAYS;>
1703 I1: mas a religião muçulMANa é muito mais ((fecha
uma mão)) tipo,
1704 vioLEnto acho;

1705 I2: ((balança de um lado para o outro e aproxima as
mãos, levando-as juntas para um lado e para
outro))

1706 I1: não sei [tipo a homofobia,]

1707 I3: [tem muita homofobia no marroco,]

1708 I4: [mas muçulmano é muito estranho,]

1709 porque tem (.) tem país (.) países,

1710 onde (.) é muito proibido tipo,=

1711 =as pessoas [(.) como se chama,]

1712 I1: [aí::,]

1713 I3: [não podemos,]

1714 I4: <<olhando para I3> oi,>

1715 I3: de que,

1716 I1: a absoluta,

1717 I4: quando as pessoas são gays (.) e:,

1718 I1: mataram eles,

1719 I4: sim mataram mas,

1720 mas como puni punição,

1721 I1: [a::h, ((olha para cima))]

1722 I2: [a:h casti castiga,]

1723 I1: saudá arábia saudá arábia;

1724 I4: sim por exemplo;

1725 I1: verdade ah, ((olha para o papel))

1726 I3: acho que a nossa aula (.) começou, ((ri))

1727 I1: ah sim melhor [mas continua a questão,]

1728 BR: [são duas e dez;]

1729 I1: você se sente confortável de falar sobre esse
tema, ((abaixa os cantos da boca))

1730 [sim;] ((levanta os ombros e abaixa os cantos da
boca))

1731 I3: [sim.]

1732 I4: [depende,]

1733 I2: [mas,]

1734 I4: [não com não com as pessoas com esse,]

1735 I1: [explique sua resposta;]

1736 I3: homofobos;

1737 I4: como sim com (.) homofobos não;

1738 não gosto;

1739 I2: hm (.) eu não tenho problema mas sempre uma uma
(.) pena ver isso,

1740 de: (--) um homem que,

1741 (.) que SE:, ((estica o tronco para ler o
papel))

1742 I1: AH sim,

1743 I2: [que se fez espan espanCAR,]

1744 I3: [porque (xxx xxx) espanCAR;]

1745 I1: SÓ porque o cara é gay,

1746 I2: SÓ porque:,

1747 I1: mas (.) tem outras que SÃO:,

1748 I3: por quem ele Ama;

1749 I1: que são ma (.) ahm ma MORTos;

1750 (---) muitas VEzes;

1751 I3: mas isso é (xxx XXX), ((sorri))

1752 I1: ah mas tipo ISso é:,

1753 I3: é acho que o braSIL (.) é o país com a maior
taxa de:,

1754 I4: aham,

1755 I3: (-) de CRImes contra os homossexuais;

1756 I4: (inaudível)

1757 I1: contra as muLHEres também;

1758 <<sorrindo> infelizMENTe;>

APÊNDICE III

Interação 2: BrBH2020

Nome do projeto: TABUS LINGUÍSTICOS E O SURGIMENTO DE EUFEMISMOS NA FALA-EM-INTERAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA COMO L1 E L2

Breve descrição: Quatro amigos brasileiros discutem sobre temas tabus atuais.

Número de participantes: Quatro

Sexo dos participantes: dois homens, duas mulheres

Idade dos participantes: entre 20 e 28 anos

País de origem dos participantes: Brasil

Língua predominante na interação: Língua Portuguesa

Línguas complementares: Não há.

Local da coleta de dados: Belo Horizonte

Data da coleta de dados: 4 de julho de 2020

Pesquisadores responsáveis pela coleta de dados: Fernanda Roque Amendoeira, em auxílio remoto.

Data de término da transcrição: junho de 2020

Transcritora: Fernanda Roque Amendoeira

Revisora: Fernanda Roque Amendoeira

BrBH2020

Nome do projeto: TABUS LINGUÍSTICOS E O SURGIMENTO DE EUFEMISMOS NA FALA-EM-INTERAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA COMO L1 E L2

Convenção de transcrição: GAT2

Participantes

B1

Sex: f

Línguas usadas: por

L1: por

B2

Sex: m

Línguas usadas: por

L1: por

B3

Sex: m

Línguas usadas: por

L1: por

B4

Sex: f

Línguas usadas: por

L1: por

TR

Sex: f

01 B4: então vamos LÁ;
02 <<olhando o documento no celular> cresce mercado de
seguro de VIda,=
03 =no primeiro semestre de dois mil e deZeNOve;>
04 eu vou ler as três perGUNtas primeiro,=
05 =depois a gente discute as TRÊS;
06 mais FÁcil;
07 você pensa na MORte de Entes querIdos,
08 com que freQUÊncia,
09 você pensa na sua PRÓpria morte,
10 você se sente confortÁvel de falar sobre esse tema,
11 [explique sua resPOSTa;]
12 B2: [qual que É o::,]
13 qual que é [o a manCHete,]
14 B4: [a:: manCHete,]
15 <<olhando o documento no celular> cresce mercado de
seguro de VIda,>
16 no primeiro semestre de dois mil e deZeNOve;
17 B2: ((balança a cabeça para cima e para baixo))
18 B1: vamo responder uma de cada VEZ não,
19 B2: [é,]
20 B4: [então] TÁ,
21 a primeira é a seGUINte,=
22 você pensa na morte de entes querIdos,
23 com que freQUÊncia,
24 B3: eu PENso,
25 (-) depende do momEnto de VIda assim sei lá,
26 tem momentos que eu penso MAIS,=
27 =tem momentos que eu nem pEnso NISso,
28 B1: assim tamo <<levantando uma mão, PU> no meio da
pandemIa né,>
29 B3: é;
30 B1: temos PAIS [mais vElhos,]
31 B3: [exataMENTe;]
32 B1: temos tIos temos avÓS,
33 B3: exataMENTe;
34 B1: então eu acho que é UM::,
35 [é bem recorRENte esse pensamento;]
36 B3: [é um pensaMENTo é,]
37 B2: [é:,]
38 B4: [recorRENte;]

39 B3: [é um pensamento mais recorREnte;]
 40 B1: mais aGOra;
 41 B3: é;
 42 B1: tiPO:,
 43 antes disso a gente penSAva:,,=
 44 =em pessoas que realmente tinha alguma doEnça mais
 SÉria;
 45 tipo o caso da maRIIna;
 46 tipo nossa mãe passando muito MAL;
 47 por causa de pressÃO pressão dela,
 50 B4: doença CRônica né,
 51 B1: é: isso mas fora ISSo,
 52 B3: cês TEM (.) seguro de vida?
 53 B1: hm NÃO;
 54 B4: meu PAI tem;
 55 B2: eu tinha seguro de VIda quando tava eu fazia estÁgio;
 56 B1: meu PAI tem,
 57 B4: uhum;
 56 B1: como é que cê SAbe disso;
 58 B4: uai, ((ri))
 59 B3: [i::h,]
 60 B2: [((ri))]
 61 B1: eu tenho [É;]
 62 B2: [eu penso] MAIS na na <<levantando uma
 sobrançelha> minha avÓ;=>
 63 que é mais VElha;
 64 no resto meus PAIS [eu não penso não;]
 65 B3: [eu comecei a pensar] no meu PAI,=
 66 =por causa do meu irmÃo mais NOvo;
 67 e eu falEI isso com ele falei assim Olha,
 68 (--) cê tem que pensar no auGUSTo porque: o seguinte,
 69 <<p> cê morre aGOra,>
 70 (-) eu e minha irMÃ a gente se vira;
 71 e auGUSTo?
 72 (--) aí ele fez seguro de VIda pra ele;
 73 (xxx XXX)
 74 B2: seguro de VIda:: é um: é é o que, ((ri))
 75 B4: é tipo [asSIM,]
 76 B3: [é um diNHEIro,]
 77 B4: é: cê pode ter tanto por emprEsa priVAda,=
 78 quanto por BANco,

118 mas aGOra, ((sorri e balança a cabeça para um lado e
para o outro))

119 é como se eu cagASSE e anDASse isso;

120 B4: é tipo já tamo aqui <<sorrindo> MESmo né vamo fazer
esse trem aqui;>

121 B3: eu lembro eu lembro que eu ficava penSANDo,=
121 =mas isso eu era bem mais NOvo;
122 como seria o me meu velÓrio;
123 pra eu saber se as pessoas gostaRIam de mIm, ((ri))
124 [ou NÃO;]

125 TR: [((B1, B2 e B4 riem))]

126 B2: tipo se MUIta gente (xxx),

127 B3: é:::,

128 B1: nossa que caRÊNCia;

129 B4: ((ri))

130 B2: ((ri))

131 B3: NÃO é porque uma época,
132 não é porque uma época eu fui em velório de aMIgos
fraga,
133 teve um velório que não foi quAse ninGUÉM;
134 aí eu fiquei assim NÓ::,

135 B1: ((ri))

136 B3: que PAia;

137 B4: PRÓxima,

138 B2: PRÓxima;

139 B4: e ocê DRÉ,

140 cê não faLOU;

141 B2: eu falei que [eu NÃO penso;]

142 B3: [não não obriGAdo;]

143 B2: na minha PRÓpria morte;

144 B3: (xxx) justifiCAR às vezes;

145 B2: é;

146 B4: <<lendo o documento no celular> você se sente
conforTÁvel em falar sobre esse tema,
147 explique sua resPOSTa;>
148 ah pra mim é um (.) norMAL;

149 B2: [sim;]

150 B1: [TIpo;]

151 B4: não tem nada demAis NÃO;

152 B1: é tão cruEL quanto a vida;

153 B4: é;

154 B3: [quanto a LUZ do dIa; ((ri))]
155 B2: [quanto a LUZ do dIa; ((ri))]
156 B4: [quanto a LUZ do dIa; ((ri))]
157 B3: é (.) aquele FILme que fala da mOrte do,
158 (.) da DISney é ótimo inclusive;
159 B3: do::,
160 B4: de QUE,
161 B1: COco;
162 B2: a:h eu não sei nunca assistI;
163 B1: a vida é uma FESta,
164 B3: a vida é uma FESta;
165 B1: chorei igual uma (.) DAxxx;
166 B3: ((ri))
167 B1: vi esses dia de NOvo;
168 B4: é: (.) pode ir pro PRÓximo,
169 B2: [POde;]
170 B3: [PRÓximo] tema;
171 B4: PRÓxima enquete;
172 enQUete não,
173 B3: [arreda pra CÁ] pra você sair no,
174 B2: [é:: cê TEM que,]
175 B4: [manCHEte;]
176 B2: ((ri))
177 B4: é::, ((ri))
178 JOvem gay fica dez dias <<levantando as sobrancelhas>
em coma induzido,=>
179 =após ser <<levantando as sobrancelhas>
[espancAdo no seu aniverSÁRIO,]>
180 B2: [NOSsa fernanda; ((levanta as mãos, palmas
para cima))]]
181 B3: ((levanta as sobrancelhas))
182 B4: <<sorrindo> acho que pegou [peSAdo né,>]
183 B2: [ferNANda,]
184 B3: [((ri))]
185 B4: tá:,
186 B1: vamo falar de invasão de borboLEta (xxx xxx) então,
187 B2: [((ri))]
188 B3: [((ri))]
189 B4: primeira perGUNta;
190 (--) notícias como essa são coMUNS no seu país de
orIgem, ((joga a cabeça para trás e sorri))

191 B2: sim,
 192 B4: TEM que ter;
 193 B1: <<balançando a cabeça para cima e para baixo> TOrdos os
 dias;>
 194 B4: é (.) todo seGUNdo;
 195 B2: <<p> infelizMENTe;>
 196 B3: país que mais MATA;
 197 B4: é;;
 198 B3: no MUNdo;
 199 B2: mas é: (-) com travesTIS muito mais,
 200 B4: [é: deMAIS,]
 201 B2: [e transexuAIS;]
 202 [acho que mais do que GAYS;]
 203 B4: [eu acho que assIM,]
 204 na região que a gente mora isso é muito viSível;
 205 porque aqui tem o alto da afonso PE:na,
 206 ali se você FOR pra de,=
 207 =EU várias vezes tipo assim,=
 208 =tava dando (.) ia coMER alguma coisa no centro e tal,
 209 já peguei (-) travesti com a mão queBRA:da,
 210 [tipo lo (.) alguém tipo briGANdo;]
 211 B3: [((arregala os olhos, levanta as sobrancelhas e olha
 para B4))]
 212 B4: sabe aí cê fica meio <<balançando as mãos e o tronco
 para os lados> sem saber o que FAZ assim,
 213 é biZARro;
 214 principalmente de madruGAda;
 215 (-) é: por que você acha esse TIpo de,
 216 (--) por que você acha que esse TIpo de crime
 acontece,
 217 B3: homofoBIa,
 218 B2: galEra é homoFÓbica;
 219 B4: é:: homofoBIa;
 220 B1: por FALta [de::,]
 221 B4: [a cultUra;]
 222 B3: (xxx XXX)
 223 B1: diFUNdir (-) é:: (.) iDEIas discussões sobre isso,=
 224 =pras pessoas não se torNAREm isso;
 225 uma cultUra extremaMENTe:,
 226 (---) [seXISTa,]
 227 B4: [machista] mesmo;

228 B1: elegebetêFóbica;
 229 [tipo assIM,]
 230 B3: [é eu É,]
 231 B1: a marginalizaÇÃO dessa minoria,
 232 então tipo se isso aconTEce,
 233 (-) tudo BEM (.) acontece;
 234 [MUIta gente pensa] assim;
 235 B2: [é (-) boto FÉ;]
 236 B1: tipo assim eu não vOu baTER não,=
 237 =mas gente que BAte vou fazer o que,
 238 né assim que as coisas funcioNAM;
 239 às vezes a LUta de:,
 240 (.) pessoas que não te repreSENTam também <<p> é a sua
 luta (.) tipo;>
 241 B2: sim;
 242 (--) é e é um negócio assim né vei MORte né,
 243 [TIpo,]
 244 B1: [a FALta] de discussão;
 245 B2: não é uma: (---) coisa (---) BESTa;
 246 B1: <<olhando para o gato> he ei gosTOso;
 247 você quer responDER,>
 248 B2: u::hl,
 249 B4: ah lá só quer saber de andRÉ,
 250 B1: (inaudível) ((beija o gato))
 251 B4: é::,
 252 você se sente confortÁvel,
 253 (-) de falar sobre este TEma,=
 254 =explique sua resPOSTa;
 255 B3: <<franzindo o cenho> a:::hm:,>
 256 B1: confortÁvel é uma palavra meio difícil né,
 257 B3: é:,
 258 B2: [é;]
 259 B1: [ti]po assim não é um conFORto;
 260 é uma [necessiDAde;]
 261 B4: [é uma BAD;]
 262 B3: é;
 263 B1: é necesSÁRIO que a gente fale desse tema;
 264 e por isso que eu acho que a gente FAla;
 265 mas (-) tiPO e porque:,
 266 B4: mas,
 267 B1: eh CHOca e por causa de vÁrias coisas,=

268 =mas conFORto,
 269 tipo assim <<sorrindo> ah gente e aí tão saBENdo,
 270 B4: QUANtos morrERam,
 271 B1: <<rindo> é;>
 272 B3: e aí hoje morREU é,
 273 não tem como faLAR,
 274 B2: é e depende com QUEM também né;
 275 eu Acho;
 276 B4: e eu Acho,
 277 B2: com faMília <<pp> eu não fico tão confortável não;>
 278 B4: e eu acho que [a gente] também vive numa BOLha sabe,
 279 B3: [CA:ra,]
 280 B4: que tipo asSIM,=
 281 comentAR essas coisas vEr essas coisas,=
 282 se preocuPAR com isso;
 283 é norMAL pra gente tipo,
 284 era abSURdo;
 285 só que pra outras pessOas não,
 286 B2: é,
 287 B4: não SEI se é assim;
 288 B1: mas e::h é um asSUNto que por exemplo,
 289 cê falou de faMília;
 290 B4: dePENde;
 291 B1: eu FAlô com meu,
 292 tipo a [gente FAla;]
 293 B4: [é;]
 294 B2: uhum,
 295 B1: tipo é um assunto recorRENte,
 296 (--) na VIda assim;
 297 B1: (2.0) [NÃO por causa de conforTo;]
 298 B2: [é mas é MAIS (-) não eu acho mais,]
 299 NÃO eu boto fé,
 300 [mas é mais desconforTÁvel;]
 301 B1: [por causa de uma necessiDAde;]
 302 B2: eu acho mAis desconforTÁvel;
 303 (---) porque: justamEnte tem um conflito maiOR;
 304 B4: aham;
 305 PRÓxima, ((ri))
 306 B2: PRÓxima;
 307 B3: são quantas perGUNTas,
 308 B4: ah eu não SEI não;

309 educação financeira é (.) fundamenTAL,=
 310 =no atual cenário econÔmico;
 311 B3: aham,
 312 B4: no seu país de oRigem,=
 313 =existem (-) Aulas nas escolas sobre educação
 financeira,
 314 B3: [<<balançando a cabeça de um lado para o outro> não;>]
 315 B2: [((balança a cabeça de um lado para o outro))]
 316 B4: ((sorri)) queRIa né sério,
 317 B3: nem particuLAR tem né,
 318 B2: é;
 319 B1: NÃO que eu saiba;
 320 B4: na sua vida aDULta,=
 321 =como você avalia sua <<sorrindo> capacidAde de lidar
 com dinheiro,>
 322 B2: [((ri))]
 323 B3: [((ri))]
 324 B4: [((ri))] menos ZERo;
 325 B2: não EU tenho (.) às vezes (.) feito cOntas;
 326 pra ver quanto que eu tô gastando,
 327 porQUE:,
 328 (--) eu (.) não é (--) não tem muito TEMpo que eu::,
 329 (3.0) tô gastando um diNHEIRO igual eu tô gastando ?
 agora;
 330 B4: ((ri))
 331 B1: eu já me afundEi muito em Dívida também;
 332 B2: <<sorrindo> não,>
 333 [((ri))]
 334 B3: [((ri))]
 335 B4: [((ri))]
 336 meu nome é juliAna,
 337 B2: [(inaudível)] estou com meu nome SUjo no essepêcê;
 338 B3: [eu já afunDEI;]
 339 [um aMIgo mEu um amigo meu,]
 340 B1: [não uai eu comecei a fazEr] (-) taBELa no início de
 cada mês;
 341 eu não pASso mais aPERto tipo assim,
 342 (-) eu não passo FÔme,
 343 eu não passo é (.) Dívida mais,=
 344 =porque eu FAço isso;
 345 mas (xxx) aTÉ eu começar a fazer,

346 nó meu pai teve um que me salvar,=
 347 =filhinha de paPAI demais;
 348 teve que me salvar VÁ::rias vezes;
 349 B3: EU sou muito bem controlAdo;
 350 [NÃO sei xxx]
 351 B2: [cê tEm] plaNIlha:?
 352 e:: e COIsas,
 353 B3: aplicaTIvo;
 354 (-) na verDAde (-) eu faço divisão,=
 355 quando eu mudei pra CÁ,
 356 eu ganhAva salário por seMAAna;
 357 meu pai me pagava por seMAAna;
 358 B2: a::h,
 359 B3: enTÃO,
 360 pra eu pagar as contas no final do MÊS,
 361 eu tinha que me programar semanalMENTe antes;
 362 B2: aha:m,
 363 B3: então quando EU,=
 364 =e eu recebia geralmente SEXTa feira,-
 365 =então recebia na SEXTa,
 366 (.) já separava minha grana a cota do aluGUEL;
 367 a cota (-) das COIsas,
 368 (-- e o dinheiro que eu tinha pra gastAR,
 369 (.) NO fim de semAna;
 370 (-- aí eu aprendi a pegar isso de me programar ANtes;
 371 por isso que eu nem tenho cartão de CRÉdito;
 372 eu não Uso cartão de CRÉdito;
 373 [(xxx)]
 374 B2: [é (.)] pra cartão de CRÉdito eu (.) nó,
 375 B3: pra fazer compra na interNET (.) só;]
 376 B2: [é muito RAro (-) é;]
 377 B1: eu tamBÉM;
 378 B4: ah eu sou bem controLAda;
 379 e eu GOSTo de estudar essas coisas,=
 380 =sempre gostEI;
 381 só que hoje eu não Acho que::,
 382 eu recebo o suficiENTE;=
 383 =pra faZE:R,
 384 B3: (inaudível)
 385 B4: (.) É pra eu ter (.) o investiMENTo que eu gostaria de
 tEr sabe;

386 que às vezes é muito apertado os impreVISTos,
 387 pra mim já já tomaRIam assim entendeu,
 388 eu não traBAIho,=
 389 =eu dependo do meu PAI da minha mãe;
 390 mas eu (.) eu acho que asSIM,=
 391 = a partir do momento que eu começar a ter meu
 dinheiroInho e tal;
 392 (--) eu vou saber lidar meLHOR assim;
 393 B3: ah eu acho que eu LIdo (.) eu lido bEm porque eu ganho
 bEm também;
 394 B4: é:: (-) é o suficiENte né;
 395 B3: é;
 396 B4: pra você fazer as COIsas,
 397 B3: não (.) SObra;
 398 B4: é;
 399 B3: não consegui juntar dinheiro pra (xxx RIA);
 400 B4: então (.) a gente ainda não tá nessa FASE né,]
 401 B2: [é EU:,]
 402 B1: (xxx) saber o liMIte assim;
 403 B4: é;
 404 B3: é;
 405 e entender que se você QUER,=
 406 =admiTIR que você não tem dinheiro pra fazer certas
 coisas;
 407 e não faZER;
 408 aí eu [acho que isso é fundamenTAL;]
 409 B4: [é esse que É::,]
 410 [é o PONto;]
 411 B3: [porque por eXEMPlo;]
 412 tem gente que tem CARro;
 413 e não VIve sem cArro;=
 414 =mas não tem dinheiro pra sustentar o CARro;
 415 B4: é:,
 416 B3: e se aFUNda em dívida por causa disso;
 417 B1: mas a Época que eu tava falando,=
 418 =eu tipo assim eu também recebia o liMIte;
 419 mas trabalhava eu sempre trabalhei de garçonete;=
 420 =pra fazer os EXtras;
 421 mas às vezes eu NÃO conseguia::,
 422 é:: esse dinheiro suficiENte pra fazer esses extras;
 423 tipo ir em SHOW,

424 B4: [e faZIa do mesmo jeito;] ((ri))
 425 B1: [tomar cerVEja,]
 426 e fazia do mesmo JEito;
 427 por ISso que: [(inaudível);]
 428 B3: [a::h,]
 429 B4: é engraÇAdo que tipo assim,
 430 o sociAL ele pesa muito né com (.) questão de
 dinheiro,
 431 B3: um TERço de tudo que eu gastava;
 432 o momento da vida que eu tô mais economizANdo
 dinhEiro,=
 433 [=é aGOra;]
 434 B2: [eu tamBÉM;]
 435 B4: [é aGOra] porque não tem fEsta,
 436 não tem [NAdA;]
 437 B2: [é;]
 438 B3: PUta que pariu;
 439 B2: é verDAde;
 440 B3: vou pegar [Água;]
 441 B4: [e é] FOda cê falar nãO né;
 442 porque às vezes são datas especiAIS;
 443 B1: (inaudível)
 444 B4: então vai que nós vamos esperar pro PRÓximo;
 445 PAUsa o::,
 446 B3: NãO pode falar;
 447 B2: ah ela falou que POde ir (.) não tem problema;
 448 B1: vai;
 449 B4: mas tem que espeRAR;
 450 pra ele ouVIR as perguntas;
 451 B1: NãO não tem;
 452 B4: é:: você já precisou de ajuda para controLAR sua
 renda?
 453 se sim pra quem você pediu aJUda,=
 454 =paPAI; ((ri))
 455 B1: é controlar minha RENda;
 456 [paGAR minhas] dívidas;
 457 B3: [controLAR,]
 458 controLAR ou é,
 459 eu acho [que controLAR,]
 460 B2: [É:: é;]

461 B4: [NÃO] você já precisou de ajuda
para controlAr sua renda,

462 B1: já mas nunca pedi aJUda não;

463 B4: se sim para quem você pediu aJUda,
464 ah eu já LI sobre;
465 tipo assim quando eu tava na MERda,=
466 eu fui pre tipo pesquisa:R,=
467 e: (-) e ver o que que eu podia faZER;

468 B1: GUIa bolso;
469 e mesmo assim não deu CERto;

470 B4: nã::o [tem a me poupe lá] que ela é TOP demais;

471 B2: [eu até que NÃO;]
472 [a::h TÁ;]

473 B1: [(inaudível)]

474 B3: livrinho NOSsa em duas sentadas cê lê (xxx);

475 B4: e ele dá muita dica leGAL assim;

476 B3: tem uns exaGEros tem mas é bom;

477 B4: é; ((ri))

478 B3: é bom pra você traçar um proJEto (.) do que fazer;=
479 =tipo assim diviDIR,
480 cê tem esse diNHEIro,=
481 =cê tem que divi esse neGÓcio que eu falei,

482 B4: cê tem que penSAR em que né;

483 B3: do do da sua linha de GASTo;
484 eu aprendi com Ela;
485 de se você (.) ou das DUas Uma,
486 ou você ganha MAIS,
487 ou você aBAIXa o seu uhm,

488 B4: CUSTo de vida;

489 B3: CUSTo de vida;
490 são os dois caMInhos;

491 B4: [só que a gente NÃO tem,]

492 B1: [mas eu achei] a realiDAde dela mu::ito
diferente,=
493 =de achar que cê pode guardAR é trinta e cinco por
cento por mês,
494 que cê tava me expliCANdo isso;

495 B4: ah eu não me LEMbro mais;

496 B1: que cê só pode gastAR sei lá,=
497 =setenta e cinco por CENTo do que cê recebe;
498 <<levantando as mãos, PU> isso é pra quem POde né;>

499 B3: ah,
 500 B4: é::,
 501 B1: tipo assim você não tá falando nem da meTade dos
 cidadãos brasileiros;
 502 B3: é aí exataMENTe;
 503 [porque aí essa situaÇÃO;]
 504 B4: [aí nesse caso tem diNHEIro;]
 505 B1: e não é a MINha e (.) eu não tô inclusa nessa metade;
 506 se eu gastar setenta e cinco eu não pago o aluGUEL;
 ((levanta uma mão, PU))
 507 B4: mas a questão não é ESSa,
 508 porque ela enSina;
 509 B3: morar num lugar mais baRato;
 510 [ou] ter uma RENda maior;
 511 B4: [é;]
 512 B3: essas são as DUas coisas;
 513 B4: é e ela te dá essas opções de renda maiOR sabe,
 514 tipo assim (.) se: você tá ganhando POUco pelo que cê
 faz;
 515 tem uma porcentagem do seu diNHEIro,=
 516 =que é investimento em esTUDos em aprimoramento;
 517 que vai te fazer ganhar MAIS;
 518 entenDEU,
 519 então vai do que que cê QUER também;
 520 B1: hm: mas não é a realidade (.) independENTE;
 521 realidade (.) da maiORia;
 522 enFIM,
 523 (-) NUNca pedi ajuda nunca tive ajuda mas,
 524 B4: não paPAI,
 525 passar aPERto;
 526 B1: não (.) pra controLAR;
 527 [tipo pra] sanar minhas Dívidas;
 528 B4: [ah É;]
 529 B1: meus pAis (-) já fizeram MUITas vezes por mim;
 530 aGOra:,
 531 (--) pra controLAR nunca pedi ajuda pra ninguém e:,
 532 B3: é:,
 533 B2: [é: eu também NÃO;]
 534 B4: [é: controLAR é] difícil;
 535 B3: talvez pedir [(.) pra alGUÉM não;]
 536 B1: [estou luTANDO (xxx xxx);]

537 B3: mas pro QUE né,
 538 pro aplicaTivo (xxx) já pediu,
 539 B4: é::,
 540 B1: [é o (xxx xxx) já baixei umas QUINze vezes;]
 541 B2: [é mas isso aí é ferraMENTa né,]
 542 B3: uhm,
 543 B2: tipo taBELa;
 544 B3: eu usei por TRÊS meses o: (-) o: ,
 545 aplicativo do BANco do brasil;
 546 (---) todo trem [que eu passava no cartÃO,]
 547 B2: [u::hm,]
 548 B3: eu classificava como um tipo de GASTo;
 549 esse aQUI é,
 550 B2: hm entenDI;
 551 B3: aí no final das contas tem os GRÁficos certinho,
 552 B4: uhum eu vou ser assSIM um dia;
 553 B2: é esse é BOM;=
 554 =mas assim eu tô:: (-) eu VEjo isso;
 555 quanto que (.) pago com as CONtas,=
 556 =e aí (.) basicamente é coMida né,
 557 o que não É,
 558 B3: é: comida FOra;
 559 é::: (-) roLÊ;
 560 B2: é;
 561 [e porQUE eu fiz essa] conta quando eu vim pra cá;
 562 B3: [PEsa (xxx xxx);]
 563 B2: eu tinha um diNHEIro <<p> cê lembra né eu te falei;>
 564 eu tinha um dinheiro que eu tinha guardAdo,
 565 falei AH consigo (.) ficar (.) sem ganhar nAda,
 566 (-) e pagando meus TREM;
 567 (.) tanto TEMpo;
 568 só que até que rolou de::: com o auXÍlio,=
 569 e com as coisas que eu rolou de eu faZER,
 570 B3: eu fui faZER [as contas,]
 571 B2: [tá baTENdo] assim;
 572 eu não tô gastANdo muito desse resErvA,
 573 B3: eu gastAva teve fim de semana que eu gastei treZENTOS
 conto;
 574 NUM fim de semana;
 575 que eu fiquei assim que que <<p> IS::so,>
 576 B2: é:,

577 B3: e tipo asSIM,
 578 num é um fim de semana que eu gastei,
 579 por exemplo (.) é um boteco dois Uber,
 580 já deu oitenta conto entendeu,
 581 B4: uhu:m,
 582 B3: um aniversário que aí cê leva bebida,
 583 MAIS uber,
 584 MAIS o presente,
 585 B2: é::,
 586 B4: já era;
 587 B2: também mais oitenta;
 588 B3: [((ri))]
 589 B4: [((ri))]
 590 B2: aí tá tentando aparecer;
 591 B4: vamos pro próximo,
 592 governo de São Paulo aprova lei que pune,
 593 discriminação religiosa;
 594 (-) você acha importante que o governo tome medidas
 como esta,
 595 B3: Claro;
 596 B4: Com certeza;
 597 B2: sim:;
 598 B3: <<levantando as duas mãos, PU> pô o governo tá aí é
 pra isso né, ((ri))>
 599 B4: é uai; ((ri))
 600 pra controlar né;
 601 B2: se a galera [não tem noção;]
 602 B1: [(xxx) Vota no] governador,
 603 pra: Tipo,
 604 B2: o ideal seria todo mundo ter noção né,
 605 B3: é na real;
 606 B2: já já que,
 607 B3: mas leis são isso né,
 608 leis são pra (.) determinar regras que a gente não
 sabe fazer,=
 609 =de uma maneira natural;
 610 aí precisa alguém falar assim gente,=
 611 =Não pode fazer isso;
 612 B4: aí galera;
 613 B3: porque isso não é socialmente aceito é;
 614 B4: só pra você saber só;

615 B2: não que funcione né assim;
 616 B3: e: É;
 617 B2: é importante mas não é o (--) horizonte;
 618 B4: PRÓxima pergunta;
 619 existem LEIS assim no seu país de origem,
 620 B3: <<franzindo o cenho> acho que SIM né;>
 621 B2: NÃO sei;
 622 B4: não sei também;
 621 B1: tem lei de racismo,
 622 que inju inJúria né,
 623 B3: é;
 624 B4: não mas aqui é [discriminação religiosa;]
 625 B1: [discriminação religiosa;]
 626 eu acho que SIM;
 627 não tenho certeza;
 628 B4: mas é engraçado né porque:,
 629 o estado é LAICO;
 630 é meio ir (xxx XXX);
 631 B1: não é exatamente por isso;
 632 B2: é;;
 633 B1: o estado é LAICO;
 634 ele não PODE tipo assim;
 635 cê tá:: (-) indo CONTRA qualquer tipo de credo sei
 lá o que,=
 636 =não que o estado VÁ por ele;
 637 <<sorrindo> mas se ele ir por UM igual ele normalmente
 vai pro cartório;>
 638 B4: ainda VAI né;
 639 B1: é: TIPO,
 640 (-) o estado é LAICO ele tem que prezar pelos
 cidadãos;
 641 B2: TO:das as reli,
 642 B1: não pode ter A religião que ele quiser;
 643 B4: não: o SIM;
 644 B1: e ninguém pode::,
 645 B4: mas eu não sei se existem LEIS por conta da religião,
 646 B2: é: também NÃO;
 647 B4: mas agora a gente SABE,=
 648 =o governo de São Paulo aprovou lei,
 649 B3: lá em São Paulo TEM;
 650 B4: em São PAULO tem; ((ri))

651 é: próxima perGUNta;
652 você tem alguma PRÁTica religiOsa,
653 se sim (.) você se sente seGUro ao realizar essa
prÁTica,
654 B3: ninguém aQUi tem né,
655 B4: é: ninGUÉM aqui,
656 B1: balBÚrdia é,
657 B3: [((ri))]
658 B2: [((ri))]
659 B4: [((ri))]
660 acho [que a gente] [(xxx XXX) né,]
661 B2: [rituAIS,]
662 B3: [a minha religião é as ruína;]
663 B2: ((ri))
664 B1: carnaVAL,
665 B3: é nossa seNHOrA,
666 baRALho é religião,
667 B2: não eu às VEzes eu vou em <<pp> igrEja católica;>
668 até: (-) assim é coisa da minha faMÍlia;
669 B3: cê tá aqui há QUATro meses e não vi cê (.) nEm
comentar;
670 B4: ((ri))
671 B2: <<levando as mãos para frente> [O: aí oh respeita;]>
672 B4: [(xxx) TEMpo,]
673 B3: não não tô desrespeiTANDO,
674 só tô asSIM,
675 B2: [tem que SER (-) tem que ser:,]
676 B1: [às vezes eu queimo um homem no pentaGRAMa;] [((ri))]
677 B3: [((ri))]
678 B2: [ser viSÍvel assim a:,]
679 B1: [e não é todo Ano;]
680 B2: a minha [(-) meus riTUAIS,]
681 B3: [nã::o;] tô só questioNANDO mesmo;
682 B4: eu já fui MUIto mas eu fui tipo perdendo,=
683 [=porque] eu acho que a iGREja não acompanhou muito,=
684 B2: [nã:o,]
685 B4: tipo assim o desenvolvimENTO da gente sabe,
686 (-) tipo (.) de discussões importANTES,
687 de (.) e aí cê vai meio que perdendo a vontADE de Ir;
688 B3: de IR,
689 eu desde peQUEno nunca gostEi;

690 B3: [eu lembro que eu ia toda vez eu ficava impacI:nte;]
 691 B4: [eu gostava eu ia MUIto com a minha avó;]
 692 B2: [é é leGAL;]
 693 B1: eu CRISmei obrigada;
 694 minha mãe obriGOU;
 695 porque era SÁbado ela falou beleza,
 696 cê quer sair sábado mas ANtes cê vai na catequese;
 697 se cê NÃO for,
 698 [cê não SAI;]
 699 B3: [cê não SAI;]
 700 B1: eu crisMEI;
 701 B3: [((ri))]
 702 B2: [((ri))]
 703 B1: foi até os dezesSEIS anos;
 704 B2: [eu só fiz cateQUEse;]
 705 B3: [(inaudível)]
 706 B2: só fiz cateQUEse;
 707 B3: com aquele negocinho de uísque DENTro da:,
 708 [((ri))]
 709 B2: [((ri))]
 710 B1: [é::,]
 711 eu e a BÁRbara;
 712 [imagina era NÓS dois;]
 713 B3: [saía já (xxx xxx);]
 714 B1: e era muito bom porque ela faltou UM que eu não
 faltei;
 715 só UM;
 716 ela não conseguiu crisMAR; [((ri))]
 717 B2: [((ri))]
 718 B1: levou BOMba;
 719 B3: tiRA:da;
 720 B2: reproVAdA;
 721 B4: e ela tá na MISSa toda sexta feira agora;
 722 B1: e ela era caTÓlica,
 723 B4: é;
 724 B1: eu NÃO;
 725 B4: ela ia boniTInho;
 726 B3: ah mas por QUE que isso,
 727 B1: porque minha mãe me obriGAva;
 728 B3: mas por que que ela tomou BOMba,
 729 B2: [porque é tipo uma esCOLa;]

730 B1: [porque a gente matava deMAIS;]
 731 a gente falava que ia mas não IA;
 732 B2: é tipo uma esCOLa;
 733 B3: a::h,
 734 B1: e aí ela não foi uma das Uma vez,
 735 a Única,
 736 passei na casa dela VÃO ela ah não amiga,=
 737 =hoje não vou não beLEza;
 738 aí ela teria que ir prum reTIro,
 739 pra pra: forMAR;
 740 ela falou eu não vou no reti cê vai no reTIro comIgo,
 741 e eu nem fuDENdo, ((ri))
 742 eu crismEi nessa MERda;
 743 ela então eu não vou também NÃO;
 744 B3: que isso esse reTIro,
 745 B2: eu não quis crismAR;
 746 B3: [um sitiozinho com [(xxx) (.) GOSpel,]
 747 B2: [e aí meu (-) minha faMÍlia ficou meio:,]
 748 B1: não era assim nã:o era beijaÇÃO;
 749 B3: então por que que cê não FOI,
 750 B1: porque: (.) Esse (--) quando era das TURmas,=
 751 =era legal porque era todo mundo da nossa iDAde,=
 752 =foi assim que eu descobri que que era cubra LIbre;
 753 B3: [((ri))]
 754 B2: [((ri))]
 755 B1: mas,
 756 B2: encontro de JOvens;
 757 B1: mas tipo nesses de:: (---) esses retiro que era PRA
 galera que tinha que formar,
 758 era:: tipo os mais VELhos;
 759 tinha realmente roda de reli de REza,
 760 B2: [mais institucioNAL assim;]
 761 B1: [(-) eu fiCA:va (-) não dá mAis;]
 762 B2: ((ri))
 763 B1: vou gastar meu final de semana pra ISso;
 764 eu já namoRAva já;
 765 B2: vou tranSAR;
 766 B1: é (-) não sei se eu já tranSAva;
 767 B2: é: é eu acho que isso é uma COIsa,
 768 eu acho que se tivesse MUIta gente próxima,
 769 que frequentasse algum (-) alguma COIsa;

770 eu não eu talvez (--) me sentiria mais:,
 771 proFício a a participar;
 772 tipo assim qualQUER tipo;
 773 que: (---) mas ANtes eu tinha mais problema com o
 início do que eu tenho hoje tipo;
 774 hoje eu já: (-) <<p> acho MAIS,
 775 tem PARTes que eu acho legal assim;>
 776 B1: ((ri)) as MÚsicas cantigas delas;
 777 B4: é;;
 778 [aniMAdas né;]
 779 B1: [eu acho que elas eram leGAIS;]
 780 B2: não tem uns moMENTo meio assim,
 781 é porque (-) eu tinha muito eu tinha RAIva;
 782 de de iGREja;
 783 então eu bloqueAva;
 784 igual os discursos dos PAdres;
 785 cê fica asSIM,
 786 <<virando as mãos, PU> NÓ vei;>
 787 B3: que que tá roLANdo,
 788 B4: entenDI;
 789 B2: <<franzindo o cenho> aí assim> (-) tem outras COIsas
 né,
 790 (-) assim que podem ser interesSANTES;
 791 mas é é outra COIsa;
 792 B4: é;
 793 B2: caBOU,
 794 B4: caBOU;

APÊNDICE IV

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro participante,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto intitulado “Conceitos (inter-)culturais chave na interface entre interação, cognição e variação”, sob a minha responsabilidade, Prof^a Dr^a Ulrike Agathe Schröder, da Universidade Federal de Minas Gerais. Especificamente, a presente pesquisa dentro desse projeto se chama “Tabus linguísticos e o surgimento de eufemismos na fala-em-interação em língua portuguesa como L1 e L2”, supervisionado pela pesquisadora Fernanda Roque Amendoeira. O projeto de maneira geral propõe a análise de interações sobre diversos temas das esferas sociais e culturais. Ao participar dessa pesquisa, você estará contribuindo para estudos nas áreas da Pragmática, Linguística Cognitiva e Cultural e Análise da Conversa. Além disso, as filmagens visam integrar o corpus do centro de pesquisa Comunicação Intercultural em Interações Multimodais (ICMI), que já conta atualmente com filmagens de conversas entre indivíduos de diferentes contextos culturais, línguas maternas e línguas adicionais; o corpus seria então expandido para agregar ainda os dados desta pesquisa.

Você não é obrigado a participar do estudo e os resultados serão utilizados apenas para propósitos acadêmicos. Você é livre, também, para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento considerado oportuno, sem nenhum prejuízo. Ao divulgarmos algum dado da pesquisa, seu nome não será utilizado. Além disso, o acesso aos arquivos contendo interações filmadas e as gravações de áudio das entrevistas só será permitido a pesquisadores com acesso controlado ao corpus. Os riscos envolvem fornecer sua imagem e voz para o pesquisador, que poderá utilizar os dados, tanto de vídeo quanto de áudio, para finalidades científicas. O centro de pesquisa se compromete em autorizar acesso ao corpus exclusivamente a membros do meio acadêmico, estando qualquer tipo de download não autorizado. Dessa forma, propomos resguardar os participantes de informações que porventura se tornem públicas, levando a vazamento de informações pessoais etc. Há a possibilidade de busca por indenização judicial posteriormente, caso você julgue necessário.

As gravações da conversa entre você e outros participantes serão realizadas em:

_____ do dia: _____ às

_____ horas. Se, em qualquer momento durante as gravações, você se sentir constrangido com a presença da câmera, dos pesquisadores ou de outros participantes, você poderá ausentar-se da interação pelo tempo que julgar necessário. É possível, também, fazermos pausas conjuntas e até mesmo cancelar a filmagem durante sua execução e apagar os dados gravados até então, se, por qualquer razão, você desista da participação na pesquisa. Os dados poderão armazenados no Drive do centro de pesquisa ICMI, cujo acesso é exclusivo dos participantes pesquisadores, e no HD externo do ICMI, que se encontra no prédio da Faculdade de Letras da UFMG (Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte). Esse repositório possibilita ceder seus dados (imagem, vídeo e transcrições) para publicações futuras de outros pesquisadores. O acesso a esse repositório deverá passar por minha autorização, Prof^a Dr^a Ulrike Agathe Schröder, e caso o pesquisador requerente apresente boa justificativa para acesso ao corpus, enviaremos a você um Termo de Cessão de Uso de Imagem via e-mail e somente após seu consentimento permitiremos acesso à gravação. Portanto, solicitamos que você escolha qual opção melhor se adequa aos seus desejos quanto ao armazenamento do vídeo da conversa:

(a) uso do material só para a pesquisa específica - com guarda até 5 anos; ()

(b) uso do material para outras pesquisas. ()

Nesse caso, você deseja ser recontactado?

() sim () não

(c) uso do material para essa pesquisa e seu arquivamento permanente na internet para a composição de um corpus (banco de textos, somente da transcrição e imagens, sem acesso ao vídeo). ()

Comprometo-me ainda a divulgar os resultados para os participantes que demonstrarem interesse em obter informações sobre eles (enviando um e-mail para schroederulrike@gmx.com). Caso surja qualquer dúvida ou problema relacionado aos procedimentos adotados nesta pesquisa, você poderá contatar a pesquisadora responsável na Faculdade de Letras da UFMG através do e-mail: schroederulrike@gmx.com. Você pode também buscar informações sobre aspectos éticos desta pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, localizado na Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2. andar, sala 2005, CEP: 31270-901, BH-MG, e-mail: coep@prpq.ufmg.br. É também possível entrar em contato com a pesquisadora Fernanda Roque Amendoeira, através

do e-mail fernandaroque006@gmail.com. Ainda, você poderá entrar em contato com CEP-UFMG através do telefone (31) 3409-4592 e do e-mail coep@prpq.ufmg.br. O termo seguirá em duas vias, sendo que uma será entregue a você, participante da pesquisa.

Assim, se você se sentir suficientemente esclarecido (a), solicito a gentileza de escrever seu nome e assinar sua concordância nos espaços em branco abaixo.

Eu, ..., confirmo estar esclarecido(a) sobre a pesquisa e concordo em dela participar.

Assinatura:

E-mail: